

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JULIANA BEATRIZ FERREIRA DE SOUZA

***This is us: um estudo psicanalítico sobre a influência da transmissão psíquica na construção da conjugalidade, em três gerações***

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes

SÃO PAULO

2021

JULIANA BEATRIZ FERREIRA DE SOUZA

***This is us: um estudo psicanalítico sobre a influência da transmissão psíquica na construção da conjugalidade, em três gerações***

**Versão Corrigida**

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes

SÃO PAULO

2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catlogação na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira de Souza , Juliana Beatriz

This is us: um estudo psicanalítico sobre a influência da transmissão psíquica na construção da conjugalidade, em três gerações / Juliana Beatriz Ferreira de Souza ; orientador Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2021.

109 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Conjugalidade. 2. Psicanálise. 3. Família. 4. Transmissão Psíquica . I. Gomes, Isabel Cristina, orient. II. Título.

Nome: SOUZA, Juliana Beatriz Ferreira de

Título: *This is us*: um estudo psicanalítico sobre a influência da transmissão psíquica na construção da conjugalidade, em três gerações.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Profº Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Aos meus pais, Leonina e Antônio, que me inseriram em uma história e transmitiram  
aquilo que me trouxe até aqui.*

*Aqueles que, assim como eu, são fascinados pelos estudos de casal e família*

*Para os fãs de This is us*

## AGRADECIMENTOS

À Professora Isabel Cristina Gomes pela acolhida desde o primeiro momento quando me inscrevi como aluna especial em uma de suas disciplinas em 2018. Agradeço toda a orientação, inspiração e aprendizagem ao longo desse tempo, por ter me recebido como orientanda e acreditado no meu projeto. Jamais me esquecerei da jornada que sua acolhida me proporcionou!

À minha mãe Leonina e às minhas tias Dirce, Cleusa e Elza, que mesmo sem compreenderem o processo da pesquisa, entenderam que seguir esse caminho foi importante para mim, me apoiando cada qual à sua maneira.

Ao meu pai Antônio (*in memoriam*), que mesmo tendo partido muito cedo, esteve presente nesse trajeto, pois desde pequena me incentivou a estudar, desejando que eu tivesse um futuro melhor.

Às minhas queridas companheiras de jornada do mestrado Ana Clara Fusaro Rodrigues e Paula Puertas Beltrame, que também se tornaram minhas companheiras de vida e de profissão. Não sei o que teria sido de mim sem a presença e a amizade de vocês. Palavras me faltam para agradecer as inúmeras ligações e mensagens nesse período de pandemia.

À Kelma Assunção Sousa Lacerda de Almeida, por toda a parceria que construímos durante esse percurso.

Aos colegas do grupo de orientação e do *Laboratório de Casal e Família: clínica e estudos psicossociais*, pela companhia e aprendizados durante esse período.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - (Código de Financiamento 001/ Processo: 33002010039M3) pelo apoio financeiro que possibilitou que eu me dedicasse integralmente à realização desta pesquisa.

Às minhas amigas e amigos, Bianca Maira Gonçalves, Luiza Alcantara, Vitor Prado, Giovanna Biasotto, Larissa Monteiro, Amárilis Ferraz, Virgínia Helena, Caio Augusto, Juliana Rocha, Camila Sant'Anna, Ana Caroline Amaral, Edgar Bendahan e Roana Braga

que me incentivaram desde o início, quando a presente pesquisa ainda era só um projeto construído para um processo seletivo, mas carregado de desejo de ser levado adiante. Eu não teria conseguido sem o apoio de vocês!

Também agradeço à Camila Sant'Anna, Ana Caroline Amaral, Edgar Bendahan e Roana Braga por se disponibilizarem a me ouvir quando eu precisava conversar sobre o trabalho e *This is us*, ofertando um apoio para que eu continuasse investindo nas minhas ideias.

Às pessoas incríveis que conheci durante minha jornada na USP e no CRUSP, em especial à Cora, Mayara, Julia, Sarah (repcionista do CRUSP). Também aqueles com quem pude conversar durante um café ou almoço, pois, mesmo na brevidade, alegraram os intervalos entre aulas e estudos.

Aos professores do Instituto de Psicologia, por todo o aprendizado propiciado em suas disciplinas. Aos funcionários do Instituto de Psicologia, a Claudia Rocha e ao Gustavo Carneiro da Silva pela prontidão em tirar dúvidas e em ajudar. Aos funcionários da Biblioteca Dante Moreira Leite, pela disponibilidade e alto-astral.

Aqueles que me acolheram e se disponibilizaram para me ajudar no que fosse necessário durante esse período em São Paulo: Juliana, Roana, Leila, Felipe e seus respectivos familiares.

À Dona Teresa, vó da Ana Clara, que me recebeu com almoços deliciosos, passeios e um acolhimento que jamais me esquecerei, confiando em mim para estar em sua casa e ouvir sua história. Que sorte a minha ter conhecido a Ana Clara lá em 2018 e que ela me fizesse sentir que eu também tinha uma família longe de casa. Vocês foram especiais e eu só queria abraçar vocês nesse momento! Obrigada por tanto!

Ao Nelson de Souza pela escuta e acolhimento de anos que me possibilitaram entrar em contato com os meus desejos e encarar essa jornada de uma maneira sincera e corajosa, apesar de todos os medos.

À Thassia Souza Emidio, que desde a Graduação me incentivou a seguir o caminho da pesquisa e a acreditar que eu poderia ir mais longe e fazer mestrado na USP. Obrigada

por me acompanhar e torcer por mim! Também agradeço pelas preciosas contribuições na Banca do Exame de Qualificação e na Defesa.

À Máira Bonafé Sei, pelas contribuições na Banca do Exame de Qualificação que possibilitaram que eu caminhasse com a pesquisa e pelas importantes observações na banca de Defesa.

Por último, ao Dan Fogelman e seus colaboradores, pois ainda que eu não os conheça pessoalmente, sou imensamente grata pela história incrível e de tanta sensibilidade que vocês criaram e que me proporcionou um material rico para este estudo.

*“Então, pinte isso, pois acho que a peça é sobre a vida, sabe? E a vida é cheia de cores e cada um vem e adiciona sua própria cor à pintura. E mesmo que não seja muito grande, a pintura, vocês veem que continua para sempre, em todas as direções. Tipo o infinito. Porque a vida é meio assim, certo? É muito louco se pensar que, há 100 anos, um cara que nunca conheci veio para esse país com uma maleta. Ele teve um filho, que teve um filho, que me teve. E enquanto eu pintava, pensei que talvez aqui de cima seja a parte dele e aqui embaixo, a minha parte da pintura. E, então, comecei a pensar: e se todos estivermos na pintura toda? E se estávamos na pintura antes de nascer? E se estivermos nela depois de morrer? E se as cores que continuamos adicionando, ficarem uma em cima da outra, até que um dia não seremos mais cores diferentes? Seremos... uma coisa só. Uma pintura. Meu pai não está mais entre a gente. Ele não está vivo, mas está com a gente. Ele está comigo todos os dias. Tudo se encaixa de alguma forma. E mesmo que não entendam ainda, as pessoas que amamos morrerão em nossas vidas. No futuro. Talvez amanhã. Talvez daqui a alguns anos. É até bonito se for pensar que só porque alguém morre, só porque não pode mais vê-los ou falar com eles mais, não significa que não estejam na pintura. Acho que esse é o intuito da coisa. Não existe morte. Não tem você, eu ou eles. Somos só nós. E esta coisa confusa, selvagem, colorida e mágica que não tem começo e nem fim. Isto, bem aqui, acho que somos nós”.*

Kevin Pearson (THIS, 2016)

SOUZA, J. B. F. *This is us: um estudo psicanalítico sobre a influência da transmissão psíquica na construção da conjugalidade, em três gerações*. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

## RESUMO

Tendo em vista o período de transição entre os modelos de conjugalidade na atualidade e suas contradições entre o que muda e o que permanece, a presente dissertação teve como objetivo compreender como ocorre a construção e manutenção do vínculo conjugal a partir do estudo de três gerações de uma família, segundo a série *This is us*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se utilizou da psicanálise aplicada, em que o seriado *This is us* foi tomado como um caso clínico e interpretado à luz dos estudos psicossociais acerca das modificações na conjugalidade e nos papéis sociais e dos apontamentos da Psicanálise Vincular sobre a transmissão psíquica. Observou-se que a conjugalidade da terceira geração, embora tenha sido construída em meio aos valores contemporâneos, sofreu a influência dos conteúdos e dos pactos inconscientes do grupo familiar no qual se subjetivaram. Tomando a história geracional da família Pearson, evidenciou-se que os acordos amorosos foram realizados de forma a manter os sintomas e os não ditos; com a concomitância entre os valores do contemporâneo e do passado, os quais indicaram uma transmissão dos papéis sociais e do modo de ser casal dos pais. A escolha dos parceiros nessa terceira geração visava à reprodução do modelo familiar associada aos lugares que cada filho ocupava em sua família de origem. Diante disso, foi possível compreender que o modelo de conjugalidade transmitido pelos pais se repetiu nos filhos, indicando que alguns conteúdos não puderam contar com uma continência psíquica para virem à tona, serem apropriados e dotados de um novo significado em seus descendentes. Assim, a análise do material visou também contribuir com a clínica de casal e família na medida em que traz à tona todo o jogo relacional entre as gerações.

**Palavras-chave:** Conjugalidade. Psicanálise. Família. Transmissão psíquica.

SOUZA, J. B. F. *This is us: a psychoanalytic study on the influence of psychic transmission in the construction of conjugality, in three generations*. 2021. Dissertation (Master in Clinical Psychology) - Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2021.

### **ABSTRACT**

Considering today's transition period between the models of conjugality and the contradictions between what changes and what remains, the present dissertation aimed to understand how the construction and maintenance of the conjugal bond occur through the study of three generations of a family, according to TV series *This is us*. This is a qualitative research, which used applied psychoanalysis, in which the series *This is us* was taken as a clinical case and interpreted in the light of the notes of Link Psychoanalysis about psychic transmission and the psychosocial studies about the changes in conjugality and in the social roles. It was observed that the conjugality of the third generation, although it was built in the midst of contemporary values, suffered the influence of the contents and the unconscious pacts of the family group in which they were subjectivated. In the generational history of the Pearson family, it was evident that the romantic agreements were made in order to maintain the symptoms and the non-said; with the concomitance between the values of the contemporary and the past, which indicated a transmission of social roles and the parents' type of couplehood. The partner choice in this third generation aimed at reproducing the family model associated with the roles that each child played in his or her family of origin. Therefore, it was possible to understand that the conjugal model transmitted by parents was repeated in their children, showing that some contents couldn't find psychic continence to emerge, be appropriated and endowed with a new meaning in their descendants. Thus, the analysis of the material also aimed to contribute to the couple and family clinic as it uncovers the dynamics between the generations as a whole.

**Keywords:** Conjugality. Psychoanalysis. Family. Psychic Transmission

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	14
2 – FAMÍLIA E CONJUGALIDADE: UM BREVE HISTÓRICO .....	18
2.2 - Século XX: o casal moderno, o modelo tradicional e os papéis sociais .....	21
3 – CONJUGALIDADE E CONTEMPORANEIDADE: OS PAPÉIS SOCIAIS E A TRANSIÇÃO ENTRE OS MODELOS RELACIONAIS .....	25
3.1 - A incidência dos valores contemporâneos na construção da conjugalidade..	28
3.2 - Conjugalidade na atualidade: contradições entre o novo e o tradicional .....	31
4 – A TRANSMISSÃO PSÍQUICA E A CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE POR MEIO DA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE VINCULAR .....	35
4.1 - A conjugalidade, os pactos e as alianças inconscientes no casal .....	41
6 – OBJETIVOS .....	45
7 – METODOLOGIA.....	46
8 – RESULTADOS .....	50
8.1 - Genograma da família Pearson.....	51
Figura 1: Genograma .....	51
8.2 - Rebecca e Jack e suas famílias de origem .....	52
8.2.1 - O casal Rebecca e Jack .....	54
8.2.2 - A família que Rebecca e Jack construíram.....	55
8.2.3 – O alcoolismo de Jack na conjugalidade com Rebecca.....	58
8.2.4 - Interpretando a conjugalidade dos pais - Jack e Rebecca.....	60
8.3 - Kevin.....	66
8.3.1- Kevin e Sophie .....	68
8.3.2 - O alcoolismo de Kevin na conjugalidade com Sophie.....	69
8.3.3 - Kevin e Zoe .....	70
8.3.4 - O alcoolismo de Kevin na conjugalidade com Zoe.....	71
8.3.5 - Outras questões que permeiam a relação de Kevin e Zoe .....	72
8.3.6 – Interpretando a construção da identidade e conjugalidade de Kevin .....	73
8.4 - Kate.....	79
8.4.1 - Kate e Toby .....	81
8.4.2 – O sobrepeso de Kate na conjugalidade com Toby .....	82
8.4.3 - A presença de Jack na relação de Kate e Toby .....	83
8.4.4 - A parentalidade para Kate e Toby .....	83

<b>8. 4. 5 - Interpretando a construção da identidade e conjugalidade de Kate.....</b>	<b>85</b>
<b>8. 5 - Randall .....</b>	<b>90</b>
<b>8. 5. 1 - Randall e Beth .....</b>	<b>92</b>
<b>8. 5. 2. – A ansiedade de Randall na conjugalidade com Beth .....</b>	<b>94</b>
<b>8. 5. 3 - A parentalidade para Randall e Beth.....</b>	<b>96</b>
<b>8. 5. 4 – Interpretando a construção da identidade e conjugalidade de Randall....</b>	<b>97</b>
<b>9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

Observamos que hoje em dia há uma variedade de modos de se construir uma relação, uma família. Encontramos pessoas solteiras por opção, casais que apenas moram juntos ou namoram, casais poligâmicos, ou aqueles que se arriscam em uma relação aberta ao invés da tradicional monogamia, os que se conhecem por aplicativos, enfim, as várias conjugalidades. Mas estas opções nem sempre estiveram disponíveis, pois durante muito tempo a escolha amorosa e de parceiro não dependia exclusivamente da vontade dos indivíduos, existindo modelos relacionais que deveriam ser seguidos e que não podiam ser contestados. Esses modelos foram se modificando de acordo com as mudanças oriundas de movimentos sociais que geraram novas construções subjetivas e relacionais.

Todavia, mesmo na existência de outras vivências conjugais, as quais são pautadas em uma maior simetria entre os sexos, em relações mais democráticas, na parentalidade igualitária, na divisão das tarefas domésticas, além de estarem disponíveis para escolha livre dos parceiros, há alguns aspectos dos ideários anteriores que se apresentam na conjugalidade contemporânea. Diante dessas mudanças, alguns estudos (CAMPANA; GOMES, 2017; CYPEL, 2016; GOMES, 2013; JABLONSKI, 2010; OZÓRIO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2017) apontam a insegurança que o sujeito pode sentir frente ao que seguir e o paradoxo entre os novos e antigos modelos, uma vez que mesmo na tentativa de se romper com algum ideário tradicional, este pode aparecer no modo de vinculação atual.

Esses resquícios podem se referir, então, a conteúdos que foram recebidos geracionalmente e que vieram à tona na conjugalidade com o par escolhido. Isso, pois, ainda que o modo de ser casal e família seja atravessado pelas transformações sociais, há similarmente modelos internos recebidos por cada cônjuge e que são atualizados na relação. Isso ocorre pelo fato de o sujeito estar inserido em um meio familiar e social, sofrendo ressonâncias de ambos os espaços durante seu processo de subjetivação. Como aponta Passos (2005, p. 11), esse processo denota “novas roupagens ou diferentes arranjos e atualizações de experiências já vividas por outras gerações”.

Diante disso, adentra-se na perspectiva da Psicanálise Vincular e da intersubjetividade (KAËS, 2001, 2011), na qual o sujeito é compreendido como aquele que se constitui em um grupo familiar por meio do vínculo que estabelece com os outros sujeitos desse grupo. Assim, ocorre uma transmissão de conteúdos de uma geração a

outra, o que inclui a transmissão de modelos relacionais que se referem, muitas vezes, à época em que as gerações passadas viveram e se relacionaram, cabendo ao indivíduo que os recebe se apropriar dos mesmos, elaborá-los ou, quando isso não é possível, repeti-los. Então, aspectos envolvidos na herança geracional de cada um dos cônjuges estará presente na conjugalidade (KAËS, 2014; OLIVEIRA, 2014) em concomitância com as mudanças sociais, o que a Psicanálise Vincular possibilita refletir.

Considerando os paradoxos em termos subjetivos e relacionais do cenário contemporâneo, pensar o sujeito a partir de seu contexto familiar tem auxiliado na compreensão de alguns casos na clínica, como aqueles em que o sujeito se mantém, por exemplo, em um relacionamento que se assemelha a algum aspecto da conjugalidade de seus pais ou, que diz do papel feminino e masculino de outrora e dos conflitos ocasionados pela repetição desses aspectos. Segundo Kaës (2011) e Berenstein (2011), há sofrimentos específicos de cada configuração vincular, que não são iguais a de outras famílias, casais, grupos. Sofrimentos que, só podem ser apreendidos se considerados dentro do contexto em que o vínculo se construiu e dos pactos e alianças inconscientes acordados entre as pessoas que o compõem, “sofrimentos psíquicos e [...] psicopatologias ‘de outro modo inacessíveis’” (KAËS, 2011, p. 19).

Mas, não apenas no contexto da clínica essas situações têm se evidenciado, uma vez que podemos observar as contradições presentes na construção da conjugalidade contemporânea no nosso cotidiano, em pessoas próximas ou em nossas próprias relações. Essas contradições entre o novo e o tradicional, e as transformações de papéis femininos e masculinos, da família e do casal é propagada também pela cultura por meio dos materiais fictícios, como filmes, livros, novelas, séries de TV. Estas, inclusive, se tornaram parte da nossa rotina, tal como as novelas outrora ocuparam esse lugar, principalmente com o advento dos *streamings*.

Atualmente, uma série de TV que tem se destacado, envolvido e emocionado o público, por apresentar situações cotidianas e acompanhar a vida de uma família ao longo dos anos é *This is Us* (THIS, 2016)<sup>1</sup>, lançada em 2016 e que se encontra atualmente em sua Quinta temporada.

---

<sup>1</sup> A série *This is Us* tem produção de Dan Fogelman, Jess Rosenthal, Donald Todd, Ken Olin, Charlie Gogolak, John Requa, Glenn Ficarra, Issac Aptaker, Elizabeth Berger e Kay Oyegun. Sendo um programa de TV aberta exibido pelo canal americano NBC, a série chegou ao Brasil por meio de plataformas de assinatura, como o *Prime vídeo* e a *Fox premium*

A série tem início no ano de 2016, mostrando o aniversário de 36 anos dos irmãos Randall, Kate e Kevin, a vida que cada um construiu, seus trabalhos, suas relações amorosas e familiares, de modo que a cada temporada da série se passa um ano da vida dessas pessoas. Em paralelo, assistimos aos flashbacks de como esses irmãos viveram seus períodos de infância e adolescência, suas experiências familiares e as demais relações de suas vidas. Também temos acesso de como foi a vida daqueles que os antecederam: de seus pais antes de se conhecerem, a relação deles com seus próprios pais e os valores sociais sobre família e casal de cada época.

Destarte, o contexto histórico-social apresentado na série se mostra de grande valor ao ir acompanhando as mudanças sociais americanas desde a década de 1960, como a independência feminina, a Guerra do Vietnã, a adoção interracial, até o presente ano de 2021, abordando temas como a pandemia e o movimento “*blacks lives matter*”. Assim, consiste em um material que apesar de ser contemporâneo, se propõe a apresentar uma passagem de tempo, de vida desses personagens, e que se mostra como uma possibilidade de aprofundamento do estudo entre as gerações.

Em vista disso, optamos por escolher essa obra fictícia enquanto objeto de análise do presente estudo, visando a compreensão da influência desse grupo familiar e da transmissão psíquica na conjugalidade construída pela terceira geração (Kate, Kevin e Randall). Ou seja, se foi possível para esses filhos construir algo novo ou se ficaram fadados a repetir o modelo de relação que receberam.

Tal uso da série de TV enquanto objeto de estudo é possível a partir da Psicanálise aplicada, a qual é utilizada, nas palavras de Mezan (2019, p.318) para “àquilo que não é estritamente clínico”, mas que proporciona contribuições para a clínica, uma vez que o investigador se coloca diante deste material tendo como princípio a interpretação psicanalítica. Assim, esta dissertação se insere dentro da articulação entre Psicanálise e Arte, ou seja, Psicanálise aplicada a uma produção da cultura, intencionando refletir e colaborar com as demandas relacionais que tem se evidenciado na clínica e no cotidiano.

No capítulo “Família e conjugalidade: um breve histórico”, retomamos os modelos de ser casal e família que moldaram as vivências amorosas, familiares e de papéis sociais em outros períodos até meados do século XX, quando esses valores começaram a serem implementados com os afetos e lentamente modificados.

No capítulo “Conjugalidade e contemporaneidade: os papéis sociais e a transição entre os modelos relacionais” abordamos as configurações das relações conjugais e

familiares na contemporaneidade e o que apresentam de contradição e desafios. Abordamos também a transição entre os novos e os velhos modelos.

Por sua vez, no capítulo “A transmissão psíquica e a construção da conjugalidade por meio da perspectiva da psicanálise vincular”, apresentamos alguns apontamentos da Psicanálise Vincular sobre a transmissão psíquica, a constituição subjetiva do sujeito do grupo, a construção da conjugalidade e as alianças inconscientes empreendidas pelo casal e pelo grupo familiar.

Em seguida, explicitamos os objetivos da pesquisa e o percurso metodológico escolhido. Nos Resultados, organizamos e representamos o material de análise por meio de um Genograma e de uma narrativa clínica para a história geracional, subjetiva e conjugal da família Pearson. Nesse caminho, optamos por discutir e interpretar os percursos subjetivos e conjugais do casal parental e de cada um dos filhos, costurando esses conteúdos com as contribuições dos capítulos teóricos.

Por último, elucidamos as Considerações Finais, articulando os objetivos do estudo com os resultados apresentados.

Isso posto, esse estudo objetivou contribuir para o entendimento desses aspectos, da influência daquilo que foi transmitido na construção da conjugalidade da geração atual de um grupo familiar, e o quanto foi possível para a terceira geração ser herdeira dos modelos relacionais das gerações precedentes e não apenas uma mera reprodutora.

## 2 – FAMÍLIA E CONJUGALIDADE: UM BREVE HISTÓRICO

Nesse capítulo, pretendemos traçar um percurso de como os modelos de ser casal e família se constituíram e foram perpassados pelos padrões e costumes de cada período histórico. Também iremos discorrer sobre a influência do romantismo e do modelo patriarcal na vivência conjugal e na atribuição de papéis para cada componente do casal. Em seguida, abordaremos as transformações ocorridas na passagem do século XIX para o século XX.

Na atualidade, os modelos de ser casal e família se apresentam a partir da liberdade em torno da escolha pelo parceiro e da configuração que irá se formar a partir dessa união, assim como as várias possibilidades de ser família. Todavia, antes dessa aura de liberdade, outros modelos foram instituídos ao longo da história para que o indivíduo se relacionasse, nos quais nem sempre a vontade dos envolvidos e os afetos prevaleciam. Houve uma dissociação entre amor, casamento, sexo e família até meados do século XIX, quando, pela primeira vez, esses elementos passaram para o mesmo plano.

De acordo com Moguillansky e Nussbaum (2011), o casamento, antes de dizer dos interesses dos parceiros, esteve por muito tempo ligado a uma moralidade, a normas sociais e a valores que o regularizavam, sendo sustentado pelo direito e pela religião como uma instituição que estabelecia e mantinha um laço. O casamento estabelecia deveres, mas também possibilitava benefícios aos esposos e em algumas situações, para suas respectivas famílias de origem (DEL PRIORE, 2006; MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011). Ou seja, o casamento dizia mais da união entre duas linhagens do que entre duas pessoas, colaborando para resolução de questões sociais e econômicas, sendo que o que mais valia era a palavra do homem para com a família da esposa (DEL PRIORE, 2006).

Costa (2004), Del Priore (2006), Foucault (1988), Lins (2012) e Moguillansky e Nussbaum (2011) apontam que o casamento tinha como finalidade a contenção dos desejos carnis, tendo sido um modo que a Igreja encontrou para monitorar a sexualidade do indivíduo. Assim sendo, durante muito tempo, a união entre um homem e uma mulher restringiu-se à constituição familiar, a uma formalização por meio do direito e da religião, sendo associada somente à procriação, à sucessão de patrimônio, a interesses familiares e às normas sociais (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012; MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011). A monogamia e a indissolubilidade perpassavam a união (DEL PRIORE, 2006).

Havia uma disparidade entre os sexos, de modo que a inferioridade feminina perpassava o casamento, sendo concebida e embasada na diferença e na complementaridade entre o homem e a mulher para além do encaixe dos corpos, de modo a definir uma troca de afetos, uma confiança e uma identificação entre os parceiros. Contudo, os afetos pouco importavam para a escolha do par, pois deveriam surgir com a convivência matrimonial (DEL PRIORE, 2006).

Durante a Revolução Industrial e no início da Modernidade, os afetos foram lentamente inseridos na relação com a migração das famílias do campo para os espaços urbanos e com a transição da família extensa, na qual todos os membros familiares conviviam juntos, para o modelo de família nuclear, que presumia o pai, a mãe e os filhos (LINS, 2012). Esse processo deu início à separação entre o espaço público e o privado, este se configurando como o lugar da intimidade.

Em meio a essa transição, os ideais românticos recém-inventados começaram a ser atribuídos ao casamento, como elucida Lins (2012), o que, segundo Del Priore (2006), corroborou para que o amor paixão e o amor conjugal passassem para o mesmo plano relacional, ocasionando a aceitação da moral do romantismo, bem como sua naturalização (COSTA, 1998). Assim sucedendo, o amor romântico alcançou seu auge durante o século XIX, operando como um manual de comportamentos sociais que ia de encontro com as pretensões de felicidade e de autonomia que o sujeito moderno possuía (COSTA, 1998).

O ideal romântico dizia de uma união mística entre os parceiros e de uma completude, criando a ilusão de uma reciprocidade sentimental entre o casal. Costa (1998), Lins (2012) e Mogueillansky e Nussbaum (2011) apontam a crença de que o sujeito encontraria a felicidade com essa união. Entretanto, vale ressaltar que apesar dessa idealização romântica, da relevância recém-adquirida do amor e da intimidade dentro do casamento, este ainda não pressupunha a realização na prática desses elementos.

Existia um controle da sexualidade, principalmente da feminina, uma vez que pairava o temor de que ocorresse uma supressão da divergência entre os sexos caso fosse permitido o exercício livre da sexualidade (ROUDINESCO, 2003). A vivência familiar e conjugal era controlada de acordo com a intenção do Estado e dos especialistas da época (COSTA, 2004; FOUCAULT, 1988), para que nada escapasse à norma. Para tanto, haviam papéis bem definidos para cada sexo, que visavam diminuir os fatores de tensão entre o par (COSTA, 2004). Assim, a vertente romântica foi cerceada durante esse período e por parte do século XX pela existência de uma hierarquia entre os homens e as mulheres, em que o marido era detentor da autoridade e, a mulher, sua subordinada,

hierarquia esta que era legitimada socialmente, funcionando como um organizador das relações (COSTA, 2004; MEZAN, 2003).

A mulher era considerada mais emocional do que intelectual, devendo ser dotada de qualidades como a submissão, a delicadeza, a amorosidade, a bondade, as quais a tornavam feita para amar e ser amada (COSTA, 2004; GIDDENS, 1993). Deste modo, a maior propensão da mulher para os sentimentos a levou a explorar mais a intimidade do que o homem (GIDDENS, 1993). Para ela, o amor romântico ligado ao casamento e à sexualidade funcionava como um planejamento do seu futuro, como um modo de organização de sua vida pessoal e como uma maneira de construção de sua autoidentidade (GIDDENS, 1993), uma vez que se voltava para dentro de si, para suas emoções internas (RAMOS, 2003). Além disso, o casamento funcionava como uma forma de obter uma independência, ainda que contraditória, uma vez que saía da casa dos pais para viver em função do marido, do lar e dos filhos (GIDDENS, 1993).

O homem era descrito a partir de sua potência, de seu intelectual e força física, não sendo tão inclinado para o amor quanto as mulheres (COSTA, 2004), isso pois “os homens tenderam a ser ‘especialistas em amor’ apenas com respeito às técnicas de sedução ou de conquista” (GIDDENS, 1993, p. 71). Assim, sua autoidentidade ocorria no espaço de fora, por meio do trabalho, como provedor do lar, pai de família, aquele que detinha a palavra e a autoridade perante a esposa e os filhos (COSTA, 2004; DEL PRIORE, 2006; GIDDENS, 1993). Assim, o poder masculino residia em ter influência na vida da mulher, a considerando como um de seus bens, além de ter o direito de interferir no processo de educação dos filhos, passando seus valores para eles (COSTA, 2004).

Essa estrutura relacional e familiar garantia a perpetuação da humanidade, bem como a passagem do legado cultural (RAMOS, 2003). Portanto, os ideais românticos eram perpassados por normas sociais e sua realização presumia um modelo de casamento indissolúvel e monogâmico, o patriarcalismo, a repressão sexual e uma escolha de parceiro não livre.

Esses padrões começaram a ser modificados com a passagem para o século XX a partir das transformações socioculturais que ocorreram nos modelos apresentados acima, caminhando gradualmente para o ideário do casal e da família moderna.

## 2.2 - Século XX: o casal moderno, o modelo tradicional e os papéis sociais

Com a passagem para o século seguinte, Del Priore (2006), Lins (2012) e Moguillansky e Nussbaum (2011) elucidam que os casamentos por arranjo começaram a declinar, a opinião dos parceiros passa a ter relevância e o sentimento amoroso recíproco se torna o alicerce das uniões. Segundo Moguillansky e Nussbaum (2011) esse estabelecimento do casal por meio de um afeto recíproco constituiu o que veio a ser chamado de casal moderno, o que Denis Rougemont<sup>2</sup> (1958 apud MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011, p. 17) entende como “uma invenção do Ocidente”. Assim, criou-se a ideia de um par que se estabelecia e se sustentava por meio da ilusão de uma reciprocidade amorosa, que apesar de ser uma ideia que surgiu com o romantismo, somente foi colocada em prática no século XX devido às restrições relacionais impostas por nós mencionadas acima.

A essa nova concepção de casal acrescentou-se a crença de que seria possível atingir uma suposta felicidade, o que lançou os sujeitos numa procura por esse par e para alcançar esse amor, como percebem Costa (1998), Moguillansky e Nussbaum (2011) e Lins (2012). O novo proporcionado por esse invento reside que o par e, em segundo momento, a família que irá se formar a partir dessa união, é sustentada nesse tecido afetivo, na ideia de reciprocidade, principalmente após a Primeira Guerra Mundial (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011).

Nessa conjuntura, os costumes foram ficando cada vez mais íntimos e com o advento das novas tecnologias, como o carro e o telefone, a presença de um acompanhante durante os encontros foi passando para segundo plano (LINS, 2012), além de que os namoros se tornaram mais físicos do que outrora e experienciados nos espaços públicos (DEL PRIORE, 2006). Contudo, os novos costumes ainda dividiam espaço com os preceitos tradicionais propagados anteriormente, o que pode ser visto, por exemplo, na manutenção da distribuição de papéis para os respectivos esposos (DEL PRIORE, 2006).

Essa definição adquiriu novos contornos e se tornou imponente durante a década de 50, a qual ficou conhecida como Anos Dourados (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006). Nesse período, as revistas femininas como *O Cruzeiro* e a *Housekeeping Monthly*, entre outras, funcionavam como manuais de conselhos e dicas de como a mulher deveria se colocar perante o marido para conservar o casamento (BASSANEZI, 2000; DEL

---

<sup>2</sup> ROUGEMONT, D. **El Amor y occidente**. Barcelona: Editorial Kairos, 1958.

PRIORE, 2006). As dicas consistiam em relevar os *affairs* do marido, estar sempre bem arrumada e cuidada, não discordar do esposo, ser dócil, tornar o espaço da casa um local de descanso para o marido, pois era ele quem provia a renda familiar (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006).

Acerca da felicidade conjugal, Bassanezi (2000, p. 627, itálico da autora) elucida que “o bem-estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da *felicidade conjugal*, a felicidade da esposa viria como consequência de um *marido satisfeito*”. No mais, a mulher se sentia feliz se o esposo cumprisse com sua função de provedor e oferecesse proteção, enquanto que o homem considerava como boa esposa a mulher que exercesse sua função de cuidado com a prole e o lar, lhe providenciasse roupas limpas e passadas, e que buscasse conter sua sexualidade, ou seja, “um casal perfeito: a mulher respeitável e o homem provedor” (LINS, 2017, p. 45).

Havia, então, uma moralidade sexual que também ocasionava uma diferenciação entre os homens e as mulheres, visto que propiciava uma maior abertura para vivências sexuais dos homens, enquanto as vivências das mulheres ainda aconteciam exclusivamente dentro do casamento. Tal moralidade intencionou preservar o modelo familiar (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006).

Nesse período, embora houvesse um movimento de gradual independência da mulher, sua realização ainda era muito ligada ao espaço do lar e do matrimônio, de modo que era considerada rainha do ambiente doméstico (BASSANEZI, 2000; MEZAN, 2003). A lógica prevalente era a da costela de Adão, isto é, da mulher subordinada ao homem. Contudo, se existia uma submissão feminina, concomitantemente, a mulher era dotada de uma autonomia dentro do espaço do lar, o que consistiu em uma regra dos casamentos tradicionais (MEZAN, 2003). Deste modo,

A sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que *o marido era o chefe*, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, *a quem cabiam as decisões supremas, a última palavra. Logo abaixo vinha a autoridade da esposa*. Era considerado importante que o casal conversasse e trocasse ideias, mas pertencia ao homem – *de acordo com a natureza, Deus e o Estado – a direção da família* (BASSANEZI, 2000, p. 626, itálico da autora).

Por conseguinte, a lógica incontestável era de que as mulheres tinham como destino se tornarem esposas, mães e donas de casa, elementos estes que nos Anos Dourados demarcavam a natureza feminina (BASSANEZI, 2000). Assim, desde muito novas as meninas foram educadas para se tornarem donas de casa e mães exemplares,

fatores estes considerados relevantes de serem aprendidos caso quisessem se casar, visto que importavam na hora da escolha por uma esposa (BASSANEZI, 2000). Desta forma, o casamento consistiu para as mulheres dessa época enquanto um fim a ser alcançado, a forma pela qual encontravam uma realização pessoal e uma posição social, enquanto para o homem isso ocorria por meio do trabalho (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012). Para a mulher, não se casar era o mesmo que ficar para trás (DEL PRIORE, 2006).

Em contrapartida, a essência masculina estava mais ligada ao trabalho fora de casa, a ter iniciativa, à sua força (BASSANEZI, 2000). Para ser considerado um bom candidato à futuro esposo, o homem deveria ser dedicado ao trabalho, honrado e ter condições de sustentar e oferecer conforto para sua família (BASSANEZI, 2000). Havia, assim, uma divisão das pessoas elegíveis para se casar, o que estava intrínseco aos papéis femininos e masculinos (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012).

Não obstante isso, em contraste com o passado em que os pais escolhiam os parceiros e arrumavam os casamentos, nesse período, era permitido escolher e conhecer o parceiro previamente ao casamento já que não se casava mais sem afeto. Todavia, ainda se fazia relevante a aprovação das famílias de origem para a felicidade do casal, uma vez que se acreditava que um casamento não teria êxito sem a mesma (BASSANEZI, 2000).

Se o amor começou a importar para o casal, por outro lado, ainda não bastava para sustentar a relação, visto que os problemas de ordem financeira, as divergências entre as classes sociais, as questões da família de cada um, entre outros, eram argumentos utilizados e validados em oposição àqueles arranjos conjugais que saíam da norma (BASSANEZI, 2000).

Com diferenças tão delineadas, a comunicação entre o casal era dificultada já que cada qual tinha uma rotina. Assim, os assuntos giravam mais em torno das questões familiares, além de que a igualdade entre os pares não foi algo pretendido nesse período (BASSANEZI, 2000), já que se buscava evitar conflito por meio da complementaridade entre os pares (MEZAN, 2003).

Por outro lado, não obstante as inúmeras normas, advertências e julgamentos sociais, Bassanezi (2000) ressalta que existiram mulheres que buscaram cada qual a sua maneira escapar desses padrões, por meio, por exemplo, da leitura de livros proibidos, do cigarro, do uso de roupas e penteados mais sensuais, do investimento em um trabalho, indo contra a moral sexual da época ou se opondo aos pais.

Isso posto, e considerando o percurso histórico desses modelos, percebemos o quanto, com a virada entre os séculos, alguns ideais modernos tiveram continuidade, sendo revestidos, combinados às mudanças graduais nas maneiras de se relacionar. Porém, a relação amorosa como um fim para construir uma família se manteve como base, como algo de relevância, assim como a organização dessas vivências por meio dos papéis sociais para cada um visando uma harmonia conjugal e familiar.

Assim, diante do exposto, depreendemos que esses eventos sociais atravessaram também o âmbito das relações e dos sujeitos, propiciando um novo cenário no qual, a partir da década de 1960 e 1970, viria a eclodir as reivindicações da revolução sexual e do movimento feminista. Com isso, outras configurações amorosas e sexuais começaram a ser experienciadas, ainda que o casal moderno tenha se configurado enquanto um modelo relacional que permanece até hoje (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011). O mesmo aconteceu com a família moderna, uma vez que surgiram outras formas de ser família no século XXI (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011). É sobre essas transformações nos modelos explicitados até este momento que iremos nos debruçar no próximo capítulo.

### **3 – CONJUGALIDADE E CONTEMPORANEIDADE: OS PAPÉIS SOCIAIS E A TRANSIÇÃO ENTRE OS MODELOS RELACIONAIS**

No presente capítulo, mostraremos como a conjugalidade e a família se apresentam atualmente em vista dos novos papéis sociais dos parceiros decorridos das transformações que sucederam na segunda metade do século XX e como estes interferiram na construção do casal, que não mais está ligada, necessariamente, à constituição de uma família. Em um segundo momento, iremos abordar a complexidade e as contradições que se apresentam para o casal atual em vista da transição entre os valores tradicionais e os valores contemporâneos.

Uma dessas transformações refere-se à revolução sexual e ao movimento feminista durante a década de 1960, uma vez que oportunizaram uma modificação nos costumes e na sexualidade, o prazer passando a ser reivindicado, assim como a igualdade de direitos (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012). A invenção da pílula anticoncepcional ocasionou a separação entre desejo e reprodução, possibilitando às mulheres escolherem quando iriam ter filhos, e quantos (BADINTER, 2011; BIRMAN, 2007; GOMES, 2013; MEZAN, 2003; RAMOS, 2003), sendo o marco de uma nova experiência e liberdade sexual para a mulher, o que operou efeitos perceptíveis na estrutura das uniões conjugais (MEZAN, 2003).

Em concomitância, o movimento feminista proporcionou que a mulher reivindicasse seus direitos e se colocasse em uma posição mais ativa não apenas no espaço do lar, mas também no espaço externo (RAMOS, 2003). Assim, as mulheres começaram a se inserir no mercado de trabalho e nas universidades, dando a mesma importância para esses aspectos como para a união conjugal, a qual começou a ser escolhida posteriormente (BIRMAN, 2007).

Diante disso, Badinter (2011) demarca que a maternidade deixou de ser o princípio da vida da mulher, já que esta última passou a contar com outros estilos de vida, podendo priorizar seus desejos, optar por uma conjugalidade sem filhos. No entanto, a busca pela realização pessoal trouxe para algumas mulheres questões e conflitos que não preocupavam aquelas que as precederam em outras épocas, pois, o querer ter filhos pode hoje contrastar com outros desejos, como Badinter (2011, p. 21) apresenta no seguinte trecho:

As que têm uma profissão interessante e sonham em fazer carreira – uma minoria – não podem evitar as seguintes perguntas: até que ponto a criança vai pesar sobre seu percurso profissional? Poderão lidar simultaneamente com uma carreira exigente e a criação de uma criança? Quais serão as consequências disso para a relação matrimonial? Como reorganizar a vida doméstica? Poderão elas conservar as vantagens de sua vida atual e, em especial, que aspecto da liberdade elas deverão abandonar? A última pergunta diz respeito a um número bem maior de mulheres, não apenas às de carreira.

Por conseguinte, conciliar as exigências maternas com a realização pessoal passou a se constituir em um desafio para a mulher (BADINTER, 2011; GOMES, 2013). Em vista desses fatores, a hierarquia entre os homens e as mulheres presente até então começou a decair, incidindo no âmbito conjugal na distribuição inédita dos papéis de gênero e afetando as representações e identificações de cada par (MEZAN, 2003).

Na medida em que a mulher foi ocupando o âmbito do trabalho e começou a compor a renda familiar ou a assumi-la integralmente, passou a dividir com o cônjuge o poder que outrora apenas ele usufruía, de modo que as relações se tonaram mais simétricas com o passar dos anos. Em consonância, o homem começou a se ocupar com os cuidados com a casa e com os filhos (RAMOS, 2003).

Em paralelo, as separações também passaram a imperar a partir da lei que permitia o divórcio e uma nova união (DEL PRIORE, 2006), o que, de acordo com Roudinesco (2003) acarretou o decaimento do aspecto simbólico do casamento. Em outras palavras, como a união conjugal não mais se manteve ligada a uma estabilidade no tempo, similarmente não pôde se manter na qualidade de representante do âmbito familiar (ROUDINESCO, 2003). Nas palavras da autora, o casamento passou a ser mais ligado a um contrato dissolúvel e uma cerimônia do que a um “ato fundador de uma célula familiar única e definitiva” (p. 153).

Ocorreu, assim, a desvinculação entre o casamento e a família, uma vez que as famílias começaram a se estabelecer sem necessariamente passarem pela instituição matrimonial (ROUDINESCO, 2003). Com isso, Mezan (2003) menciona que as questões conjugais passaram a girar em torno da existência de vínculos que não mais se configuram a partir dos valores tradicionais, o que veio a ter ressonâncias no modo do homem e da mulher se relacionarem.

De acordo com Moguillansky e Nussbaum (2011) essas transformações possibilitaram o surgimento de novos modos de ser casal e família, ainda que o modelo de casal moderno permaneça. Contudo, esse modelo se apresenta enquanto um dentre as demais opções de relação na contemporaneidade. Nesse contexto, o termo conjugalidade

começou a ser utilizado para aludir à relação do casal contemporâneo, termo este que segundo Rossi (2003) não se encontra nos dicionários e funcionaria como uma mistura entre os termos existentes, como conjugal e conjugação. Para o autor, a expressão se refere à novidade que se apresenta atualmente, para o indivíduo, de uma não obrigatoriedade de oficializar suas relações afetivas e sexuais, além de usufruir de uma liberdade para escolher seu parceiro, os acordos da relação, de fidelidade. Portanto, já não há mais apenas um modo de amar, mas sim novos modos (LINS, 2017), os quais estão à disposição do sujeito.

Ao lado das novas formas de amar, começaram a surgir outras configurações familiares: as famílias monoparentais, figurada por filhos criados por apenas um dos pais, que podem se tornar uma família recomposta quando de outra relação conjugal (GOMES; LEVY, 2009), além da diminuição na quantidade de filhos. Existem também as famílias chefiadas por avós, de casais homossexuais com dois homens ou duas mulheres.

Com esse novo panorama relacional e familiar, Birman (2007) e Ramos (2003) apontam que se tornou frequente que as pessoas trouxessem para a nova união filhos da união anterior, o que também foi discutido por Roudinesco (2003) e nomeado pela autora de “Famílias recompostas”. De acordo com Gomes e Levy (2009), as famílias recompostas distanciam-se da ideia de exclusividade de outrora e trazem para cena a noção de pluriparentalidade, já que diversos adultos podem exercer concomitantemente ou continuamente as funções parentais na rotina da criança.

Assim, as referências familiares de outrora foram sucumbindo em prol de novas maneiras de ser família, que prescindem do vínculo biológico. Isso passa pela transformação no papel da mulher na sociedade, uma vez que ela também começou a exercer seu desejo, inclusive na escolha de ter filhos, passando a ocupar junto com o homem o espaço público, aspectos estes que afetaram a maneira das pessoas se relacionarem e constituírem família. Para Birman (2007), esses fatores trouxeram para a cena atual um sujeito que sofreu o impacto desses acontecimentos.

Mezan (2003) compreende que esses elementos recaíram no casamento, visto que ambos os parceiros podem se sentir confusos em relação às funções de cada um. Conforme o autor, isso decorre pela configuração conjugal atual trazer como novidade uma repartição dos investimentos dos parceiros na união e a ideia de que cada par encontre o seu jeito de ser casal. Apesar disso, o autor alerta para, paradoxalmente, a existência de ideais presentes no âmbito social, como os de beleza, de produtividade, que podem colaborar para essa desorientação.

Nessa direção e ao mencionar a complementaridade implícita até então nos papéis femininos e masculinos, que asseguravam o que cada um deveria fazer, Badinter (2011) questiona o que diferencia as mulheres e os homens nesses aspectos, visto que ambos podem ocupar funções similares tanto no âmbito privado, como no público. Diante disso, nos indagamos sobre as confusões que isso pode ocasionar na rotina do casal.

Além disso, recentemente, tornou-se comum encontrar casais sem filhos por opção ou que adiam essa decisão. Em seu estudo sobre o tema, Biffi (2014) percebeu que o ter filhos é considerado pelos casais como algo que irá comprometer de alguma forma a conjugalidade, o que os leva a ponderarem sobre o que desejam fazer antes de procriarem, como a realização profissional e aproveitar mais a vida a dois, prioridades estas percebidas também por Badinter (2011). Em vista disso, Biffi (2014) aponta que tanto as realizações individuais como conjugais pesam para o casal fazer esta escolha devido ao receio de que esses aspectos de suas vidas sejam prejudicados caso venham a se tornarem pais. Desta forma, parece existir no casal um sentimento de que não conseguirão conciliar a conjugalidade com a parentalidade (BIFI, 2014).

Badinter (2011) comenta que essa decisão pode causar interrogatório por parte da sociedade, dos pais ou de pessoas próximas àqueles que realizam esta escolha, apontando que “é preciso, pois, uma vontade a toda prova e um caráter inflexível para não ligar para todas essas pressões, e até mesmo para certa estigmatização” (BADINTER, 2011 p. 20-21).

Assim e diante do exposto, denotamos que as transformações ocasionadas nos papéis sociais levaram homens e mulheres a reconfigurarem também suas relações amorosas, o que cabe a cada um enquanto parceiro, como fica o cuidado com os filhos, com a casa. Percebemos também a liberdade de escolha e a variedade de configurações vinculares e familiares que se apresentam hoje. Assim, explicitados os papéis sociais e as mudanças que os possibilitaram e suas reverberações no âmbito da intimidade, passemos à configuração da conjugalidade nos dias de hoje e de seus paradoxos diante dos valores contemporâneos.

### **3. 1 - A incidência dos valores contemporâneos na construção da conjugalidade**

Atualmente, os ideais contemporâneos como o individualismo, o consumismo, a brevidade têm se expressado no âmbito amoroso pelo impasse entre o desejo de se estar

em uma relação exclusiva e o desejo de se estar disponível para desfrutar de outras experiências, existindo uma predominância do anseio por liberdade (BAUMAN, 2004; BORGES; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014; LINS, 2017).

Ao discorrer sobre o amor, Han (2017) compreende que a sociedade estaria em um movimento narcisista, em que a libido se volta para a subjetividade do próprio sujeito. Este, não é capaz de determinar os limites entre o outro e si mesmo, assim como não consegue conceber e discernir a alteridade desse outro. Em vista disso, o outro não é visto como diferente, mas como igual a si, de modo que não sobra lugar para a alteridade, tão fundamental para o erotismo, e, por conseguinte, para o amor.

Bauman (2001) percebe esses elementos por meio da liquidez, apontando um indivíduo inseguro, que consome em excesso para aplacar a sensação de vazio que sente, e que descarta o outro como se fosse um produto quando este não mais lhe está proporcionando satisfação. Assim, é como se tudo se convertesse em objeto para consumo (HAN, 2017), inclusive o outro, o que ocasiona uma troca recorrente de parceiros na busca pela satisfação pretendida (RAMOS, 2003).

Desta maneira, a lógica do mercado é levada para as relações, uma vez que estas se tornaram líquidas, permeadas por uma brevidade, sendo atadas de maneira frouxa e desfeitas quase que na mesma medida (BAUMAN, 2004). No entendimento do autor, os laços se apresentam assim devido ao sujeito ter de contar consigo mesmo diante das condições sociais contemporâneas que não lhe ofertam uma segurança, desejando se relacionar para obter uma compensação, mas, paradoxalmente, temendo estar com alguém permanentemente por achar que não conseguirá atender as demandas que uma relação pressupõe. Não que o relacionamento não tenha mais importância na atualidade, mas a individualidade e a liberdade se tornaram relevantes, inclusive para avaliar se a relação está ocasionando felicidade para os envolvidos (BORGES; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014), além de que seu objetivo passou a ser a satisfação que o sujeito pode usufruir com a mesma (BAUMAN, 2004).

Aqueles que desejam estabelecer uma relação se veem receosos de perderem sua liberdade pessoal (BORGES; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014), demonstrando o desejo de explorar as várias opções disponíveis e no investimento de suas potencialidades (BAUMAN, 2004; LINS, 2017), o que pode ser visto pela grande incidência de separações. Diante disso, Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2014) depreendem que o casamento e os planos de construir uma família se apresentam de uma nova maneira para os indivíduos: na união conjugal, a conciliação das individualidades

de cada um se torna imprescindível, enquanto na família, o ter filhos se torna parte dos planos individuais e não apenas de um projeto compartilhado com um parceiro.

Deste modo, o vínculo entre os parceiros apenas se inicia e têm continuidade se os cônjuges conseguirem preservar seus desejos (BIRMAN, 2007). Se isso não for possível, ambos saem à procura de outras relações, essa condição desejante na conjugalidade devendo ser entendida, na opinião de Birman (2007, p.56) como

não apenas o exercício prazeroso do erotismo entre os parceiros, mas também a possibilidade que cada um ofereça ao outro para a expansão de sua potência de ser e de existir.

Essa nova modalidade de união carrega os traços do relacionamento puro elucidado por Giddens (1993) em que o sujeito entra baseado naquilo que pode obter com essa relação, podendo rompê-la conforme seu interesse, além de pressupor a comunicação e a igualdade de direitos entre os pares. Zanetti (2012) aponta que essa modalidade se tornou possível pela flexibilização dos contratos rígidos de outrora, e que na ausência dos mesmos, a manutenção do vínculo ficou por conta dos parceiros.

Assim, observamos relações que não mais dependem de um contrato para serem validadas, que se iniciam e se desfazem quase que na mesma velocidade, de acordo com o desejo do indivíduo. Concomitantemente, as relações são influenciadas pelos ideais contemporâneos de liberdade, de individualismo, do consumismo, ocasionando novos desafios frente ao investimento no vínculo. Mas, se, por um lado, as relações são configuradas de maneira mais fluída e alicerçadas no sujeito e no seu desejo, por outro, podem ocasionar uma dificuldade na repartição de investimentos e papéis no vínculo em vista da indefinição de referências a seguir ocasionada pela flexibilização nos contratos relacionais (ZANETTI, 2012).

Mas, sob outra perspectiva, há aqueles que ainda creem que apenas uma união amorosa nos moldes românticos, isto é, uma relação que pressupõe uma exclusividade, estabilidade e fusão entre os parceiros, proporcionará uma vida plena e satisfatória (LINS, 2017). Na opinião da autora, essa crença de felicidade pautada nos ideais românticos não condiz com a realidade, e pode causar sofrimento para aqueles que a sustentam e se lançam na busca por um par com o qual se tem a ilusão de encontrar a completude. Além disso, a disparidade entre esse individualismo e a ideia fusional do amor romântico indica como essa vertente romântica vai se tornando obsoleta por contrastar com os valores da atualidade (LINS, 2017).

Há também aqueles que ainda querem se casar, mesmo na opção de outros arranjos conjugais, como Emídio e Souza (2019) constataram em seu estudo sobre o casamento na contemporaneidade. Dentre os sentidos atribuídos ao casamento encontrados pelas autoras, há o desejo de estar junto com o parceiro escolhido, de oficializar a união, de construir uma família. Sobre a manutenção do casamento, considerando a possibilidade de separação, os filhos apareceram enquanto um elemento que sustenta a relação, ao lado dos afetos, o que evidencia aspectos do passado no vínculo conjugal contemporâneo. Deste modo, o casamento contemporâneo parece refletir o momento de transição entre os elementos do passado e as ressonâncias dos novos modelos, ocasionando uma contradição e desafios para os parceiros (EMÍDIO; SOUZA, 2019). Esse período de transição similarmente foi observado nos demais vínculos da atualidade por Cypel (2016), Gomes (2013) e Lins (2017).

Portanto, se observamos relações breves, em que o aprofundamento afetivo é dificultado porque há um investimento nas realizações pessoais e uma valorização da liberdade, ou o desejo de construir uma relação pautada na igualdade e na satisfação de desejo, em paralelo, há aqueles que ainda almejam uma relação romântica ou demarcada pelo contrato conjugal, conferindo para esses arranjos sentidos que apresentam traços do passado, indicando a coexistência entre os novos e os antigos valores relacionais.

### **3. 2 - Conjugalidade na atualidade: contradições entre o novo e o tradicional**

Se atualmente existem novas formas de relação, como vimos anteriormente, nas quais se almeja uma maior igualdade e democracia entre os pares, bem como a liberdade em torno da construção da relação, alguns autores (EMÍDIO; SOUZA, 2019; GOMES, 2013; JABLOSNIKI, 2010; OZÓRIO; FERÉS-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2017) apontam que há uma repetição de traços do passado, portanto, a sensação de que “nem tudo o que muda, muda tudo”, como alude Passos (2005).

Cypel (2016), ao observar esse panorama, questiona quais modelos de ser casal e família serão passados para a próxima geração, uma vez que os novos modelos ainda não se estabeleceram inteiramente, o que gera uma insegurança frente ao que seguir e um mal-estar que tem se evidenciado em alguns vínculos. Conforme Lins (2017), esse período de transição estaria sendo vivenciado assim como em outros processos transitórios em que

são observados tanto condutas inovadoras, como condutas conservadoras sendo mantidas por aqueles que receiam o novo, já que este pode gerar insegurança.

Jablonski (2010), em seu estudo sobre como se dá a divisão de tarefas domésticas na rotina conjugal, percebeu que ambos os sexos estão sendo perpassados pela ideia de igualdade difundida socialmente e pela mídia. Contudo, o autor constatou que a participação masculina se dá mais no cuidado com os filhos, enquanto que as mulheres, mesmo trabalhando fora, também cuidam do lar e dos filhos, sentindo-se mais sobrecarregadas que os maridos e reconhecendo a participação deles como um auxílio. Dados similares apareceram no estudo de Campana e Gomes (2017) sobre a possibilidade de cuidado parental igualitário, pois, embora exista essa tentativa de igualar os cuidados e uma maior participação masculina, esta ainda é reduzida se comparada à feminina. Nesse sentido, Badinter (2011) refere que o maior investimento da mulher nos estudos e em sua carreira não faz com que seus parceiros se ocupem mais com as tarefas domésticas enquanto elas se ocupam menos das mesmas.

Apesar dessa divergência entre os discursos e o que acontece na rotina de fato, isso não se mostrou um fator de conflitos, dificuldades ou de queixas na relação, o que, na opinião de Jablonski (2010), diz da influência que os papéis de gênero do modelo tradicional ainda têm no casal, o que denota uma longa caminhada para que a igualdade se estabeleça na prática.

Destarte, essa influência de elementos do passado também se apresentou no estudo de Ozório, Féres-Carneiro e Magalhães (2017) acerca da percepção que os jovens têm sobre o casamento dos pais e de como construíram sua conjugalidade. As autoras observaram aspectos distintos nas maneiras de se relacionar dos pais e dos filhos, e que quando estes identificam aspectos negativos da relação dos pais, buscam construir uma conjugalidade diferente com o parceiro. Entretanto, mesmo com essa tentativa, alguns filhos esbarram em suas relações com costumes tradicionais, o que para as autoras pode se referir à presença de resíduos da relação dos pais que ainda não foram simbolizados psiquicamente.

Tais aspectos geracionais também se evidenciaram no estudo de Gomes (2013), no qual a autora observou que algumas mulheres podem, ao conhecerem um parceiro fático e dominador, se ligarem a um papel feminino em que dependem emocionalmente deste parceiro e que ele ocupe o papel de detentor do poder como ocorria no passado. Porém, caso o homem não assuma esse papel de complementaridade desejado inconscientemente pela mulher, alguns conflitos podem surgir, o que para a autora

demarca a existência de conteúdos transmitidos psiquicamente entre as gerações e que podem se referir a modelos relacionais ainda ligados ao passado.

Portanto, existiria uma coexistência entre os ideais contemporâneos e os ideais que nortearam as relações nos períodos anteriores, os quais podem se contrapor e gerar confusão naquilo que cada membro do casal espera da relação e do outro (RAMOS, 2003).

Nessa perspectiva, Gomes (2013) compreende que os conflitos do casal podem dizer da contradição que se apresenta entre as várias maneiras de conjugalidade do contemporâneo e os modelos relacionais transmitidos ao longo das gerações, os quais se mantêm ligados ao ideário tradicional. Tendo isso em vista, a referida autora indaga em que medida os sujeitos puderam se tornar conscientes dos conteúdos que lhes foram transmitidos por suas famílias, visto que “não podemos nos esquecer de que sempre seremos devedores e credores do que nos antecedeu e do que há de vir, diante das escolhas e do modo de realizá-las” (GOMES, 2013, p. 188).

Sobre a influência da família nesses aspectos e como ela se modifica ao longo do tempo, Passos (2005) demarca dois elementos que se evidenciam nesse processo. O primeiro reporta-se às experiências do sujeito dentro do grupo em que está inserido ou desse grupo como um todo, experiências essas que por mais diferentes que possam ser, “evidenciam novas roupagens ou diferentes arranjos e atualizações de experiências já vividas por outras gerações” (PASSOS, 2005, p. 11). No entendimento da autora, o paradoxo entre o novo e o velho ocorre dentro de um espaço subjetivo, no qual se deve levar em conta tantos os aspectos individuais (intra-subjetivos), como os aspectos oriundos das relações intersubjetivas do sujeito, o que inclui seu grupo familiar.

A família englobaria, assim, a dimensão subjetiva e a social, de modo a mediar ambas, as quais se deslocam em ritmos diferentes (PASSOS, 2005), o que pode ser visto nesse período de transição apontado pelos autores (CYPEL, 2016; EMIDIO; SOUZA, 2019; GOMES, 2013; LINS, 2017), em que se evidencia um desencontro entre as modificações sociais e as de ordem subjetiva. Em outras palavras, entre o relacionamento que se deseja construir, pautado nos novos valores, e o que é vivenciado na prática com o outro, que pode se referir a algum elemento tradicional.

Sendo assim e diante do exposto acima, entendemos que as relações que os sujeitos estabelecem na atualidade dizem não apenas das mudanças sociais, isto é, de fatores externos, mas também de modelos recebidos, de costumes de outrora, que apesar de não mais predominantes, ainda se fazem presentes e têm influência na vivência da

conjugalidade. Em vista desses aspectos, percebemos indivíduos tentando vivenciar o novo possibilitado pelo momento atual, mas se defrontando com traços do passado que ainda permanecem como referência, o que acarreta a ambivalência mencionada pelos autores acima referidos e a sensação de transição entre os velhos e os novos modelos. No entanto, esses estão relacionados não apenas à época em que o sujeito se subjetiva, mas naquilo que recebeu dentro de seu contexto familiar e que é transmitido ao longo das gerações.

Isso posto, podemos passar a pensar nessas mudanças por meio de como a família influencia no processo de subjetivação e vinculação do sujeito, por um lado, e de como as transformações sociais ocorridas ao longo do tempo interferem na construção e manutenção conjugal. Como o indivíduo recebe os modelos relacionais de sua família, que são atravessados por essas mudanças? Seria possível para esse sujeito se apropriar dos valores sociais de sua época e dos modelos familiares, podendo criar sua própria conjugalidade?

#### **4 – A TRANSMISSÃO PSÍQUICA E A CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE POR MEIO DA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE VINCULAR**

No capítulo em questão, objetivamos elucidar os apontamentos da Psicanálise Vincular sobre o sujeito enquanto aquele que se subjetiva em um grupo familiar por meio da transmissão psíquica, considerando-o enquanto um herdeiro do que lhe foi transmitido. A partir deste entendimento, discutiremos como se dá a construção da conjugalidade intermediada pelos conteúdos geracionais, os pactos inconscientes do casal, as alianças inconscientes e suas modalidades.

Para essa perspectiva teórica, o sujeito se insere em uma genealogia familiar e em uma história social, de maneira a herdar pactos do seu grupo familiar, bem como os costumes sociais, podendo ao longo de seu processo de subjetivação atribuir um significado próprio ao que recebe. Há, assim, uma interlocução constante entre o social e o familiar, a qual terá influência na constituição do sujeito e, por conseguinte, em suas relações (KAËS, 2001, 2011, 2014; PASSOS, 2005). Como os elementos psíquicos da transmissão e que compõem o sujeito são influenciados pelo social, Kães (2014) compreende que estes são fragilizados se os primeiros também o forem, pois um dos espaços de transmissão reporta-se ao meio cultural.

Assim sucedendo, ainda que a conjugalidade estabelecida pelos pares esteja ligada ao momento histórico e social em que se subjetivaram, ambos também recebem do grupo familiar do qual fazem parte modelos e costumes da época em que os membros desse grupo viveram e construíram suas relações.

Para Granjon (2000), o processo de transmissão remete a uma continuidade, aos mitos que estabelecem e sustentam o meio social e aos sujeitos que irão se inserir nesse contexto. Segundo a autora, uma geração não pode viver sem ser antecedida por outra e sem visar à existência de uma próxima geração para que tenha continuidade, pois, antes de qualquer coisa, existe uma vida que deve ser transmitida. É como se houvesse uma espécie de impulso, de necessidade de realizar essa transmissão, a qual, na visão de Kaës (2001, p. 16-17, *itálico do autor*) seria:

o resultado de exigências pulsionais inconscientes, nas quais prevalecem ora coerções narcísicas de conservação e de continuidade da vida psíquica, ora as do Ideal do Ego e do Superego, mais precisamente a transmissão dos interditos fundamentais. No entanto, sempre aparece a necessidade de *transferir-transmitir* para um outro aparelho psíquico o que não pode ser mantido e albergado no próprio

sujeito, ou entre sujeitos ligados entre si por uma forte aliança de interesses inconscientes.

Deste modo, embora os costumes e os padrões sociais garantam em parte a continuação das gerações, o desenvolvimento progressivo ocorre principalmente por via da transmissão psíquica (GRANJON, 2000). A autora depreende a partir de René Kaës que a transmissão consiste em uma obrigatoriedade para que haja uma continuação das gerações precedentes, possibilitando que as novas gerações não comecem completamente do zero.

Portanto, é como se o sujeito viesse ao mundo com dois fins: um para si próprio e outro para servir a genealogia da qual faz parte, como Kaës (2001) menciona a partir dos apontamentos de Freud (1914/1996) em “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Freud (1914/1996, p. 98) pontuava que ao nascer, a criança era vista como aquela que daria continuidade aos pais e como aquela que iria realizar os desejos que os pais nunca puderam concretizar, sendo colocada na posição de “Sua majestade, o bebê”. Assim, o amor parental seria um retorno ao narcisismo dos pais, que os levava a se voltarem para suas experiências iniciais (FREUD, 1914/1996).

Mas, para que isso aconteça e o sujeito se torne parte desse grupo, Freud (1914/1996) apontava que era imprescindível que ao nascer, os pais investissem na criança para que seu ego se desenvolvesse, pois mesmo o auto-erotismo estando presente desde o primeiro momento, é necessária a interferência de algo que incite o narcisismo ali. Isso, pois, no começo da existência, em que o biológico prevalece, é como se o sujeito estivesse em situação de uma “vida nua”, termo mencionado por Agamben<sup>3</sup> (1995 apud BERENSTEIN, 2011, p. 98) que consiste em apenas ter o corpo presente e cuidados voltados para o mesmo (BERENSTEIN, 2011). A passagem desse estado para a humanização é mediada pelas trocas vinculares e pelos processos psíquicos (BERENSTEIN, 2011).

Com base nisso, o autor aponta duas formulações: na primeira, o contato inicial com a mãe é o que vai operar a constituição do aparelho psíquico do bebê, uma vez que ela age diante dele por meio das disposições de seu próprio aparelho psíquico, o qual, por já estar estabelecido, permite que tais ações se inscrevam no psiquismo em ascensão do bebê. A segunda formulação diz de um contexto em que a participação de outros é essencial, referindo-se a uma hierarquização acerca da função do vínculo com esses

---

<sup>3</sup> AGAMBEN, G. **Homo sacer. El poder soberano y la vida nuda**. Valencia: Pretextos, 1995.

outros no transcurso do biológico para uma subjetividade, em que o aparelho psíquico do sujeito é único. Para o autor, “o vínculo é o que torna o sujeito específico, singular e irrepetível” (BERENSTEIN, 2011, p. 100).

Em vista disso, podemos depreender que é por meio do contato com outras pessoas e do vínculo que o bebê estabelece com elas o que ocasiona sua inserção dentro de um entorno familiar e a construção de um espaço inconsciente em comum, em que conteúdos dessas outras pessoas se inscrevem em seu psiquismo. É nesse se vincular com a criança que os pais compartilham com ela conteúdos psíquicos, os quais a irão constituir.

Rotenberg (2018, p. 88) similarmente elucida a relevância da relação com o outro para a construção do psiquismo, compreendendo que há uma transmissão que não se resume apenas ao corpo: “A memória do fantasma, a memória do negativo, a memória traumática, a memória da história familiar, uma memória sem palavras, mas transmissível”. Assim, no entendimento da autora, essa transmissão inconsciente não teria menos influência do que aquela que ocorre geneticamente.

É o que acontece, por exemplo, na adoção, de modo que ainda que não haja o vínculo biológico, existe a construção de um vínculo que permite a inserção do sujeito na família adotiva e que ele receba conteúdos da mesma. Levinzon (2014) afirma que assim como nas demais relações entre filhos e pais, a transmissão psíquica pode similarmente ocorrer na adoção, pois há conteúdos inconscientes, como as fantasias e as angústias, que estão presentes na vida humana. Diante disso, a autora compreende que as relações adotivas não possuem divergências significativas no que tange ao processo de transmissão, pois, para que a parentalidade aconteça, é necessário que os pais adotem os filhos, mesmo quando estes são biológicos. Nesse sentido, todos precisam ser adotados.

Isso, pois, é por meio do investimento na criança e do vínculo construído, ou seja, na relação com o outro, que o processo de transmissão pode ocorrer. Adentramos, assim, no campo da intersubjetividade, tomando como referência René Kaës (2001, 2011, 2014). O autor compreende a intersubjetividade enquanto o lugar particular da realidade psíquica em que os indivíduos se relacionam na qualidade de sujeitos do inconsciente. A intersubjetividade consistindo naquilo que esses sujeitos relacionados uns com os outros compartilham de mecanismos inconscientes em comum, como as negações, recalques, desejos inconscientes, fantasias, interdições que os compõem.

Por outro lado, esse conceito não se refere apenas àquela parte que compõe o sujeito a partir da individualidade de um ou mais sujeitos, mas aquilo que se dá em um lugar psíquico específico de determinada configuração vincular (KAËS, 2011). Deste

modo, a intersubjetividade entendida enquanto um “Eu no seio de um Nós”, a distingue de ser considerada a partir de situações de interação (KAËS, 2011, p. 24).

Essa compreensão da intersubjetividade, na opinião de Kaës (2011), colabora com o entendimento de psicopatologias da atualidade e de sofrimentos psíquicos que somente são passíveis de reflexão e de serem trabalhados se relacionados com as posições e importância que estas tiveram ou ainda tem para o grupo em que o sujeito se constituiu e está inserido. Tal apontamento do autor se aproxima do que Berenstein (2011) percebe ao tratar do vínculo. Isto é, como o vínculo constrói um inconsciente em comum, que pode desmoronar, é plausível que os eus empreguem afirmações para conseguirem sustentar a ligação e encobrir essa possibilidade de decaimento, que também acaba por gerar certas formas de sofrimento que só podem ser entendidos nesse contexto (BERENSTEIN, 2011). Isso porque cada casal e cada família tem a sua própria construção vincular, que não necessariamente é igual a de outros, o que denota a complexidade inerente ao vínculo (BERENSTEIN, 2011).

Em vista disso, considerar o sujeito por meio de seus vínculos e do grupo ao qual faz parte se mostra de extrema relevância para que possamos avançar na compreensão dos processos envolvidos na construção de sua conjugalidade, nas motivações conscientes e inconscientes acerca da escolha do parceiro e a interferência dos conteúdos geracionais.

Granjon (2000) assinala que a transmissão consiste em passar de um indivíduo para outro conteúdos, uma história, afetos, pressupondo uma ligação e um distanciamento entre aquele que transmite e aquele que recebe, o qual deve acolher o que lhe é passado, se apropriar e se tornar herdeiro, podendo, ocasionalmente modificá-lo a partir de intermediários que venham a interferir nesse processo. Por consistir em uma herança, é possível que em meio ao processo de subjetivação, se possa atribuir um significado àquilo que se recebe. O mesmo movimento que existe de transmitir, existe de romper ou de construir um sentido novo para esse conteúdo (GRANJON, 2000; KAËS, 2001, 2011, 2014; TRACHTENBERG, 2017). Se em um primeiro momento o sujeito é tributário desse grupo, em algum ponto, terá de se soltar do mesmo, mas sem se desvencilhar completamente (KAËS, 2011). Assim sendo, passemos às modalidades de transmissão psíquica.

Dentre as modalidades de transmissão psíquica, a transmissão intergeracional é aquela que ocorre entre as gerações e refere-se aos mitos familiares, às tradições, consistindo em conteúdos passíveis de serem trazidos à consciência (GRANJON, 2000;

KAËS, 2014). Se referem, por exemplo, à transmissão dos modos de ser mulher, homem, parceiro, filho, pai, modelos de casal e de família, das tradições do grupo familiar. Por conseguinte, já diz de um processo de metabolização, em que o sujeito se apropria e dá significado para o que lhe foi transmitido via direta (KAËS, 2014; TRACHTENBERG, 2017). Todos os processos psíquicos de transmissão são inconscientes, mas, no nível intergeracional, é possível acessar esse material (KAËS, 2011, 2014; TRACHTENBERG, 2017).

A transmissão transgeracional, por sua vez, alude a conteúdos não elaborados, como alguma perda, luto, segredo, trauma, as violências de Estado (guerras), podendo pular alguma geração, não necessariamente estando presente em todas (KAËS, 2014). É algo que atravessa o sujeito e tem influência em sua vida, cujos conteúdos que, por não serem da ordem de expressão, aparecem em forma de sintoma, de não ditos, sendo de difícil acesso (KAËS, 2014). Consistem, ainda, em conteúdos que podem se encriptar. Nesse aspecto, Trachtenberg (2017) remete ao conceito de cripta apresentado por Abraham e Torok<sup>4</sup>, compreendendo que o que não pôde encontrar inscrição no psiquismo e que não pôde vir à tona na geração anterior, acaba por permanecer encriptado, passando em estado bruto para um outro da geração seguinte que irá carregar essa cripta.

Em vista desses conteúdos que são transmitidos e que podem se referir a elementos não elaborados pelas gerações anteriores, Correa (2003) assinala a relevância do sujeito tomar conhecimento desse material, podendo elaborá-lo e transformá-lo, uma vez que a transmissão psíquica é um processo que empreende a todo momento um trabalho de elaboração e de modificação. É que o sujeito, embora receba esses conteúdos, não é passivo nesse processo, conforme Granjon (2000) e Kaës (2001), tendo a possibilidade de, como Correa (2003) menciona, se apropriar do que recebeu, elaborá-lo e dar outro significado para os mesmos.

Mas, para tanto, o sujeito precisa se sentir acolhido para poder elaborar esses conteúdos. Essa continência poderia vir do próprio grupo familiar, visto que, segundo Benghozi (2010) os vários grupos que formam o sujeito constituem uma rede na qual ele se insere e pode ser sustentado. Para o autor, há uma espécie de malha psíquica que se constrói por meio dos vínculos de filiação, referentes aos vínculos familiares, e por meio dos vínculos de afiliação, que consistem nas posteriores relações e grupos das quais o sujeito irá participar ao longo de sua vida. Pode acontecer de, em dado momento, que

---

<sup>4</sup> ABRAHAM, N.; TOROK, M. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.

algum conteúdo da ordem transgeracional venha à tona e ocasione um buraco nessa rede de continência psíquica. Assim, será necessário um trabalho de remalhagem, isto é, uma reconstrução dessa rede, que ofereça uma continência para esses conteúdos (BENGHOZI, 2010).

Isso posto, cabe mencionar que em concomitância com a transmissão psíquica, ocorre uma atribuição de lugares para cada um dentro do grupo. Nesse ponto, fazemos alusão ao conceito de funções fóricas de Kaës (2011), as quais consistem em funções intermediárias que acontecem entre os espaços psíquicos, sendo carregadas por alguns membros do conjunto grupal, uma vez que possuem um sentido para o conjunto.

Do ponto de vista do autor, essas funções estão presentes na base dos vínculos em geral, visto que é necessária uma repartição no trabalho psíquico intersubjetivo por meio de posições que cada um vem a ocupar para que o grupo se mantenha e tenha continuidade. Dentre essas funções, há aquele que fala algo do grupo para algum ouvinte (porta-palavra); aquele que porta algum ente falecido, o mantendo vivo (porta-cripta), ou aquele que explicita algo do grupo familiar e que revela que o sintoma não é apenas seu, mas de todos (porta-sintoma). Independente da modalidade, a função fórica contribui para o acesso do conteúdo das alianças inconscientes, dos pactos estabelecidos e da organização de dado processo grupal, seja ele familiar ou conjugal (KAËS, 2011). Além disso, em algum nível, aquele que se ocupa de uma dessas funções pode usufruir de algum benefício, mesmo que isso também lhe traga algum sofrimento (KAËS, 2011).

Assim sendo, e considerando as elucidações de Kaës (2001, 2011, 2014), depreendemos que quando de seu nascimento, o sujeito já tem um lugar designado a ele, recebendo conteúdos, ou sendo atravessado pelos mesmos quando não puderam ser elaborados e transformados. Compreendemos, então, que é como se houvesse algo que constituísse o sujeito para além do que pode controlar ou ter conhecimento, que acaba por influenciar sua vida, suas relações, seus sintomas e momentos de impasse. A herança psíquica funcionaria, assim, enquanto um lugar que o sujeito é chamado a ocupar dentro do contexto familiar do qual faz parte, podendo ou não significar esse conteúdo, transformá-lo, como mostra Kaës (2001). Mas há casos em que isso não é possível, e o sujeito fica preso a uma trama inconsciente e permeado por não ditos, pactuando alianças inconscientes que o ajude, assim como os demais sujeitos que dela fazem parte, a usufruírem de alguma defesa para tamponar esse algo que não pode vir à tona (KAËS, 2014).

Em vista disso, pensar o sujeito a partir da perspectiva da transmissão psíquica nos permite apreender a maneira que os conteúdos familiares que o precedem ressoam em suas escolhas amorosas, isto é, os modelos de ser casal que esse sujeito recebeu das gerações anteriores e se lhe foi possível elaborar esses modelos e construir suas relações de outro modo, ou no que essas novas relações irão denotar de repetição, defesa e de similaridade com as relações dos avôs e dos pais.

#### **4. 1 - A conjugalidade, os pactos e as alianças inconscientes no casal**

A união amorosa consiste para Kaës (2014) em um encontro que se apoia nos acordos realizados inconscientemente pelo casal e que irão compor sua estrutura inconsciente. Esses acordos remetem às vivências afetivas anteriores de cada par, mas também podem se referir às suas respectivas relações familiares. Todavia, similarmente possuem algo de inédito devido ao encontro com um outro que possui sua alteridade (KAËS, 2014) e carrega seus elementos para esse compartilhamento. A conjugalidade consistiria, assim, em “um produto da trama identificatória inconsciente dos membros do casal e criada a partir da história familiar de cada um, mas aponta para um ideal conjugal compartilhado” (OLIVEIRA, 2014, p. 15).

Deste modo, a conjugalidade está atrelada não apenas àquilo que foi transmitido para cada parceiro, uma vez que cada um transporta para o elo conjugal a identidade familiar que carrega, mas também a possibilidade de que os sujeitos construam algo apenas deles a partir desse encontro amoroso (KAËS, 2014; OLIVEIRA, 2014). Contudo, Kaës (2014) alerta para os casos em que há apenas uma repetição e o parceiro é escolhido para reproduzir ou substituir os objetos anteriores de amor que tiveram de ser abdicados, dificultando que a dupla possa construir algo próprio a posteriori.

Neste aspecto, para Magalhães e Féres-Carneiro (2003), a conjugalidade ocasionaria um retorno ao primeiro objeto de desejo do sujeito, contribuindo para a elaboração dos conteúdos que foram recalcados acerca desse objeto. É como se o sujeito retornasse ao narcisismo primário, a conjugalidade sendo resultado do discernimento do objeto enquanto separado do eu e de ideais criados que serão partilhados, referentes à sensação de completude, à vivência de prazer, à ilusão e à fantasia (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003). Levando em conta que a ilusão pode ser alienante ou funcionar como um elemento estruturante, as autoras depreendem que na conjugalidade, esse elemento estruturante se evidencia, assim como seus ideais, o que permite a

sustentação da relação. Assim, tais aspectos presentes na rede identificatória são responsáveis por ocasionarem modificações subjetivas em ambos os parceiros (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Oliveira (2014) ressalta que é por meio dessa identificação entre os parceiros que o eu conjugal se constitui, dado que acontece uma revivência de traços pré-edípicos e edípicos (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003). Além disso, é a troca de conteúdos inconscientes entre o par que contribui para que um espaço partilhado possa ser construído (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003). Nesse espaço partilhado, os pares compartilham seus conteúdos individuais, mas também aquilo que há de comum entre ambos, o que demarca uma diferença da configuração do casal em vista de outros agrupamentos, havendo a lógica do “não há um sem o outro e sem o conjunto que eles formam, que os liga e que os define” (KAËS, 2014, p. 158).

Diante disso, podemos perceber a partir das elucidações dos autores acima citados que a conjugalidade, ainda que diga de elementos que podem levar ao aprisionamento e à repetição, similarmente diz da possibilidade que os parceiros estabeleçam algo inédito. Assim, e retomando os apontamentos sobre a transmissão psíquica, depreendemos que a conjugalidade consistiria em uma das possibilidades do sujeito se tornar herdeiro e ressignificar os modelos conjugais que recebeu.

Podemos, então, pensar nesse compartilhamento psíquico entre o casal por meio da noção de alianças inconscientes explicitada por Kaës (2014). As alianças inconscientes estão na origem dos vínculos, contribuindo para sua manutenção e oferecendo um valor de ordem psíquica para aqueles que participam desses vínculos. Desta forma, a realidade psíquica desses agrupamentos decorre dos pactos, das alianças acordadas em conjunto e sustentadas pelo lugar que cada um ocupa. Assim, as alianças inconscientes consistem no material da intersubjetividade e naquilo que compõe a vivência psíquica dos vínculos. No entendimento de Kaës (2011, p. 199), os efeitos dessas alianças ultrapassam os sujeitos e o contexto em que foram estabelecidas, pois “elas constituem o agente e a matéria da transmissão da vida psíquica entre as gerações e entre contemporâneos”.

De acordo com o autor, embora o sujeito seja inscrito nas alianças inconscientes pactuadas pelos membros de seu grupo familiar, que precedem sua existência, ele também irá constituir outras alianças ao longo de sua vida, dentre elas a de casal, nas quais irão ressoar esses conteúdos que compõe o sujeito e que ele carrega, que podem dizer respeito ao modo relacional que permeia o grupo familiar do qual faz parte (KAËS, 2014).

Vale mencionar que as alianças trabalham a serviço da conservação de alguns sintomas que sejam do interesse de cada parte que as contratou, de modo que

não fazem mais do que sustentar a função de desconhecimento que se liga ao sintoma, a produção de sintomas partilhados realiza além disso essa finalidade de submeter cada sujeito a seu sintoma em relação com a função que ele realiza para outro, ou para mais um de outro, no vínculo e pelo vínculo. O sintoma recebe assim um reforço dividido, o que aumenta a dificuldades de desatá-las (KAËS, 2011, p.229).

Conforme o autor, as modalidades de alianças inconscientes são estabelecidas em conjunto entre os sujeitos e os outros que dela fazem parte, e mesmo quando é suscitada por um, há o acordo de um outro, de maneira que cada parte ou todas se beneficiem, o que vale para as relações familiares, de casal, de grupos e das instituições. Para isso, operações como a negação, o recalque ou a forclusão são um requisito para cada um que compõe essa aliança, garantindo algo de interesse do indivíduo, mas também de interesse comum entre os membros que a estabelecem (KAËS, 2014). Contudo, esses interesses por trás daquilo que foi acordado permanecem inconscientes para os sujeitos, de modo a preservá-los, assim como a aliança e o objeto de interesse mútuo (KAËS, 2014).

Pode acontecer, então, da aliança ser defensiva, funcionando como um pacto denegativo, o qual é instituído para assegurar as defesas que os indivíduos necessitam quando iniciam, configuram ou almejam sustentar algum relacionamento (KAËS, 2014). Desta forma, Kaës (2014) conclui que este pacto opera um papel metadefensivo para aqueles que fazem parte dele, sendo acordado enquanto uma maneira de solucionar alguns conflitos psíquicos e que permeiam os aspectos da relação empreendida pelos sujeitos que nela estão.

Para que haja um comprometimento nesse acordo e se empreenda um trabalho contínuo no mesmo, cada sujeito deve executar de maneira assimétrica ou simétrica algum mecanismo de negação, repressão, desaprovação, entre outros, na relação e em cada um dos membros que a compõe (KAËS, 2014). Para tanto, o autor ressalta que é imprescindível que haja a participação de um outro ou outros, pois, o autor compreende que não se realiza aliança sozinho, uma vez que é preciso que um outro acredite junto com o sujeito ou que pelo menos finja acreditar para que ambos se beneficiem de alguma forma. Esse acreditar em conjunto resguarda os sujeitos de se decepcionarem e da perda daquilo que elegeram como objeto para acreditar fielmente (KAËS, 2014).

Contudo, quando do risco dessa crença decair ou da hostilidade que o sujeito pode sentir caso empreenda outra forma de ver a realidade, a angústia toma conta (KAËS, 2014). É que o pacto denegativo, justamente por funcionar enquanto um acordo daquilo que não se quer saber, se há chances de se saber, os envolvidos se sentiriam ameaçados, se empenhando para continuar a recobrir aquilo com o que não querem ter contato (KAËS, 2014).

Se a aliança inconsciente de cunho defensivo for desfeita, irá revelar algo para os sujeitos que a empreenderam (KAËS, 2011). Nos casais, por exemplo, isso poderia levar a uma separação ou a uma possibilidade de construir um novo acordo inconsciente, repactuar o acordo feito anteriormente.

Assim, e diante do exposto até aqui, depreendemos que quando de um vínculo, os envolvidos que o estabelecem compartilham um espaço psíquico em comum, no qual seus aspectos geracionais se encontram, e em que acordos inconscientes são estabelecidos para que o mesmo se inicie e possa se sustentar. Acordos estes que, devido a esse compartilhamento do que cada um traz geracionalmente, pode-se dizer de uma repetição de elementos ou de pactos inconscientes que se referem a algum conteúdo familiar ainda não elaborado por eles. Pode acontecer, então, do parceiro escolhido e do vínculo empreendido com ele ser uma forma do sujeito lidar com algum conteúdo do passado, com o que lhe foi transmitido e ainda não elaborado, ou, como percebe Kaës (2014), uma forma de realizar desejos, mas também como uma maneira de obter uma metadefesa.

Assim sendo e considerando nossas questões de estudo, entender o sujeito por meio dessa perspectiva nos permitirá refletir sobre as formas que a geração atual, ou seja, os filhos, construíram suas conjugalidades tendo em vista as transformações socioculturais, e se foi possível para eles trabalharem os modelos recebidos ou no que essas novas relações irão denotar de repetição, defesa e de similaridade com as relações dos avôs e dos pais. Iremos pensar, portanto, sobre as relações desses sujeitos que estão inscritos em uma genealogia familiar e em uma historicidade, em busca de compreendermos como os conteúdos ressoam e se atualizam na terceira geração, pois, mesmo na tentativa de romper, há um papel social a ser desempenhado.

## 6 – OBJETIVOS

**Objetivo geral:** Compreender como ocorre a construção e manutenção do vínculo conjugal a partir do estudo de três gerações de uma família, segundo a série *This is Us*.

**Objetivos específicos:**

- Investigar a influência do mecanismo de transmissão psíquica, inter e transgeracional, na dinâmica relacional conjugal e na constituição subjetiva da terceira geração familiar, incluindo-se os papéis sociais e de gênero.

## 7 – METODOLOGIA

A presente dissertação consistiu em uma pesquisa qualitativa que utilizou a Psicanálise como referencial teórico e metodológico. Figueiredo e Minerbo (2006) entendem a pesquisa que se utiliza do método psicanalítico enquanto um trabalho onde há a constituição e transmutação de objetos, pesquisadores e instrumentos utilizados. A Psicanálise funcionaria feito uma base que propicia estratégias de averiguação, estando para além de um método de pesquisa, uma vez que essas estratégias vão se construindo e se modificando, delineando técnicas e proporcionando um insight sobre os elementos investigados (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006). Assim, esses fatores compõem o método psicanalítico, no qual se realiza recortes que não são feitos aleatoriamente, e sim conforme a análise os demande e os vá transformando ao longo do andamento da pesquisa (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Como o objeto do psicanalista exige deste que esteja atento à narrativa do paciente, no âmbito da pesquisa, esse objeto pode ser também a narrativa que se dá por meio de alguma obra literária, do cinema, de algum programa televisivo, de um aspecto social, uma vez que, segundo Laplanche (1992), a psicanálise é extramuros e pode ser utilizada em outros contextos. O uso de um material para além da clínica foi realizado por Freud desde os primórdios da Psicanálise para que pudesse refletir sobre sua teoria e os conceitos recém-criados. Freud se utilizava do vasto acervo cultural de sua época, como peças de teatro, obras de arte ou a literatura, para tirar desse material algum elemento que pudesse validar suas descobertas teóricas: “Vejam, o que estou descrevendo não acontece somente comigo ou com meu paciente; é um fenômeno, se não universal, pelo menos já percebido e acessível por meio de obras culturais que todos valorizam” (MEZAN, 2019, p.347).

Tal entrelaçamento entre cultura e psicanálise ainda continua sendo realizado nos dias atuais para discutir conceitos psicanalíticos, sendo encontrado em trabalhos recentes como os de Arós e Aiello Vaisberg (2009), Berttran e Gomes (2013), Berttran, Santos e Gomes (2015), Kaës (2014), Levinzon (2018), Santos e Gomes (2016), em que filmes e seriados de TV são tomados enquanto objeto de análise e reflexão, visando à contribuição para a clínica individual e de casal e família.

Sobre esse uso de materiais da cultura visando contribuições para a Psicanálise, Rezende (1993, p. 112) elucida que “Freud não é apenas um leitor de obras culturais. É um pensador que participa do texto-vivido, acrescentando-lhe o sentido de sua própria

compreensão”. É nessa direção apresentada pelo autor que nos colocamos nessa pesquisa, construindo uma narrativa desse material a partir dos sentidos derivados de nossa própria compreensão e interpretação ao nos colocarmos diante da série de TV escolhida.

Assim, esta pesquisa se utilizou da Psicanálise aplicada, a qual é “capaz de ler, nas maiúsculas da cultura, coisas que podem ter validade nas minúsculas da vida psíquica individual” (MEZAN, 2019, p. 319). Deste modo, elementos clínicos também podem ser encontrados nos materiais fictícios, pois no entendimento do autor:

essas obras da vida cultural foram construídas de forma a ressaltar certas características. O analista dispõe, portanto, de um material análogo ao *in vivo*, porém menos complexo, construído por assim dizer, como o grupo de controle de um experimento (MEZAN, 2019, p. 319, *itálico do autor*).

Segundo Telles (2004), isso é possível por tanto a Psicanálise, como a literatura, e mais recentemente o cinema, se ocuparem não apenas da linguagem, mas também de conteúdos humanos, como os afetos, os sofrimentos, oferecendo aos mesmos um sentido. Deste modo, os filmes podem ser tomados enquanto material de análise, já que essas obras, por serem de uma linguagem visual, se aproximariam dos sonhos e consistiriam em uma via de acesso para o inconsciente (TELLES, 2004). Para Kaës (2014), as obras culturais como filmes e romances propiciam um extenso acervo das alianças inconscientes acordadas pelos casais, do qual o autor se utiliza para exemplificar os acordos entre o casal e nos grupos familiares.

De modo similar, Arós e Aiello Vaisberg (2009, p. 6) afirmam que uma obra cinematográfica pode ser tomada como manifestação de uma situação clínica, pois, ainda que seja ficcional, é experienciada em sua totalidade, ocasionando

um processo similar de uso do método no que compete à escuta e ao manejo de discursos e condutas, o que poderá ser observado na forma de relação com as produções decorrentes do encontro entre pesquisador e obra ficcional.

Diante disso, optamos por tomar a série televisiva norte-americana *This is us* (THIS, 2016) como um caso clínico, entendendo a partir dos autores mencionados seu valor de análise, visto que consiste em um produto cultural da sociedade contemporânea, englobando as vicissitudes das relações familiares e conjugais.

Assim, o seriado foi escolhido devido ao seu enredo contemplar de maneira aprofundada as vivências de uma família ao longo dos anos, apresentando os sintomas dos personagens, os lugares que ocupam dentro do grupo familiar, conteúdos que se apresentam ao longo das gerações, aspectos conjugais da geração atual e das gerações precedentes, e como o entorno familiar em que se subjetivaram tem ressonância em suas vidas e relações atuais. Por meio de flashbacks, o seriado mostra como Jack e Rebecca se conheceram, se constituíram enquanto casal e posteriormente como pais, como criaram Kate, Kevin e Randall e os lugares em que colocaram os filhos em termos de expectativas, passando pelo modo como esses personagens estão atualmente e em como construíram suas relações amorosas (THIS, 2016).

Isso, pois, ainda que se trate de ficção, os temas apresentados no seriado se referem à vida em geral, podendo ser encontrados tanto no cotidiano, quanto no contexto da clínica individual e de casal e família. Portanto, é um material de acesso público e que permite uma análise aprofundada das gerações visando o objetivo deste estudo. Além disso, tomando-se os valores sociais e culturais de hoje, compreendemos que os seriados de TV passaram a fazer parte do cotidiano, abrangendo conteúdos humanos universais.

Desta forma, a metodologia deste estudo se utilizou de uma obra ficcional enquanto uma possibilidade de objeto de reflexão e de análise, pois abordou situações e dinâmicas relacionais presentes na vida de qualquer família; sintomas, angústias e sofrimentos psíquicos decorrentes do legado geracional e constituinte da subjetividade humana na atualidade.

Pensando na pesquisa a partir de um material da cultura, Mezan (2019) menciona a importância de considerar o cenário histórico no qual a obra foi construída. Neste aspecto, é importante ressaltar que a história da série *This is Us* se passa nos Estados Unidos, de modo que a família Pearson encarna os modos de vida americanos. Mas, apesar de ser de outro país, e considerando o teor universal de toda obra cultural mencionado anteriormente, entendemos a possibilidade de analisá-la não pelo que apresenta de particular da vida americana, e sim naquilo que representa das mudanças culturais, dos aspectos geracionais e psíquicos que abarcam os conteúdos de interesse desse estudo.

Como a série está em andamento, com a quinta temporada sendo exibida semanalmente, optamos por tomar como material clínico trechos dos episódios exibidos até a terceira temporada, totalizando 54 episódios. Cabe mencionar que a série foi assistida previamente ao estudo, e, ao ser escolhida como material, houve um processo de assistir novamente aos episódios dentro de uma perspectiva científica e clínica.

Desta forma, a seleção dos trechos foi realizada a partir do recorte “história familiar e conjugal dos protagonistas”. Diante da extensão desse material, organizamos esses trechos de maneira linear, construindo uma narrativa clínica da história da família Pearson, em que alguns diálogos foram transcritos na íntegra. Também optamos por construir um Genograma para facilitar a compreensão da história geracional da família.

A análise do material foi realizada a partir do referencial teórico dos estudos psicossociais acerca das transformações nos modelos relacionais e da Psicanálise Vincular sobre a transmissão psíquica e os acordos inconscientes do casal e da família. Assim, foi possível uma interpretação da transmissão psíquica, dos pactos estabelecidos, da conjugalidade construída, dos lugares ocupados por cada um nesse grupo familiar e a influência desses fatores nos sintomas e nos vínculos constituídos na terceira geração, considerando-se a história geracional da família Pearson.

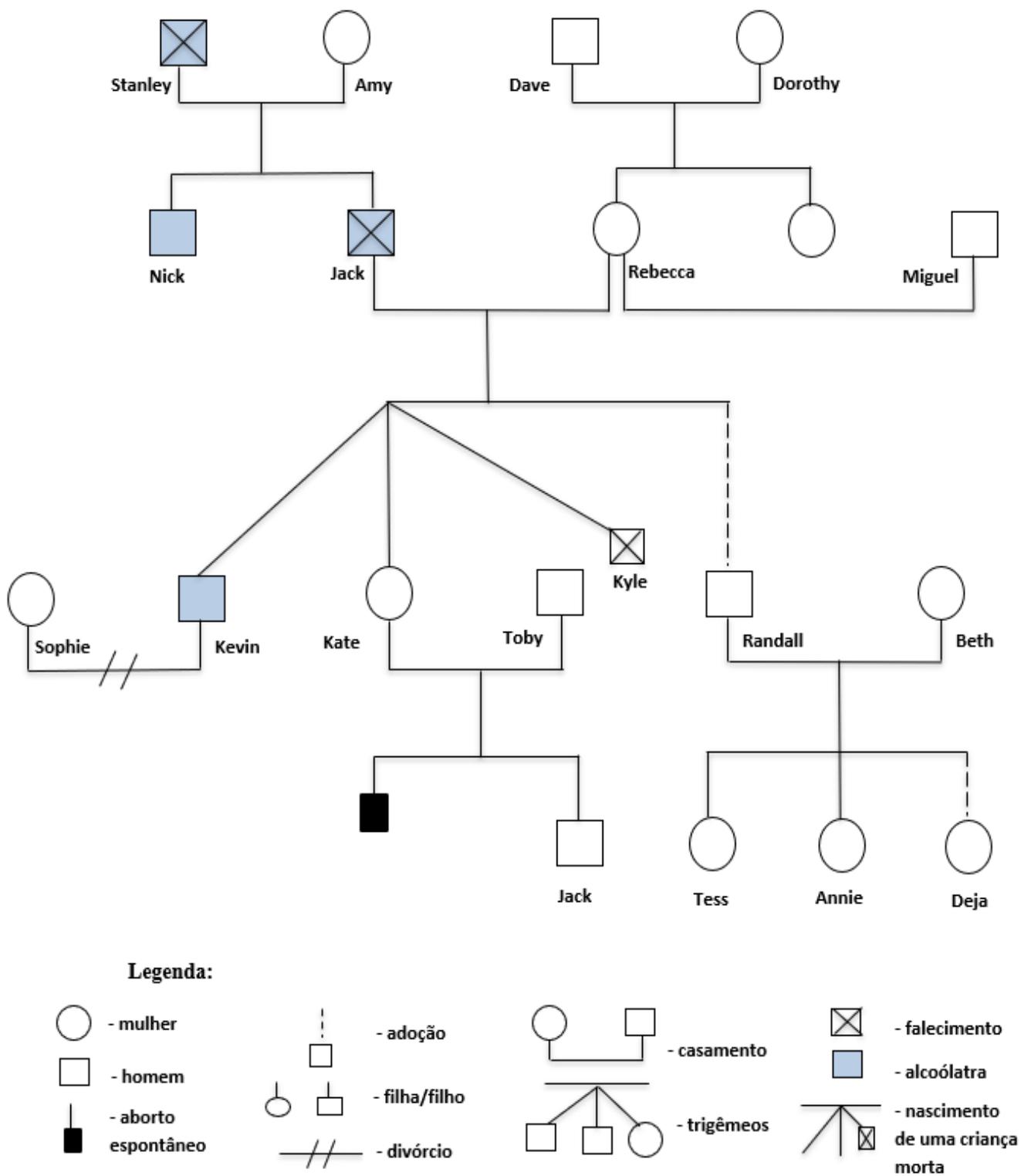
Deste modo, através da metodologia exposta pretendemos atingir os objetivos delineados nesta pesquisa, acerca da compreensão da influência da transmissão psíquica nos modos em que os sujeitos vão constituir e manter seus vínculos conjugais, e de como foram perpassados pelas mudanças socioculturais.

## **8 – RESULTADOS**

Tendo em vista o material fictício escolhido para ser tomado como um caso clínico, trechos deste material foram selecionados e transcritos, visando à apresentação da história conjugal e familiar da família Pearson. Desta forma, foi possível organizar a história geracional da família Pearson e representá-la por meio do Genograma. Também elaboramos a história familiar em forma de narrativa clínica para abordar a constituição subjetiva, familiar e conjugal desse grupo familiar. A partir disso, esse material foi interpretado à luz do referencial teórico escolhido.

## 8.1 - Genograma da família Pearson

Figura 1: Genograma



Fonte: Figura elaborada pela autora

## 8. 2 - Rebecca e Jack e suas famílias de origem

Rebecca e Jack se conheceram em Pittsburgh durante a década de 1970. Jack tinha acabado de voltar da Guerra do Vietnã, e trabalhava eventualmente como mecânico. Morava com os pais e por isso, presenciava as agressões constantes do pai para com sua mãe. Stanley (pai de Jack) também criticava Jack por ele não ter um emprego fixo, o comparando com a esposa e dizendo que ele não teria qualquer futuro. Como Stanley era alcoólatra desde que Jack ainda era uma criança, este cresceu presenciando a atitude abusiva do pai para com a mãe, tomando para si a posição de ajudá-la e protegê-la, o que gerou conflitos entre os dois. Jack também tomava essa posição de proteção para com o irmão mais novo, Nick.

Tal posição de proteção permaneceu com os anos, de modo que quando Nick foi selecionado para ir para a Guerra do Vietnã e se envolveu em problemas, Jack se voluntariou como soldado, mesmo tendo um problema no coração. No Vietnã, foi capitão de um batalhão, e não apenas um mecânico, como costumava contar para as pessoas, o que permitiu que encontrasse o irmão. Nick tinha se tornado um viciado em drogas, bebidas e remédios para lidar com a experiência da Guerra e Jack tentou ajudá-lo a se recuperar. Porém, Nick ocasionou um acidente que levou a óbito uma criança vietnamita, sendo internado em uma clínica de tratamento. Depois desse episódio, a relação entre os dois irmãos ficou abalada e Jack considerava, ao voltar para casa, que Nick tinha morrido, afirmando isso para as pessoas.

Diante dessa experiência no Vietnã e do ambiente familiar em que vivia, Jack buscava ser um homem diferente do pai, tendo planos de sair de casa e poder proporcionar outra vida para a mãe, mas se via impossibilitado de fazê-lo pela falta de dinheiro:

*Observei meu pai, através dos anos. Sempre que esse homem teve que escolher entre fazer o que era certo e o que era errado, ele sempre preferiu o jeito errado. Sem falha. Errado. Errado. Errado. Todas as vezes. Já eu... tentei tomar outra direção. Respeitar as mulheres, fazer minha parte no Vietnã, ser um bom homem. E veja aonde vim parar. Quando vou ter minha grande chance? [...].*

Para tomar a vida que desejava, planejou assaltar um bar junto com um amigo, sendo nesse cenário que Jack conheceu Rebecca, uma vez que ela se apresentava no local como cantora. Assim que a viu, Jack desistiu do assalto, decidido a conhecê-la e conquistá-la.

Na ocasião, Rebecca tentava construir uma carreira como cantora e se apresentava em bares, o que desagradava sua mãe e era visto pelas suas amigas como um comportamento fora do padrão, já que ela, quase com 30 anos, deveria estar preocupada em conseguir um bom casamento e ter filhos.

Rebecca, assim como Jack, nasceu em uma família de modelo tradicional e cresceu observando sua mãe em um papel submisso, se ocupando com as tarefas do lar e em agradar seu pai, mesmo que este a deixasse de lado. Com Rebecca, ela assumiu uma maternidade rígida, cheia de cobranças e julgamentos para com as escolhas da filha, inclusive as amorosas.

Rebecca demonstrava desde a época da escola que não se identificava com aquilo que era imposto para as meninas, como as aulas de culinária, optando por ir assistir à aula de carpintaria junto com os meninos.

Como seus planos não giravam em torno de se casar, ela não era apoiada em seu sonho de ser cantora, e sim incentivada a começar a se preocupar com esses aspectos já que as mulheres da sua idade, como suas amigas e irmã, já eram esposas e donas de casa. Cedendo à pressão das amigas, foi a um encontro com um homem considerado um bom partido, mas saiu no meio do jantar para ir se apresentar no bar em que conheceu Jack.

Jack similarmente estava sendo incentivado a conhecer moças, e também tinha um encontro marcado para aquela noite, do qual se esqueceu. No mais, não há informações sobre a vida amorosa dele.

Ao se conhecerem, Jack convidou Rebecca para que fossem para outro lugar. Durante o passeio, Rebecca se mostrou à frente do seu tempo, contando sobre seus planos de ir para Los Angeles e deixando clara sua vontade de independência, enquanto Jack ficou mais quieto e mostrou-se sensível para falar sobre a própria vida, principalmente sobre o que aconteceu durante o tempo que passou no Vietnã.

Contudo, antes deles se constituírem enquanto um casal, um ex-namorado de Rebecca reapareceu em sua vida, lhe propondo que se casassem e que se mudassem para Nova Iorque, onde ela poderia explorar sua carreira de cantora e ter uma vida confortável devido à boa condição financeira dele. Rebecca aceitou a proposta, mas ao reencontrar Jack, sentiu algo, como explica na fala a seguir:

*[...] não sei quase nada sobre ele. Ele foi para o Vietnã. A vida dele parece muito bagunçada e triste. E os sonhos dele não tem nada a ver com os meus. Acho que ele seria bom para mim e me apoiaria, mas não*

*tenho como ter certeza porque não o conheço. Passamos somente quatro horas juntos. Mas... Eu tive um pressentimento.*

Assim, desistiu de se casar e foi se encontrar com Jack, propondo que ele fosse com ela até Los Angeles para conversar com uma gravadora. Tal convite não agradou sua mãe, uma vez que para aquela década, o comportamento de Rebecca era considerado inapropriado para uma mulher, mas Rebecca insistiu em ir.

Na viagem, os dois se aproximaram e ela pôde presenciar como Jack era atormentado pelo que viveu na Guerra, uma vez que ele tinha pesadelos, os quais não conseguia compartilhar. Jack similarmente mostrou sua dificuldade em demonstrar emoções, comentando que raramente chorava: “*Não, eu... fiquei muito bom em engolir as coisas ruins*”. Jack não falava sobre o assunto por ser difícil para ele retomar tal experiência. Apesar de querer ajudá-lo, Rebecca mostrou-se compreensiva, aceitando não saber sobre essa parte da vida de Jack.

Ao voltarem da viagem e Rebecca sendo considerada uma cantora “*boa para Pittsburgh*”, deram início à vida a dois.

### **8. 2. 1 - O casal Rebecca e Jack**

As tentativas individuais de ambos não serem iguais aos pais passaram para a relação: Jack buscava conversar com Rebecca, apoiá-la na carreira e se tornar a melhor versão de si, tentando deixar suas experiências traumáticas para trás; Rebecca não se deixava de lado na relação, e buscava fazer parte dos gostos masculinos do parceiro, pedindo, por exemplo, que ele a ensinasse futebol para que pudesse assistir aos jogos com ele.

Rebecca encontrou em Jack alguém que ajudava com as tarefas da casa, que não se importava em lavar a louça, que a incluía em seus *hobbies*. Rebecca admirava tais atitudes do marido, uma vez que cresceu vendo sua mãe se ocupando desses serviços e seu pai na frente da TV, sendo servido, o que Jack também via sua mãe fazer, com a diferença que Stanley agredia a esposa quando algo lhe desagradava.

Como parceiro, Jack fazia grandes gestos para Rebecca, como sempre reservar a mesma mesa do mesmo restaurante para celebrarem o Dia dos Namorados, lhe preparar surpresas e presentes no aniversário de casamento, comprar uma joia quando sentia que estava sendo um péssimo parceiro, lembrá-la dos votos que fizeram em um momento

de crise do casamento. Além disso, Ihe fazia discursos românticos, sempre enfatizando o quanto conhecê-la mudou toda a sua vida.

Rebecca, por sua vez, se mostrava uma parceira mais tranquila, não tão ligada a grandes gestos de afeto, reconhecendo que Jack era melhor em realizar surpresas do que ela. Contudo, Rebecca buscou em alguns momentos da relação ser um pouco como o parceiro nesse sentido, como uma forma de retribuir o que ele fazia por ela, para se desculpar por ter sido rude ou para animá-lo. Mas, mesmo com essas tentativas, ela sentia que não era tão boa como ele, considerando o parceiro um homem bom e perfeito.

Em vários momentos do relacionamento, ambos se referem aos pais que tiveram e aos modelos de relação que presenciaram. O assunto era tão constante que Rebecca demonstrava se irritar em como Jack fazia parecer que seu ambiente familiar foi pior que o dela: *“Eu sei. Ela não é tão ruim. Minha mãe passiva-agressiva é fichinha comparada ao seu pai abusivo. Eu entendo, Jack! Meu Deus!”*.

Cabe ressaltar que os pais de Rebecca não consideravam Jack o suficiente para ela, principalmente sua mãe, que fazia questão de a cada encontro com Rebecca lembrá-la disso, principalmente quando esta engravidou de trigêmeos. Sobre os pais de Jack, sabe-se que Stanley ficou sozinho depois que Jack retirou a mãe de casa e a levou para morar na casa de uma amiga. Stanley não sabia que Jack tinha se casado com Rebecca, e por isso, quando Jack precisou de dinheiro para oferecer uma boa casa para a esposa e os filhos, e recorreu ao pai, fingiu estar endividado com apostas de jogo. Stanley apenas soube da família do filho quando ficou doente na casa de repouso em que vivia, e Rebecca e Kate vão visitá-lo já que Jack estava acampando com Kevin e Randall e se recusou a visitar o pai, já o considerando morto.

## **8.2.2 - A família que Rebecca e Jack construíram**

Quando já estavam casados, mas sem ainda terem conversado sobre ter filhos, Rebecca expressou seu pavor frente a esse fato e Jack, que na verdade desejava ser pai, fingiu sentir o mesmo. Rebecca até mesmo pediu para que o parceiro promettesse que nunca teriam filhos, o que o incomodou. O assunto gerou uma tensão entre os dois:

*Jack - Com a família que tive nunca me imaginei tendo filhos [...] Então eu te conheci. E nós dois somos ótimos juntos. E eu amo a nossa vida. Mas conforme vou envelhecendo, mais eu penso que... mais eu penso que deve ter algo que vá além de você e eu.*

*Rebecca - Obrigada por me contar sobre essa sua mudança inesperada! Grande mudança, porque você sempre soube, quando nos conhecemos, que eu não seria uma dessas mulheres que o único objetivo na vida é ser mãe. Se é isso o que queria, deveria ter escolhido minha mãe. [...] Eu não estou pronta, Jack. Eu ainda não estou pronta. Só tenho 29 anos.*

Por querer continuar com ela e entendendo que ela não iria ceder, Jack a escolheu em detrimento de ter filhos, explicando porque pensava nos mesmos:

*[...] Meu pai, ele amava futebol mais do que tudo. Na maioria das vezes, ele não queria nada comigo. Mas se ele estivesse assistindo futebol, ele me deixava sentar e assistir ao jogo com ele, contanto que eu sentasse no chão e não falasse demais. Sempre imaginei que quando tivesse filhos, que também assistiria aos jogos com eles, mas eu os deixaria falar, o quão alto quisessesem.*

Ao ter conhecimento dos motivos de Jack para ser pai, Rebecca se questionou sobre o que havia de errado com ela, uma vez que as mulheres da sua idade já tinham filhos. E, repensando sua escolha, percebeu que via os dois com filhos a longo prazo.

Rebecca engravidou de trigêmeos pouco depois, os quais nasceram no mesmo dia do aniversário de 36 anos de Jack. Como a gravidez era de risco e o parto aconteceu com seis semanas de antecedência, o terceiro bebê não sobreviveu devido a complicações durante o parto. Jack ficou abalado com a notícia, pois repetiu diversas vezes que sairia do hospital com três crianças, que formariam o “*The Big Three*” (O Grande Trio) e que seriam nomeadas com nomes com inicial “K”. Antes de contar para Rebecca que tinham perdido Kyle, descobriu que um bebê negro tinha sido abandonado no corpo de bombeiros e trazido para o hospital, decidindo adotá-lo.

Rebecca teve dificuldade para receber o novo bebê e lidar com a perda do filho, sentindo um incômodo em nomeá-lo de Kyle como Jack sugeriu. Por isso e sem o conhecimento do esposo, foi atrás das origens do bebê, conhecendo o pai biológico, Willian, que o abandonou por não ter condições de criá-lo sozinho e por ser usuário de drogas. Escolheu o nome Randall para o bebê, referente a um autor que Willian gostava. Apesar da dificuldade inicial de aceitar o novo filho, Rebecca construiu um vínculo com ele ao longo do tempo.

Rebecca se dedicou ao cuidado das crianças enquanto Jack trabalhava fora em uma construtora para sustentar a casa. Rebecca foi, assim, deixando o sonho de ser cantora de lado e se tornando dona de casa. Conforme as crianças foram crescendo, ela e Jack foram esbarrando nas questões pessoais de cada filho, tornando-se cada qual especialista

de um filho em específico: Rebecca lidando com aquilo que Jack não conseguia lidar e vice-versa.

Jack tornou-se um pai cuidadoso e presente para os filhos, que buscava ouvi-los, incentivá-los e criar rituais com eles, como o de assistir futebol e uma encenação de uma história em todo feriado de Ação de Graças, se esforçando para ser um pai diferente daquele que teve.

Para Randall, buscou ser uma referência de homem e fez o que estava ao seu alcance para oferecer ao filho o que sentia que ele precisava, jamais fazendo diferença entre ele e os gêmeos, o considerando como seu filho legítimo. Percebendo que o filho buscava referências, Jack cogitou procurar seus pais biológicos, mas Rebecca argumentou que era melhor não fazerem isso porque poderiam perder o filho.

Com Kevin, o incitava a tomar jeito, a tratar melhor o irmão e a reclamar menos. Apesar de conversar com o filho quando sentia que ele precisava, Kevin não tomava tanto as preocupações de Jack. Na verdade, Jack se voltava especialmente para as necessidades de Kate. Jack demonstrava não suportar ver a filha desanimada ou frustrada com algo, sempre se esforçando em conversar com ela e fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para animá-la. Por exemplo, quando ele lhe emprestou sua camiseta na piscina dizendo que era mágica e poderia tornar Kate uma princesa ou, quando tentou animá-la durante seu aniversário de 10 anos porque suas amigas não estavam na festa. Jack jamais contou para os filhos sobre tudo o que viveu em seu passado, mostrando seu lado bom para eles, principalmente para a filha.

Rebecca similarmente se esforçou para ser uma boa mãe para os três filhos, cuidando deles e da casa, cozinhando como sua mãe lhe havia ensinado. Buscou ser uma mãe diferente da mãe que teve, conversando com as crianças, tentando se relacionar com elas, se mostrar compreensiva. Porém, em algumas ocasiões, se assemelhava a sua mãe, principalmente em sua relação com Kate, uma vez que era exigente com a filha pela questão do peso, além de julgar suas escolhas. Isso também se evidenciava quando visitava os pais ou recebia visita deles, pois tentava demonstrar que era uma boa mãe e uma boa dona de casa. Nessas ocasiões, tornava-se mais rígida com os filhos do que normalmente era, o que eles e Jack percebiam.

Rebecca tinha uma relação mais próxima com Randall, sentindo que “*ele só era mais fácil*”. A preferência dela por Randall era tão clara que quando ele e o irmão brigavam, Rebecca ficava do lado de Randall. Com Kevin, sentia-se cobrada por ele a todo momento, como se não fizesse o suficiente, ao mesmo tempo em que sentia que ele,

diferentemente dos irmãos, não precisava de tanta atenção. Vários são os momentos em que os dois não conseguiam se relacionar, e que Rebecca sentia dificuldade em lidar com o jeito dele.

Esta demonstrava em vários momentos como cuidar dos filhos e da casa a privou de fazer algo por si mesma. Além disso, sentia que era ela quem colocava as regras para os filhos, sendo vista como a “chata”, enquanto Jack era visto como mais permissivo, que os levava para a piscina e comprava sorvete.

Quando as crianças tinham 9 anos, Jack começou a se desligar da rotina familiar devido ao trabalho e ao consumo de álcool. Rebecca percebeu o que estava acontecendo, indicando para Jack seu descontentamento e como seu comportamento influenciava na parentalidade deles, o questionando sobre como os avaliava enquanto pais:

*Rebecca – [...] Ei, como acha que estamos indo até agora? Como pais. [...] Eu acho que estamos nota 6. Em uma escala de 0 a 10, acho que estamos nota 6 e que estou sendo otimista. Generosa.*

*Jack – Bec...*

*Rebecca – Está bem, nota 7. Mas só porque são 3 filhos.*

*Jack – Amor...*

*Rebecca – Eu estou tentando muito nos conseguir uma nota 9, porque eles são uma graça e merecem pais nota 9. Mas eu acho que já... consegui, Jack. Sinto como se eu já fosse nota 9, porque separo um almoço para cada um, ponho um de cada vez na cama para ninguém se sentir excluído. E quando você está em casa e é você mesmo, você é muito melhor do que eu. Você é nota 10 quando é você mesmo, Jack. Mas você chega cada vez mais tarde e quando chega em casa...*

*Jack – O que está dizendo?*

*Rebecca – Chega de bebida. Você tem que melhorar, amor, porque não terei isso na minha casa. [...] Então se há um problema, solucione. Seja um homem e solucione, porque não vou mais deixar você baixar a nossa nota.*

Temendo perder a esposa e os filhos, Jack se inscreveu em aulas semanais de boxe para externalizar o que estava sentindo, conseguindo parar de beber, de modo a não tocar mais nesse assunto com a esposa.

### **8. 2. 3 – O alcoolismo de Jack na conjugalidade com Rebecca**

Apesar de desprezar o vício do pai pela bebida e de ter conseguido parar de beber, Jack teve uma recaída sete anos depois, durante a adolescência dos filhos, quando ele e Rebecca já estavam juntos há 18 anos.

Na época, o relacionamento entre o casal estava desgastado, principalmente depois que Rebecca voltou a cantar a convite de um amigo que a queria em sua banda. Jack se incomodava com os ensaios à noite, mas a incentivava. Como cada um tinha sua rotina, começaram a se ver pouco no dia a dia, e quando conseguiam, estavam cansados demais para se escutarem e terem um momento como casal. A separação de um casal de amigos fez com que eles se questionassem se também iriam se separar devido ao momento sensível que estavam passando. Tentando reavivar a relação, por entender que casamento era para sempre, Jack levou Rebecca para o primeiro apartamento em que moraram, em busca de se lembrarem do casal que eram quando se casaram.

Concomitantemente, ela recebeu a oportunidade de sair em turnê, o que ele apoiou apesar de seu descontentamento, se disponibilizando para cuidar dos filhos. Mas, ao descobrir que a esposa e o vocalista da banda já haviam se envolvido amorosamente no passado, Jack começou a sentir ciúmes, alegando que ela não deveria sair em turnê porque os filhos precisavam dela. Essa situação gerou uma tensão entre eles, pois Rebecca percebeu o incômodo do marido, mas não queria desistir da oportunidade de voltar para os palcos.

*Rebecca – Nos últimos 16 anos, coloquei tudo e todos em primeiro plano, menos eu mesma. Você e as crianças. E eu sabia que se contasse sobre Ben, você surtaria. Mas eu precisava fazer algo para mim sem você me atrapalhar.*

*Jack – Nunca pensei que eu atrapalhasse você, Bec. [...].*

Após essa discussão, Jack voltou a beber, escondendo mais uma vez o alcoolismo da esposa e de seus filhos.

Rebecca decidiu sair em turnê mesmo estando brigada com o marido. O clima entre o casal não passou despercebido aos filhos, principalmente por Kate. Seguindo o conselho da filha, Jack foi até a cidade onde aconteceria a primeira apresentação de Rebecca. Durante o trajeto, bebeu em excesso e como estava fora de si, agrediu o vocalista da banda, o que levou Rebecca a desistir da turnê. Aqui, ela e Jack criaram coragem para expor aquilo que os incomodava na relação, mas que nunca era discutido.

Jack expôs seu incômodo por ela passar tanto tempo fora de casa, dando a entender que foi a ausência dela em casa que o fez voltar a beber. Rebecca não aceitou esse comentário de maneira passiva tampouco a própria recaída do marido. Para ela, ele havia bebido porque não aguentava que ela estivesse fazendo algo para si mesma.

Jack se alterou ainda mais ao descobrir que o vocalista tentou beijá-la, fazendo com que ela se alterasse também e admitisse que:

*Rebecca - É a primeira vez em muitos anos que faço algo para mim. A primeira vez em anos que eu...*

*Jack – Diga.*

*Rebecca – Não.*

*Jack – Vamos, diga. A primeira vez em muitos anos o quê? Que se sentiu realizada? Diga. Vamos, diga em voz alta que nós não a realizamos. Diga em voz alta que sua vida...*

*Rebecca – Eu não tenho vida! Tenho zero vida, Jack. Sou uma dona de casa com três adolescentes que não precisam mais de mim. E tenho um marido que chega toda noite às 20h e, se eu tiver sorte, entra na cozinha, conta seu dia para mim, depois desmaia no quarto às 22h. Não tenho vida! Sou uma droga de fantasma!*

Depois de dizerem um para o outro o que de fato sentiam sobre a relação, Jack saiu de casa e foi morar com seu melhor amigo (Miguel), mas Rebecca foi atrás dele para que voltasse para casa. Jack ficou envergonhado pelo seu comportamento e a esposa o apoiou em sua doença, o incentivando a buscar ajuda. Jack começou a participar das reuniões dos Alcoólicos Anônimos, seguindo as lições, e estava começando a se abrir com a esposa e tentando falar mais sobre seus sentimentos. Ele também planejava abrir sua própria construtora, tendo Rebecca como sócia.

Devido a um incêndio na casa em que moravam, que teve início por uma panela elétrica que esqueceram ligada, Jack tirou os filhos e a esposa da casa, mas voltou para buscar o cachorro de Kate e pertences que ele considerava importantes, como as fitas de vídeos que gravou da família ao longo dos anos. Por isso, Jack inalou muita fumaça, tendo um ataque cardíaco e falecendo aos 52 anos.

Tal acontecimento abalou a família, de modo que Rebecca buscou cuidar dos filhos da melhor maneira que pôde, se mostrando forte para eles apesar do sofrimento que sentia pela ausência de Jack. Kate, Randall e Kevin foram afetados pela perda do pai, encontrando modos individuais para encararem esse momento. Contudo, esse luto, 20 anos depois, ainda é sentido e afeta a vida dos três no momento atual de suas vidas, assim como a de Rebecca. Jack se mostra presente na vida da família apesar de sua morte.

#### **8. 2. 4 - Interpretando a conjugalidade dos pais - Jack e Rebecca**

Se nos voltarmos para a geração dos pais de Jack (Stanley e Amy) e dos pais de Rebecca (Dorothy e Dave), temos acesso aos modelos em voga em sua maior expressão de tradição, de um homem provedor e autoritário e de uma mulher contida, respeitável, que vivia para atender às necessidades do marido (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE,

2006; LINS, 2017). Jack e Rebecca tentaram romper com esses padrões, mas, em alguns aspectos, ambos foram capturados por esses lugares sociais.

Rebecca foi incentivada a seguir o caminho feminino tradicional de ser mãe, esposa, que deveria se empenhar em aprender a cozinhar e a cuidar do lar caso quisesse conquistar um marido (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006; GIDDENS, 1993; LINS, 2012; MEZAN, 2003). Contudo, Rebecca não queria se tornar essa mulher. Deste modo, observamos que, apesar de ter sido influenciada por esse modelo, vivenciou a vida adulta em um cenário em que as mudanças no papel feminino tiveram início por meio da revolução sexual e do movimento feminista (DEL PRIORE, 2003; MEZAN, 2003; ROUDINESCO, 2003). Nesse sentido, entendemos Rebecca como uma das exceções femininas mencionadas por Bassanezi (2000), por ser uma mulher que se rebelava e contestava as imposições do feminino por meio de seu desejo de se dedicar a uma carreira e pela escolha de quem queria como parceiro.

Mas, ao se casar com Jack, Rebecca abdicou de seu sonho de ser cantora, buscando ser a esposa perfeita e ocupar esse lugar esperado por ela socialmente. Na mesma medida, vemos Rebecca frustrada por não saber ser mãe e impaciente por não conseguir cozinhar perfeitamente algo para o marido, ou seja, por falhar nos quesitos importantes para manter a casa e o casamento (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006; MEZAN, 2003). Deste modo e dentro do que lhe foi possível, ela acabou ocupando essas funções, mas não se sentiu plena com isso, visto que não pôde se realizar no âmbito artístico. Assim, identificamos em Rebecca o conflito entre seus anseios pessoais e aquilo que era esperado socialmente dela em termos de ser mãe e cuidadora do lar, conflito este percebido por Gomes (2013) e por Badinter (2011) nas mulheres contemporâneas.

No contexto em que conheceu Jack, ainda prevalecia a ideia de que a essência masculina se expressava pelo trabalho, pela iniciativa e pela força, além de que o homem precisava ser honrado e ter condições de sustentar a família para ser considerado um bom candidato à esposa, principalmente aos olhos da família da mulher (BASSANEZI, 2000). Jack se esforçou para ser esse homem para Rebecca e para receber a aprovação dos sogros, de modo que o vemos muito ligado ao papel tradicional de homem provedor, bom pai, bom esposo e que vive para a família, tal como o bom partido deveria fazer (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006; MEZAN, 2003). Mas, que ao mesmo tempo, apresentava algo de diferente dos homens desse período, pois tratava bem a parceira, considerando-a como igual, além de ser um pai e um parceiro presente e afetuoso.

Compreendemos que esse diferencial de Jack foi o critério que importou para que Rebecca o escolhesse e contrariasse seus pais.

Em vista disso, compreendemos que o casal já apresentava traços das transformações na intimidade que tiveram início nesse período e que vieram a compor o casal contemporâneo. Um desses traços refere-se ao receio do casal diante da escolha de ter filhos e de que isso viesse a atrapalhar a rotina a dois:

*Jack – Rebecca acha que se tivermos filhos, nossas vidas acabarão.*

*Rebecca – [...] Eu só... eu amo a nossa vida. Amo desse jeito. E fico apavorada em mudar isso.*

*Jack – Não quero mudar isso, está bem? Não apoiarei nada que mude as coisas entre nós, ok? O que temos juntos, você e eu. Nada!*

Esse temor foi observado por Biffi (2014) durante o projeto de ter filhos nos casais contemporâneos, em que estes consideram suas realizações pessoais e o aproveitar a vida conjugal como elementos a serem investidos antes da vinda de um filho, o que fica implícito no diálogo acima. A autora também aponta que essa decisão é tomada em conjunto. Contudo, percebemos que o desejo de ter filhos se evidenciou mais em Jack do que em Rebecca. Esta, por sua vez, levou mais em conta a avaliação social acerca de suas escolhas, já que estavam voltadas para sua realização pessoal, explicitando o apontamento de Badinter (2011) sobre o julgamento social ao qual casais sem filhos e mulheres que optam por não serem mães sofrem. No caso de Rebecca, houve a gravidez, mas não sem conflitos.

Diante desses fatores, depreendemos a partir de Granjon (2000), Kaës (2001, 2011, 2014) e Trachtenberg (2017) que houve uma transmissão dos valores sociais e conjugais em nível intergeracional para o casal, dos quais eles se apropriaram e deram seu significado, buscando fazer diferente devido ao receio de se tornarem parceiros tais como seus pais. Neste ponto, inferimos que o casal conseguiu construir algo próprio, uma conjugalidade mais afetiva, bem como uma família que se sustentava nessa proximidade, nos remetendo ao ideal de casal e família moderna citado por Mogueillanksy e Nussbaum (2010).

O encontro amoroso entre os dois possibilitou que construíssem seu modo de conjugalidade e de parentalidade, se distanciando, nesse aspecto, do que apreenderam de suas famílias de origem e de apenas reproduzirem essas relações (KAËS, 2014; OLIVEIRA, 2014). Porém, houve uma influência desses modelos internalizados em certa medida, visto que o casal entrou em contato com elementos parentais que os

incomodavam: Jack se tornou alcoólatra e Rebecca acabou reproduzindo o papel de esposa, cuidadora do lar e dos filhos, deixando de lado seus sonhos de ser cantora.

Sobre seus acordos inconscientes, foi realizado um pacto de que Rebecca não podia tocar no passado de Jack, obtendo em troca sua melhor versão como homem e um apoio para os sonhos dela. Esse passado ficou enterrado, assim como o pai de Jack (Stanley) e seu irmão (Nick). Rebecca o aceitou, o acolheu, e isso bastou para Jack, pois pôde construir uma outra versão de si mesmo e deixar de lado o trauma que vivenciou, ainda que este retorne em alguns momentos. Contudo, Rebecca também guardou segredos do marido, como a família biológica de Randall e como se sentia sobre a morte do filho biológico (Kyle). Assim, o casal parece ter se organizado por meio de um espaço de não ditos, de assuntos que não deviam ser tocados em prol daquilo que construíram juntos. Isso também se expressa na negação de Rebecca frente ao alcoolismo do marido:

*Rebecca - Você não é alcoólatra, Jack. Não é. Bebeu muito durante um ano, há sete anos, e parou de uma hora para outra. Mas acho conveniente que esse seu alcoolismo tenha ressurgido no mesmo momento em que finalmente consigo algo para mim mesma”.*

*Jack - Não, não. Isso é completamente falso. Isso é completamente injusto e completamente falso. Meu pai era...*

*Rebecca - É, eu sei![...].*

O seguinte trecho denota uma dificuldade da parte de ambos de admitir o alcoolismo: da parte de Jack por não querer se tornar como seu pai e de Rebecca por não (des)idealizar o marido. Levando isso em conta, nos indagamos: será que Rebecca, ao negar que o marido fosse imperfeito, inconscientemente colaborava para que ele negasse seus problemas para ela e para os filhos, com medo de perdê-los caso tivessem conhecimento de seu passado? Essa hipótese parece se apresentar na seguinte fala de Jack para Kate:

*Eu preciso te contar algo [...] parte do motivo da briga que sua mãe e eu tivemos... Katie, eu... eu tenho um problema com o álcool. Meu pai teve problema com o álcool. E eu escondi isso de vocês, porque... porque eu não queria que vocês soubessem disso a meu respeito. Eu não queria mesmo que vocês soubessem disso a meu respeito. Mas vocês têm que saber. [...]eu sinto muito. Eu nunca quis decepcionar vocês. Mas eu tenho que ser sincero com vocês. Porque eu preciso de vocês.*

Percebemos, então, que Jack e Rebecca pactuaram uma aliança inconsciente de cunho defensivo (KAËS, 2011; MAGALHÃES; FERÉS-CARNEIRO, 2003; OLIVEIRA, 2014), a qual parece estruturar esse relacionamento amoroso e, por conseguinte, o familiar. Percebemos, assim, um pacto que levou Rebecca a negar junto com o parceiro, de modo que ambos evitavam expor essas questões que poderiam ocasionar conflitos, o que colaborou para que fossem vistos como modelo de casal e de pais. Supomos, diante disso, que essa organização da rotina conjugal e familiar funcionou enquanto cada um ocupou os lugares tradicionais, pois os conflitos surgiram quando essa dinâmica foi alterada com o movimento de Rebecca de ter um espaço para além do lar. Nesse momento, se desvelou o incômodo de Jack com a saída da esposa, ainda que ele buscasse manifestar que a apoiava.

Neste aspecto, o casal nos alude ao movimento percebido por Kaës (2011) de que diante de alguma mudança de uma das partes que compõe a aliança, ocorre um abalo da estrutura vincular construída, de modo que os sujeitos se empenham em manter as defesas para não terem acesso ao que os liga. Assim, o movimento de Rebecca de sair do papel de rainha do lar, de mãe, ocasionou tensão no casal, os levando a olharem um para o outro, para a relação e para o que mantinham camuflado no dia a dia.

Foi somente nessa ocasião que Jack conseguiu mostrar sua fragilidade e os problemas que estava enfrentando consigo mesmo e Rebecca aceitou que ele era dependente de álcool. Isso permitiu que Jack pudesse compartilhar o que vinha guardando, e inaugurasse uma nova forma de relação com a esposa:

*Jack – Bec, eu... Eu pedi dinheiro emprestado ao meu pai para comprar a nossa casa. Eu tinha vergonha de não poder nos sustentar sem ele.  
Rebecca – Jack.  
Jack – E... tem muitas outras coisas também, que eu enterrei. Eu vou te contar... um dia. Estou trabalhando nisso. Tudo bem?  
Rebecca – Sim. Estarei pronta quando você estiver.*

Compreendemos que neste momento em que o casal parental pôde conversar sobre o que ficou escondido durante anos, algo mudou e que eles estavam caminhando para um processo de repactuação. Contudo, esse movimento foi interrompido devido ao falecimento de Jack.

Assim, e diante do exposto, consideramos que o compartilhamento entre Jack e Rebecca permitiu que modificações surgissem nos dois e eles pudessem experimentar uma relação aos moldes do que esperavam para uma relação afetiva, ainda que a

influência de suas famílias de origem fosse muito presente. Essa vivência conjugal perpassada pela tradição e pelas mudanças suscitadas no encontro amoroso entre os dois se constituiu em um modelo que teve influência em seus filhos.

### 8.3 - Kevin

Kevin foi colocado pelos pais no lugar de número 1 do “*The big three*”, sendo o primeiro a nascer, o primeiro a andar, o primeiro a fazer sucesso com as meninas, aquele que teria tudo. Como Jack tentou recompensar Kate por seu sobrepeso e pelo conflito que isso gerava com sua mãe, Rebecca voltou todas as suas atenções para Randall (talvez pela culpa por saber de suas origens e não revelar nada), e Kevin foi deixado em segundo plano na atenção dos pais.

Diante disso, Kevin cresceu usando de estratégias para ser visto, como montar grandes aviões de brinquedo com o pai para ter um tempo com ele ou mostrando que sabia nadar e mergulhar quando iam à piscina. Contudo, conseguia essa atenção por pequenos momentos, já que Rebecca e Jack logo se voltavam para os outros filhos. “*Estão tão ocupados com o quanto a Kate come e pelo Randall ser adotado, e enquanto isso, cadê o Kevin? Oh... adivinha? Está morto!*” (Kevin).

Isso fez com que Kevin não fosse visto, ainda que ocupasse um lugar de destaque, gerando um sentimento de insegurança e incerteza sobre si mesmo e sobre suas realizações. Dentre os irmãos, Kevin era tido como mal humorado, dramático, aquele que não se importava com ninguém além dele mesmo. Contudo, Kevin tinha um lado sensível, que pouco era visto por seus pais, assim como sua insegurança, já que ele desempenhava bem o papel de destaque e até de arrogância em alguns momentos.

Quanto aos irmãos, sempre foi mais próximo de Kate do que de Randall, com quem teve dificuldade de construir um vínculo fraterno por se sentir deixado de lado. Tinha ciúmes do irmão por perceber que ele tinha toda a atenção de Rebecca e, por isso, vivia brigando com ele e implicando com suas notas, seu perfeccionismo e seu jeito para com a mãe. As brigas pioraram quando os dois eram adolescentes, tendo personalidades tão diferentes que se tornou insuportável para Kevin dividir o quarto com o irmão, o que o levou a dormir no porão. Outro fator de tensão consistiu no fato de jogarem para times de futebol opostos, o que aumentou a rivalidade entre eles. As brigas continuaram até a vida adulta. Entretanto, os dois encontraram uma possibilidade de se entenderem e de acolherem as questões um do outro.

Já ele e Kate eram tão próximos quando pequenos que só se acalmavam na presença um do outro, e quando um se machucava, o outro também sentia a dor e chorava. Kevin se preocupava com a irmã e buscava fazer o que estava ao seu alcance para que ela não se decepcionasse. Depois da morte de Jack, e percebendo a tristeza da irmã, Kevin

considerou desistiu de ir para Nova Iorque com sua namorada (Sophie) para não deixá-la.

Na vida adulta, essa ligação permaneceu, Kate sendo a única pessoa que o levava a sério e o via para além de sua aparência, a ponto de sempre recorrer a ela para ser escutado por alguém. Várias foram as situações em que ele ligava para a irmã, pedindo sua presença, ou que invadiu a rotina dela para conversar sobre o que estava sentindo.

Durante sua adolescência, tinha a promessa de ser um grande jogador e ganhar uma bolsa de estudos para alguma Universidade, mas não conseguiu alcançar tal sonho devido a um acidente no joelho que sofreu durante um jogo. Kevin assumiu uma postura de revolta por ter seus planos arruinados, comportamento este que o levou a se desentender com o pai. Nesse período, Jack estava enfrentando seu vício de álcool, o que Kevin observava, demonstrando o quanto aquilo o incomodava.

Kevin namorava Sophie e estava com ela quando o incêndio teve início. Por isso, não teve a chance de fazer as pazes com o pai ou de ver o bilhete que Jack deixou para ele dizendo que o amava. Kevin se sentiu culpado por não estar junto com a família, acreditando que poderia ter impedido o pai de retornar à casa. Em meio ao luto e à raiva por não poder mais ser um jogador de futebol, ele começou a recorrer ao álcool como válvula de escape. Foi nesse contexto que começou a participar do teatro e a se interessar pelo tema.

Com 36 anos, Kevin se tornou um ator em constante conflito consigo mesmo, repensando os papéis que interpretou em sua carreira, sentindo que poderia fazer algo mais importante. Decidiu, então, abandonar o papel no seriado televisivo “*The Manny*” (O Babá), que o fez ser conhecido, e ir embora de Los Angeles para trabalhar com teatro em Nova Iorque, em busca de ser levado a sério. Nesse período, foi morar na casa de Randall e Beth, que residiam em Nova Iorque.

Seu papel na peça o levou a ser convidado para estrelar um filme em Los Angeles, fazendo-o intercalar sua vida entre as duas cidades. Apesar dessa grande oportunidade, Kevin ainda duvidava de si mesmo e se sentia inseguro. Além disso, como o filme tinha a temática de Guerra, Kevin entrou em contato com o luto que sentia pelo pai, se acidentando durante as filmagens e machucando o mesmo joelho que o impediu de se tornar um astro do futebol. Isso o levou a recorrer à bebida em excesso e ao consumo de analgésicos além dos prescritos para aliviar as dores que sentia. Assim, embora fosse um galã com uma vida de mídia e festas, mostrando “estar bem”, demonstrava em alguns

momentos o quão fragilizado e desamparado se sentia e o quanto o luto pelo pai ainda o afetava.

Por ser famoso e bonito, Kevin fazia sucesso entre as mulheres, sendo visto mais pela sua aparência do que por qualquer outra característica, o que fazia com que suas relações fossem em sua maioria breves e superficiais, como ele mesmo explicitou:

*Qualquer conversa que eu tenha com elas, garanto a você que já tive um bilhão de vezes antes. É assim: “você assiste O Babá? Sério?”. “Sim, o bebê é fofo”. “Quer começa a atuar também?”. “Isso é fenomenal”. Margarita, tequila soda, dose de tequila, hotel, sexo, serviço de quarto, banho, sexo, Uber. É...*

Como Kevin era o único dos irmãos que não estava em um relacionamento estável no período dos episódios selecionados, apresentaremos alguns dos aspectos das relações que ele teve ao longo dos anos, as quais consideramos relevantes para entender a conjugalidade que ele construiu com as parceiras escolhidas.

### 8. 3. 1- Kevin e Sophie

Kevin e Sophie se conheceram ainda crianças, já que Sophie era uma das melhores amigas de Kate. Nessa época, os dois sempre estavam juntos e começaram a namorar quando eram adolescentes. Casaram pouco depois da morte de Jack, e foram morar em Nova Iorque para que Sophie pudesse iniciar a faculdade. Kevin a acompanhou, uma vez que seus planos mudaram de rumo depois de ter se acidentado. Kevin investiu, então, na carreira de ator e depois de um tempo de união com Sophie, a traiu em meio à sua vida em Los Angeles.

Quando ele voltou para Nova Iorque para focar no teatro, procurou a ex-esposa, decidido a lhe fazer um grande gesto de amor tal como seu cunhado, Toby, o aconselhou. Na época, estavam separados já há 12 anos. Sophie tinha se estabelecido como chefe de enfermagem no hospital que trabalhava e estava saindo com um colega do hospital, em suas palavras “*sólido*”.

*Apaixonei-me por você no momento que te vi. Eu não podia ter te deixado ir. E... é como se você fosse uma parte de mim, sabe? Como um braço. Quando te perdi foi como se eu tivesse perdido meu braço. [...]. É como se eu estivesse andando sem um braço... há mais de uma década e... [...] quero muito meu braço de volta porque nunca parei de pensar nisso, [...] nunca. [...] (Kevin).*

A atitude de Kevin surpreendeu Sophie, pois ela não esperava que ele fosse reaparecer em sua vida pedindo outra chance. Kevin usou de outro gesto ao escolher a lanchonete que eles costumavam ir quando adolescentes para que pudessem se reconciliar, buscando até mesmo que se sentassem na mesma mesa de sempre.

Apesar da resistência em se encontrar com Kevin e em ouvi-lo, Sophie aceitou reatar o relacionamento, voltando a acompanhar a carreira do parceiro. Sophie o incentivou a voltar para Los Angeles para as filmagens de seu novo filme, ainda que os dois se sentissem inseguros sobre como ficaria o relacionamento pelo momento na carreira de Kevin se assemelhar as circunstâncias que os levaram a se separarem da primeira vez.

### **8. 3. 2 - O alcoolismo de Kevin na conjugalidade com Sophie**

Conforme Kevin foi se estabelecendo na nova oportunidade e trabalhando com pessoas importantes, foi se afastando de Sophie mais uma vez, não compartilhando com ela o que estava sentindo sobre o pai e o quanto estava se embebedando.

Nesse contexto, evitava se encontrar com Sophie para que ela não o visse no estado bêbado em que se encontrava, inventando compromissos para não a visitar. Contudo, em uma ocasião em que ele combinou de estar presente em um evento beneficente do hospital em que ela trabalhava, no qual seria leiloado um encontro com ele, Kevin não conseguiu esconder que estava bêbado. Ele ficou tão absorto em beber e em conseguir uma receita médica para comprar mais remédios que não se apresentou no evento, o que frustrou e envergonhou Sophie.

Kevin inventou como desculpa que estava em uma ligação com um produtor do filme, mas ela percebeu o quão bêbado ele estava, apontando o quanto ele foi idiota de se embebedar em uma noite tão importante para ela. Kevin tentou se desculpar, embora se sentisse confuso sobre como agir:

*Certo. Quer saber? Eu não devia ter concordado em vir aqui hoje, ok? Eu não queria te decepcionar, essa é a verdade, mas eu... eu estou exausto, entende? Não, ouça... Eu tenho que... Eu devo precisar de ar. Eu já vou, sabe?.*

Em outra ocasião em que foi visitá-la, e ciente de que estava adiando sua mudança definitiva para Nova Iorque após o fim das filmagens do filme, decidiu fazer outro gesto: comprar um anel, entendendo que isso seria o que seu pai faria se estivesse no seu lugar, conforme explicitado em sua fala para o vendedor: “*Isso é algo que meu pai faria depois de brigar com a minha mãe. Ele faria algo importante assim, algo romântico, entende?*”.

Para entregar o presente, Kevin foi até o trabalho de Sophie para surpreendê-la, mas não a tendo encontrado, sentou-se para esperá-la. Por estar cansado, acabou dormindo e sonhando em como seria sua vida com Sophie caso continuassem juntos e construíssem uma família: “*um pesadelo*”. Ao ir até a casa dela, desistiu de lhe fazer um grande gesto romântico com os anéis que tinha comprado, compartilhando que não o conseguia fazer por sentir que não tinha nada a oferecer para ela.

Após o término com Sophie, Kevin deu início a um tratamento para ficar sóbrio e lidar com o que estava sentindo em relação ao pai e à família, se internando em uma clínica. Embora não tenha conseguido mais uma vez manter seu relacionamento com Sophie, Kevin encontrou uma possibilidade amorosa com Zoe.

### **8. 3. 3 - Kevin e Zoe**

Kevin e Zoe se conheceram na festa de casamento de Kate e Toby. Beth (esposa de Randall) convidou Zoe para ser fotógrafa do evento. As duas eram próximas, uma vez que Zoe foi morar com Beth quando ainda era criança devido ao abuso sexual que sofreu de seu pai. Assim, a família de Beth a acolheu e a criou como filha.

Ela e Kevin começaram a se envolver escondido, temendo a reação de Beth quando descobrisse, uma vez que Zoe sabia que a prima se oporia à relação deles. Depois, quando se assumiram para ela, Beth alertou Kevin sobre o histórico ruim da prima com os homens, o que não o intimidou.

Zoe também trabalhava com documentários e por isso acompanhou Kevin em uma de suas entrevistas para promover seu filme. Assim, percebeu o quanto Kevin ficou abalado por não conseguir responder uma pergunta sobre a experiência de seu pai (Jack) na Guerra. Kevin contou para Zoe que não tinha conhecimento desse período da vida do pai, de modo que ela o estimulou a ir atrás de informações e a procurar pelos homens que faziam parte do batalhão de Jack.

Zoe o acompanhou durante toda a sua busca, inclusive indo com ele para a região em que Jack viveu durante a Guerra. Zoe acolheu as angústias de Kevin, o escutando e

mostrando alternativas quando ele se mostrava perdido e frustrado quando não conseguia alguma informação importante.

Durante esse período no Vietnã, Kevin mostrou-se cada vez mais interessado em estabelecer um vínculo com Zoe. Ela, por sua vez, se colocou na defensiva, assumindo uma postura de independência, ressaltando o quanto gostava de ser livre para viajar a trabalho. Mas, em dado momento, Zoe conseguiu compartilhar com ele sobre a violência que viveu e como isso a deixou na defensiva perante relacionamentos com outros homens.

Quando retornaram para Nova Iorque e Zoe disse que era bom estar “*em casa*”, Kevin propôs que eles fossem morar juntos. Apesar de suas dificuldades, ela aceitou, mas Kevin se sentiu inseguro depois de descobrir que ela terminou com um ex-namorado por *e-mail* e por ela estar demorando a desempacotar seus pertences, o que ficou evidenciado no seguinte diálogo:

*Kevin – [...] Zoe, disse que queria mudar, não disse?*

*Zoe - Não. Na verdade, não queria. Falei que sim para te fazer feliz.*

*Kevin - Para me fazer feliz? Que ótimo. Então sou o vilão porque pedi para morar comigo?*

*Zoe - Sim, porque é isso que você faz. Cada passo desse relacionamento tem sido você insistindo. [...] Preciso de espaço.*

Posteriormente, Zoe voltou atrás, decidindo mudar-se por sentir que ele estava insistindo em algo bom. Apesar das dificuldades de cada um para sustentarem um relacionamento, os dois conseguiram construir certa estabilidade.

#### **8. 3. 4 - O alcoolismo de Kevin na conjugalidade com Zoe**

Contudo, depois de terem ido morar juntos, Kevin teve uma recaída com o álcool após conhecer seu tio Nick, que até então achava que estava morto. O contato com o tio e seu vício, além de conhecer mais do passado de Jack, fizeram com que Kevin recorresse à bebida outra vez para lidar com essas descobertas.

Assim como fez com Sophie, se desesperou em esconder seu vício de Zoe, similarmente inventando compromissos para que ela não o encontrasse nesse estado. Ela, assim como Sophie, também não percebeu que ele estava bebendo em excesso.

Ao descobrir que ele estava bebendo durante o parto de Kate, Zoe se incomodou por ele ter mentido para ela. Apesar do impulso de fugir da relação e de deixar Kevin, mais uma vez ela se colocou disponível para acolhê-lo em seu vício e ajudá-lo, incentivando-o a frequentar reuniões do grupo de Alcoólicos Anônimos.

Para Zoe, o que mais a abalou foi Kevin esconder o que estava acontecendo, como explicitou durante uma sessão de terapia de casal:

*Zoe - Se namorar um viciado, sabe os riscos, não é? Mas o problema foi ele sair por aí escondido e as mentiras. Ele até bebeu escondido uma garrafa de vodca no hospital enquanto a irmã passava por uma cesariana de emergência.*

*Kevin - Para ser justo, é exatamente esse tipo de situação que me faz querer beber.*

### 8.3.5 - Outras questões que permearam a relação de Kevin e Zoe

Durante a sessão de terapia, se defrontaram com uma questão que até então não tinha sido discutida entre eles: ter filhos.

*Kevin - É só que... você nunca falou disso antes.*

*Zoe - Talvez eu pensasse que queríamos a mesma coisa. Quando sua irmã quis engravidar, você disse que ter um filho era a última coisa que pensaria.*

*Kevin - Eu sei, mas eu pensei que em algum momento, sabe... isso é uma coisa que as pessoas fazem. Mas... eu acho que não preciso ter um. Quer dizer, não é necessário.*

*Zoe - Kevin. Eu pensei muito sobre isso. E você também deveria. Se você... se decidir que realmente não quer ter filhos, então estou com você nessa. Eu vou ficar durante a orientação e sua recuperação, para o que precisar. Mas se ter filhos é algo que precisa para completar sua vida... você tem que me dizer, porque não quero desperdiçar nosso tempo.*

Kevin escolheu Zoe, afirmando que um bebê atrapalharia a rotina conjugal. Mas, apesar dessa decisão, ele não deixou de pensar no assunto. Por isso, quando ele e Zoe estavam cuidando das filhas de Randall, ele ficou observando o jeito da parceira com as sobrinhas. Usou seus pais como exemplo para expor que ainda pensava sobre o assunto e que apesar de sua mãe não querer ter filhos, mudou de opinião com o tempo. Kevin expressou querer ter filhos por acreditar que ele e a parceira seriam bons pais.

Porém, Zoe não cedeu ao desejo do parceiro, convicta de sua escolha e do quanto desejava ser livre. Isso levou ao rompimento do casal, por ela entender que os dois continuarem juntos seria perda de tempo.

*Zoe - Você quer ser pai. Talvez não agora, mas vai querer um dia.*

*Kevin - É, talvez sim... eu não sei, não sei.*

*Zoe - E você deveria ser pai, Kevin. Você... Você deveria criar 500 crianças simétricas e perfeitas. Você será incrível nisso. E eu quero...*

*quero que você tenha isso, eu... quero que você tenha tudo o que quiser. Mas eu não quero isso.*  
*Kevin - Eu sei, isso.... eu fiz uma escolha, certo? Eu te disse.*  
*Zoe - Eu sei. Acho que fez a escolha errada. Você acha que eu vou mudar. E eu não vou.*

### 8. 3. 6 – Interpretando a construção da identidade e conjugalidade de Kevin

Kevin, ao ser o número 1 e considerado como aquele que tudo teria e com quem os pais (Jack e Rebecca) não precisavam se preocupar, tomou esse papel para si, se apropriando desse lugar. Curiosamente, se tornou ator na vida adulta, buscando os holofotes para si, de destaque na mídia, mas continuou não sendo visto em suas necessidades pelas pessoas ao seu redor. Pensando nas implicações envolvidas em se identificar com o papel recebido no grupo familiar, conforme mencionado por Kaës (2001, 2011), inferimos que Kevin aceitou esse papel, mas não sem sofrimento. Embora seja o primeiro, é também o que fica de lado, aquele que no fundo explicita os sintomas familiares, o porta-sintoma (KAËS, 2011) que expõe algo da família perfeita construída por Jack e Rebecca. Numa sessão de terapia familiar ele implica sua família em seu sintoma:

*Kevin - Acho que me sentir assim quando eu era criança criou essa voz na minha cabeça que vivia repetindo: “você não basta”. E eu tentei afogar essa voz com coisas, como o futebol, ou atuar, ou a fama e... e acho que era só uma questão de tempo até eu usar algo pior.*  
*Terapeuta - Por que era só uma questão de tempo?*  
*Kevin respira antes de responder - Porque somos uma família de viciados.*  
*Kate - Certo. Não somos uma família de viciados. Kev...*  
*Kevin - O nosso pai era um viciado, Kate. O pai dele era um viciado (indicando Randall). Eu sou viciado. (Rebecca retorce o rosto) E eu sei o quanto você luta para controlar o seu peso (olhando para Kate) Acredite, eu já vi e eu sei o tanto que você tenta, mas acho que talvez, Kate, você também seja uma viciada, entende? E acho que você puxou isso do papai.*

Kevin precisou ser o porta-sintoma, escancarar os não-ditos e mostrar que seu sintoma era de toda a família. Nesse aspecto e retomando a história geracional dos Pearsons, percebemos que o uso do álcool como forma de se anestesiarem frente às dificuldades se apresentou ao longo das gerações, alcançando Kevin em algum ponto de sua vida. Jack fazia uso do álcool em momentos em que estava se sentindo cobrado no trabalho ou sofrendo alguma mudança em sua rotina, mas, ao que tudo indica, também o

consumia como uma tentativa de lidar com aquilo que não compartilhava com ninguém, nem mesmo com a esposa ou os filhos.

O irmão de Jack, Nick, também utilizava o álcool como uma válvula de escape diante do que viveu no Vietnã. Assim como o irmão, Nick não conseguiu compartilhar suas vivências, nem quando estava passando por algum tratamento e tinha espaço para colocar seus conteúdos.

Na geração dos avós, percebemos uma dificuldade em Stanley (pai de Jack e Nick) para falar sobre suas emoções, expressando somente agressividade para com os filhos e a esposa, além de um uso excessivo do álcool. Contudo, há indícios de que Stanley nem sempre foi alcoólatra, pois durante o nascimento de Nick ele estava sóbrio e se mostrou afetivo com Jack e a esposa. Inclusive, o pai de Stanley apareceu na ocasião, mas estava bêbado e aparentemente, indiferente ao nascimento do neto. A cena nos mostrou um jovem Stanley sóbrio que tinha expectativas de um reconhecimento de seu pai. Diante disso, supomos que algo aconteceu na vida de Stanley que o levou a começar a beber também, assim como seu próprio pai.

Se a história desses homens pode se referir a algum acontecimento como ponto de partida para a adicção, por outro lado, remetem à questão do papel social do homem de não poder expressar seus sentimentos, de ter que ser o provedor e detentor do poder, o que dificulta que possam expressar seus conteúdos e encontrem no álcool um recurso para lidarem com esses sentimentos, conforme o próprio Jack explicita em seu tratamento:

*Eu sei que os homens devem falar sobre os seus problemas hoje em dia, sabem? O tipo forte e silencioso já era. E... e caras como o garoto sensível de Minha vida de cão estão na moda. É o que a minha filha me ensinou. Mas eu sou assim há muito tempo. Eu tenho dois filhos. Ainda são jovens, então espero que eles não se tornem antiquados como eu. Se algo os estiver incomodando, espero que eles não guardem para si.*

Esses homens apresentam, assim, uma repetição do papel social masculino e do sintoma da adicção, em que o homem deve ser forte, não tão ligado às suas emoções (BASSANEZI, 2000; COSTA, 2004; DEL PRIORE, 2006; GIDDENS, 1993; MEZAN, 2003), papel este que pareceu se reatualizar na geração de Kevin, ocasionando uma transmissão intergeracional de uma maneira de lidar com os problemas e do papel masculino. Contudo, esses conteúdos que não foram elaborados por esses homens em nível psíquico, atravessou as gerações, caracterizando uma transmissão transgeracional (GRANJON, 2000; KAËS, 2001, 2014; TRACHTENBERG, 2017), que se apresentou

por meio de sintomas. Não só a ele, mas também para seus irmãos. Entendemos, assim, que há algo que esses homens carregam que ainda não encontrou uma continência psíquica tal como a mencionada por Benghozi (2010) para vir à tona, para poder ser trabalhado, elaborado.

É válido demarcar que até o ponto em que foi realizado o recorte da série, não foi mostrado se há algum vício na família de origem de Rebecca, ou algum conteúdo não elaborado. A ênfase desse aspecto recaiu mais nas origens de Jack.

Ademais, esses elementos transmitidos para Kevin refletem em suas relações amorosas. Dentre os irmãos, ele é quem explicita o traço das relações líquidas, atadas e desfeitas apressadamente, passando a sensação de um vazio nas mesmas, de um não aprofundamento afetivo com o outro, nos aludindo aos apontamentos de Bauman (2004) acerca do amor líquido. Além disso, é possível perceber os anseios individualistas, de realização pessoal conforme mencionado por Bauman (2001, 2004), Borges, Magalhães e Ferés-Carneiro (2014), e que esses importam tanto para ele, como para suas parceiras.

Kevin ainda nos lembrou do sujeito contemporâneo descrito por Han (2017), pois se apresentou em alguns momentos com uma dificuldade de reconhecer o outro em suas relações breves. Nestas, as mulheres escolhidas se parecem de alguma forma com ele: confusas, vazias e que não conseguem sustentar laços afetivos duradouros. Considerando que a lógica do consumismo e de mercado são levadas para os laços afetivos na atualidade (BAUMAN, 2004; HAN, 2017; RAMOS, 2003), ponderamos que esses envolvimento breves de Kevin denotam também um consumo de pessoas tal como o consumo de álcool para obter uma compensação, um tamponamento.

Por outro lado, com Sophie e Zoe conseguiu uma estabilidade e se esforçou para ser um parceiro dedicado, o que indicou a presença do modelo do casal parental e dos ideais românticos de alcançar a felicidade por meio do encontro amoroso ainda nos dias de hoje, como mencionado por Lins (2017). Tal como no estudo de Emidio e Souza (2019) em que os sujeitos demonstraram querer se casar para construir uma família, Kevin apresentou esse desejo, tentando reproduzir esse modelo amoroso com Sophie e Zoe.

Todavia, Zoe preferiu terminar a relação por sentir que a mesma viria a atrapalhar seus planos individuais, sua carreira, sua liberdade, movimento este que foi elucidado por Bauman (2004), Borges, Magalhães e Ferés-Carneiro (2014), Lins (2017) e Ramos (2003) sobre a realização pessoal importar mais do que o relacionamento nos dias atuais. Também vemos em Zoe a opção pela não maternidade (BADINTER, 2011), o que abalou os planos de Kevin de construir uma família:

*Kevin - É só que... você nunca falou disso antes.*

*Zoe- Talvez eu pensasse que queríamos a mesma coisa. Quando sua irmã quis engravidar, você disse que ter um filho era a última coisa que pensaria.*

*Kevin - Eu sei, mas eu pensei que em algum momento, sabe... isso é uma coisa que as pessoas fazem. Mas... eu acho que não preciso ter um. Quer dizer, não é necessário.*

Constatamos nesse diálogo a confusão que existe em Kevin entre seu desejo e a união amorosa que buscou configurar. Por outro lado, sua fala também nos mostrou que presenciar a irmã grávida talvez o tivesse lembrado desse ideal conjugal e parental presente na família Pearson, o qual ele ainda não havia realizado. Cabe lembrar que Kevin comprou anéis de noivado para Sophie logo após saber da primeira gravidez da irmã. Contudo, quando se aproximou de reproduzir essa conjugalidade com Sophie, percebeu que não conseguiria colocá-la em prática:

*Kevin – Eu não sei como ser um marido para você. Eu não sei como ser um pai para os nossos filhos. Eu não tenho nada para te oferecer. Não tem nada dentro de mim para te dar, ok? Eu não tenho nada. Eu sou uma casca vazia.*

*Sophie – Kevin, você está confuso, está bem? O que está havendo? Você não é assim.*

*Kevin – Não, não. Isso sou eu, ok? Eu sou assim. O cara que bate à sua porta e diz aquelas coisas para você... Aquele não sou eu. Não sou. Sou eu tentando ser aquele cara, aquele cara que faz esse tipo de coisa, ou o cara que diz aquele tipo de coisas para você. Aquele sou eu tentando ser o meu pai, ok? Ou o Toby. Ou todos os caras legais de todos os filmes bons, mas não sou eu, ok? Eu interpretava um papel. Você ficou decepcionada porque eu adiei minha viagem duas vezes? Acredite quando eu digo que estou te poupando 40 anos de decepções comigo.*

Percebemos, assim, que seu relacionamento com Sophie foi uma tentativa de seguir o modelo conjugal dos pais e de ser um parceiro tal como seu pai, na qual falhou. Nesse aspecto, identificamos que ocorreu uma transmissão em nível intergeracional (GRANJON, 2000; KAËS, 2001, 2014) do papel masculino e dos modelos de ser casal, pois Kevin pareceu interpretar uma versão de si mesmo que gostaria de ser para essas parceiras, como talvez tenha aprendido a interpretar em seu ambiente familiar: uma versão sem o alcoolismo, sem conflitos e equivalente ao jeito dotado de perfeição de Jack diante da parceira eleita. Contudo, embora tenha se identificado com esse papel, Kevin não soube ser marido e pai como Jack, pois o mesmo não condiz com suas possibilidades enquanto parceiro. Inferimos que ao constatar isso, ele estaria em vias de construir uma

possibilidade sua de se relacionar, o que pareceu se expressar por meio da fragilidade e brevidade de seus outros envolvimento afetivos.

Sobre as parceiras eleitas, ainda que Zoe e Sophie tenham estilos de vida diferentes, notamos que elas são amorosas e cuidadosas com Kevin, ofertando algo de que ele precisou: Sophie durante a infância, adolescência e depois da morte de Jack. Zoe, ao incentivar e acolher a busca de Kevin pelo passado do pai e em se implicar no sintoma dele. Assim, em alguma medida, são mulheres que se assemelham ao jeito de Rebecca enquanto parceira e que também não enxergaram o que de fato estava acontecendo com Kevin. Todavia, ao descobrirem o alcoolismo, não aceitaram deixar esse assunto intocado.

Portanto, essas parcerias embora envolvidas no relacionamento, não tinham conhecimento do que estava acontecendo. Mas, ao descobrirem, se espantaram, como Sophie reconhece: *“Eu não vi, Kevin. Eu sou enfermeira e nem vi o que acontecia”*. Nesse ponto e levando em conta as considerações de Kaës (2011, 2014) acerca dos pactos inconscientes que os sujeitos estabelecem entre si para evitar que algo venha à tona, supomos, então, que o pacto entre ele e suas parceiras conteve um espaço de não ditos, o que, como vimos, também compôs os acordos inconscientes entre Jack e Rebecca. Contudo, tomando-se a modalidade defensiva de aliança inconsciente, quando seu conteúdo foi desvelado as parceiras não entraram no movimento de negação dos Pearsons, ocasionando as respectivas separações.

Isto posto, entendemos que suas relações amorosas só puderam se sustentar enquanto ele conseguiu não falar sobre seu sintoma. No mais, outra possibilidade de continuidade seria a mesma de seus pais, isto é, que a parceira eleita aceitasse não tocar nesse assunto e pactuasse essa defesa. Nesse caso, uma modificação nessas relações, como a revelação do sintoma ou desejos diferentes quanto a ter filhos ocasionaram uma ruptura (KAËS, 2011, 2014), visto que Kevin e suas parceiras olharam para esses vínculos e para o que foi acordado, não encontrando uma possibilidade de um novo pacto. Assim, frente a essas construções conjugais, Kevin não conseguiu reproduzir em sua totalidade o modelo do casal parental no que tange a uma relação estável e ao ter filhos, passando, ao contrário, de relação em relação, o que compreendemos enquanto uma tentativa de elaborar o que recebeu no encontro com aquilo que suas parceiras trouxeram e compartilharam com ele em nível psíquico (KAËS, 2014; MAGALHÃES; FERÉS-CARNEIRO, 2003; OLIVEIRA, 2014). Mas, também nos questionamos se de fato Kevin

teria o desejo de ser pai e marido, ou o quanto se sentia mobilizado, nessa cadeia geracional, para reproduzir esses papéis.

#### 8.4 - Kate

Kate foi colocada como “número 2” do “*The Big Three*” (O Grande Trio), sendo a segunda a nascer, a segunda a andar. Já com 9 anos, Kate estava acima do peso para sua idade, o que incomodava Rebecca e a fazia se preocupar em esconder a barriga da filha em situações quando a família ia à piscina local e ela discutia com Kate para que vestisse uma camiseta. Rebecca temia que a filha fosse julgada pelo peso, ou que se sentisse excluída pelas amigas, o que de fato aconteceu: sua exclusão se materializou em forma de um bilhete de suas amigas na piscina, dizendo que ela as envergonhava.

Também nessa idade, Kate observava como a mãe era magra, alta, bonita, querendo ser igual a ela. Uma vez em que observou a mãe tomar banho, a elogiou, de modo que Rebecca retribuiu o gesto: “*Eu sou bonita. Você também é, pois somos parecidas*”. Mas, ao comparar uma blusa sua com uma blusa de tamanho menor da mãe, Kate percebeu que elas não eram parecidas.

Quando Rebecca descobriu que a filha tinha potencial para cantar, a incentivou para que desenvolvesse seu talento, o que Kate sentia como uma exigência. Isso fez com que ela colocasse de lado em vários momentos sua vontade de ser cantora devido a se comparar constantemente com a mãe, não se sentindo tão boa quanto ela. Em função disso, a relação entre as duas sempre foi permeada por cobranças da parte de Rebecca e de frustração por parte de Kate por não alcançar tais exigências, o que ela evidenciou durante a seguinte fala:

*Minha mãe era magra e linda. Ela é linda. Ela ainda recebe cantadas de todo mundo. Já perguntaram se ela era modelo e ela estava resfriada. É difícil crescer com uma mãe assim. Passei a vida toda me comparando a ela e depois descontei nela. Agora mal nos falamos e isso é horrível [...].*

Durante sua infância e adolescência, quando algo acontecia, Kate recorria à comida. Jack estimulou esse hábito ao levá-la sempre em uma sorveteria e em ceder aos seus desejos, ainda que contrariasse as ordens de Rebecca de que Kate deveria fazer dieta. Jack era, então, quem lhe dava apoio e lhe ajudava a enfrentar esses problemas de peso que a acompanharam desde pequena, os quais a faziam se sentir mal por querer ser magra e bonita.

Os dois eram tão próximos que ela perguntou se poderia se casar com ele algum dia, e, ao ouvir que não, se mostrou decepcionada, o que Jack tentou concertar para animá-la outra vez, dizendo que ela encontraria um homem melhor do que ele:

*Ele vai ser mais forte, mais bonito, e até melhor do que eu em jogos de tabuleiro. E quando você o achar, quando você encontrar esse cara, ele será o cara com quem você vai se casar. E ele é um cara de sorte, o cara que se casar com você, Katie. E sua mãe e eu estaremos lá. [...].*

Embora Jack tenha se tornado uma espécie de especialista nos assuntos de Kate, sendo chamado por Rebecca nessas situações, as conversas começaram a não fazer tanto efeito conforme Kate foi crescendo. Com 16 anos, ela tinha emagrecido e planejava se inscrever no curso de música, chegando a gravar uma fita para seu teste, o que escondeu dos pais por temer o julgamento da mãe e a empolgação do pai. Seu plano foi colocado de lado com a morte do pai, que a abalou profundamente. Kate se sentia culpada por Jack ter voltado para casa para buscar seu cachorro. Ela não chegou a se inscrever no curso de música, ficando em casa com Rebecca e vivenciando esse período por meio do excesso de comida. Rebecca estava tão absorta em seu luto que fingia não ver que a filha estava comendo demais.

Em relação aos irmãos, ela e Randall construíram um vínculo fraterno ainda crianças, que se fortaleceu após a morte de Jack. Os dois passavam tanto tempo juntos, nesse período, que Kate chegou a se sentir excluída quando Randall conheceu sua futura esposa (Beth). Na vida adulta, os dois buscaram se ajudar e apoiar um ao outro. Com Kevin, o vínculo era tão forte que Kate sempre se colocou muito disponível para ele, o ouvindo e se envolvendo em suas questões. Ela chegou a se sentir trocada por Kevin quando ele, após a morte de Jack, decidiu se mudar com Sophie, pedindo que ele ficasse com ela. Contudo, entendeu que o irmão precisava ir.

Com 28 anos, Kate estava na faculdade e trabalhava em uma lanchonete, na qual conheceu um homem casado com quem se envolveu. Sentiu-se mal com tal envolvimento amoroso por considerar que merecia alguém melhor com quem pudesse construir uma família. Intencionando se estabelecer na vida como Randall, aceitou o convite de Kevin para ir morar com ele em Los Angeles, tornando-se sua agente pessoal e o auxiliando em sua carreira.

O pai continuou tão presente em sua vida que Kate mantinha a urna com as suas cinzas em cima da prateleira de seu apartamento, tendo construído o ritual de assistir ao

*Super Bowl* com o pai todos os anos, assim como assistiam quando ele era vivo. Ao completar 36 anos, Kate demonstra a frustração que sente pela vida que escolheu ter, a qual é permeada por dietas e controle de peso, se perguntando como se deixou ficar obesa com o passar dos anos:

*Eu tinha uma vida dos sonhos que imaginei para mim. Uma carreira de verdade. Eu me casaria com um homem como o papai. Seria uma mãe como a mamãe. Mas olhe para mim [...] Eu comi minha vida dos sonhos.*

#### **8. 4. 1 - Kate e Toby**

Kate conheceu Toby durante uma das reuniões do grupo para perder peso que frequentava. Toby tinha acabado de se recuperar do estado depressivo em que se encontrava depois de ter sido abandonado pela ex-esposa. Ele tinha iniciado a terapia e estava começando a pensar na ideia de conhecer alguém outra vez.

Desde esse momento inicial, Kate se mostrou na defensiva e como se incomodava e se sentia insegura com a sua aparência, contou para ele que havia tempo não conseguia se relacionar com alguém. Apesar da relutância dela, Toby se mostrou presente e disposto a conquistá-la.

Inicialmente, Kevin acabou atrapalhando os primeiros encontros da irmã com Toby para que ela o ajudasse com seus problemas, além de gerar incerteza sobre a continuidade dos mesmos por insistir que ela se mudasse com ele para Nova Iorque. Ao acompanhar a situação, Toby percebeu a relação de dependência que os dois irmãos tinham um com o outro e como Kate se colocava em segundo plano para atender as demandas do irmão. Decidido a convencê-la a ficar em Los Angeles, se empenhou para montar um dia em que ela fosse “*a estrela*”, a levando para cantar no asilo em que sua tia residia. Contudo, Kate interrompeu seu momento para ir ajudar Kevin, mesmo com Toby dizendo que ela não precisava ir.

*Toby – [...] Kate, não sou um louco que faz grandes gestos para todas as garotas que vou a alguns encontros. Eu gosto de você, Kate. Gosto muito. Mas não posso ser o substituto para seu irmão.  
Kate – Você tem que ser. Todos têm que ser.*

Com a mudança de Kevin, o vínculo entre Toby e Kate progrediu. Nessa relação, Toby é quem faz os atos românticos para ela e tenta animá-la, mas Kate tem dificuldade

de retribuir tais gestos, de fazer algo pelo parceiro e de conversar com ele sobre a morte de seu pai.

#### 8. 4. 2 – O sobrepeso de Kate na conjugalidade com Toby

As questões de Kate com a comida e com o seu peso refletiram no início de sua relação com Toby, por ele também ser obeso, uma vez que ela queria emagrecer e achava que alguém como ele poderia atrapalhar seus planos. Ciente disso, Toby se empenhou em mostrar que estavam juntos na dieta e que o peso pouco importava para ele. Contudo, as inseguranças de Kate se evidenciaram em todas as situações em que a questão do peso reapareceu, como ir a uma festa de Hollywood ou conhecer a ex-esposa de Toby, a qual era magra, rica e bem-sucedida.

Quando Toby perdeu peso sem se esforçar tanto quanto ela, ele comemorou o progresso voltando a comer em excesso, o que preocupou Kate sobre o futuro da relação:

*Kate – [...] Devíamos fazer isso juntos. Concordei em sair com você porque você iria emagrecer por mim.*

*Toby – E eu fiz isso. Emagreci um pouco. E se eu engordar, irei emagrecer de novo, ok? Você não está sozinha nessa. Quando estivermos juntos, comerei o que você come. Eu juro. [...]*

*Kate – Só não sei como isso vai funcionar.*

Kate terminou com Toby, ainda que ele não concordasse com seus motivos para isso. Focada em emagrecer, procurou uma médica para realizar uma cirurgia de redução de estômago. Contudo, aceitou reatar a relação quando ele foi atrás dela no feriado de Ação de Graças, sendo apresentado para a família Pearson. Na ocasião, Toby teve um enfarte, passando por uma cirurgia de grande risco, o que levou Kate a aceitar seu pedido de casamento e desistir da cirurgia de emagrecimento.

Nessa fase, embora a relação estivesse se desenvolvendo, a questão do peso seguiu como uma constante, de modo que Toby buscou acompanhar Kate em suas dietas e a apoiar quando ela foi em um retiro de emagrecimento, decidido a não atrapalhar mais em seu objetivo de emagrecer.

### 8. 4. 3 - A presença de Jack na relação de Kate e Toby

Toby descobriu que Jack estava morto quando Kate, após se recusar a sair com ele no dia do *Super Bowl*, lhe contou sobre o ritual de assistir aos jogos com o pai, buscando a urna com as cinzas de Jack para apresentá-lo ao namorado. Toby se surpreendeu com o gesto da parceira, mas aceitou participar de seu ritual. Ele percebeu também que essa era uma área sensível para ela.

Jack foi levado para a casa em que Kate e Toby foram morar juntos, sendo a quem Toby recorria quando sentia que precisava conversar com alguém sobre Kate, sentindo que apenas o sogro poderia ajudá-lo a fazer o que era melhor para ela. Até no dia do casamento deles Jack se faz presente. Na ocasião, Kate tinha esquecido a camiseta que usaria como algo antigo (tradição das cerimônias nos Estados Unidos), camiseta esta que ganhou do pai quando criança. Como esqueceu a mesma e não conseguiria buscá-la antes da cerimônia, Kate tentou substituí-la por outro objeto, percebendo depois que estava procurando pelo pai e desejando que ele estivesse presente na cerimônia. Com a urna em mãos, no lugar em que costumava ser consolada pelo pai, Kate conversou com ele:

*Eu não sei por que o Toby não está no sonho que eu tenho tido. Mas eu sei que ele é o cara perfeito para mim. Sem a menor dúvida. E você também não teria dúvida. Você se lembra do parque que ia à cidade todos os verões com aquelas montanhas-russas velhas? Oh, eu adorava andar nelas com você. Sentindo-me tão assustada e tão segura ao mesmo tempo. Eu tenho me apegado a essa sensação há muito tempo. A sensação de ter você ao meu lado. Mas, pai, eu vou me casar hoje. E eu preciso de espaço. Preciso de espaço para o Toby. Então eu tenho que me desapegar um pouco agora [...].*

Após a conversa, jogou as cinzas de Jack e foi para a cerimônia, levando outro objeto do pai.

### 8. 4. 4 - A parentalidade para Kate e Toby

Kate engravidou logo após ela e Toby terem ido morar juntos, o que não estava nos planos do casal. Enquanto Toby ficou empolgado, Kate ficou apreensiva, com medo de tudo dar errado por sentir que em sua vida as coisas não fluíam. Por isso, chegou a proibir que Toby se alegrasse com a chegada do filho, sentindo que algo poderia acontecer. Nesse período, Toby evitava fazer qualquer coisa que pudesse desapontá-la.

Apesar de seus esforços para se cuidar e seguir uma dieta, e dos cuidados do parceiro para não estressá-la, ela sofreu um aborto espontâneo nos primeiros meses de gravidez. Tal acontecimento fez Kate evitar falar sobre e fingir que estava tudo bem. Ela só conseguiu compartilhar com Toby o sofrimento que sentia e entender que ele também estava sofrendo quando Rebecca a visitou e a incentivou a não agir como ela, mas sim, compartilhar com o parceiro a dor daquele momento.

Depois do casamento, os dois tentaram engravidar outra vez, apesar do sofrimento que ainda sentiam pela perda do primeiro bebê. Como Kate estava com quase 40 anos e acima do peso, procuraram uma especialista em fertilização para a nova tentativa. Ao descobrirem as poucas chances que tinham devido às condições físicas de ambos, já que Toby tinha problemas com seus espermatozoides por causa dos antidepressivos, foram aconselhados a procurarem outras alternativas.

Kate nutria tanta vontade de ser mãe que convenceu a médica a realizar a *fertilização in vitro*. Embora temesse perder a parceira ao longo do procedimento, Toby abdicou de tomar o antidepressivo para aumentar as chances do procedimento, o que escondeu da esposa. Voltou a ficar depressivo, mas perto de Kate ele demonstrava estar bem, acompanhando-a na espera dos pequenos resultados e se mostrando presente para ela. Como Toby vinha de uma família em que seus pais se separaram devido à depressão de sua mãe, ele temia que Kate o deixasse pelo mesmo motivo.

Contudo, ao conseguirem um embrião, Toby desabou, de modo que, se na gravidez anterior ele tomava cuidado para não fazer nada que desagradasse à parceira, nessa segunda gravidez, ao descobrir o que estava acontecendo com o marido, Kate assumiu essa posição já que ele foi piorando gradualmente. Apesar de demandar o apoio dele, Kate conseguiu lidar com a depressão de Toby, se mostrando compreensiva.

Durante a gravidez, a família de Kate mostrou-se preocupada com o procedimento, principalmente sua mãe, que insistia sobre os riscos, gerando mais um fator de estresse para o casal. Porém, os dois desejavam tanto serem pais que enfrentaram tais opiniões.

Ainda que tivessem certeza do processo, o temor pela possibilidade de perderem outro filho pairava na relação, e eles evitavam coisas simples, como não quererem saber o sexo do bebê com medo de que mais uma vez ele não se tornasse realidade. Para se distraírem dessas preocupações, Kate retomou os estudos em uma faculdade local concluindo o semestre que faltava para se formar. Ele, por sua vez, retomou o uso dos remédios e o tratamento psicológico.

Outros acontecimentos também atravessaram a gestação de Kate: a descoberta do passado do pai e de que ele tinha mentido sobre a morte de Nick; a conclusão da graduação; a recaída do irmão (Kevin) com a bebida.

Kate foi ao auxílio de Kevin para ajudá-lo, começando a sentir contrações e sendo levada ao hospital. Precisou passar por uma cesárea de emergência, de modo que seu filho nasceu prematuro. Kate decidiu chamar o filho de Jack, em homenagem ao pai. Por ter nascido prematuro, Jack não se desenvolveu por completo, tendo de passar por procedimentos e continuar no hospital por correr risco de vida. Mais uma vez a presença do pai de Kate foi invocada, pois ela pediu que ele intercedesse e ajudasse o neto a viver.

Kate se esforçou para ver o filho para além dos aparelhos, o que Toby não conseguia ainda fazer. Ao perceber a dificuldade do marido, Kate mostrou para ele o caminho para “parentalizar” o bebê, mostrando que ele era o filho deles e estava vivo.

#### **8. 4. 5 - Interpretando a construção da identidade e conjugalidade de Kate**

Em nosso entendimento, existe em Kate um movimento de autossabotagem quando está prestes a alcançar algum desejo, como se não pudesse sair dos bastidores da vida do irmão, da sombra da cantora que sua mãe foi, de ser aquela que causou a morte do pai e carrega suas cinzas. Tomando as referências de Kaës (2011) sobre os lugares ocupados no grupo, essa sabotagem pareceu se referir a uma dificuldade de sair do lugar de número 2 nesse grupo familiar, como se o tivesse aceitado e ficado presa ao mesmo, usufruindo de alguns benefícios, mas também sendo acometida pelo sofrimento de abdicar de seus sonhos.

Não obstante isso, podemos pensar esses elementos por meio do investimento de Rebecca para que Kate realizasse seus sonhos frustrados, dando continuidade ao seu sonho de ser cantora, nos aludindo ao narcisismo dos pais mencionado por Freud (1914/1996), em que os pais veem os filhos como uma continuidade de si mesmos e que irão realizar aquilo que tiveram de abandonar. Nesse aspecto, aludimos ao seguinte diálogo entre mãe e filha:

*Rebecca – Kate, querida, você cantou de uma forma incrivelmente linda. Você deveria estar muito feliz agora.*

*Kate – Incrivelmente linda? Por que você faz isso?*

*Rebecca – Faço o quê? Estou te elogiando. Estou orgulhosa de você.*

*Kate – Não, você sente pena de mim.*

*Rebecca – De onde na Terra você tirou essa ideia, Kate?*

*Kate – Você exagera comigo, mãe. Sempre exagerou. E aqui estou, uma mulher de 37 anos, e você ainda faz com que eu me sintam... uma criança gorda e idiota.*

*Rebecca – Desculpe. O que eu fiz para você se sentir assim?*

*Kate – Não vou fazer isso.*

*Rebecca – Kate, eu quero saber. O que eu fiz?*

*Kate – Você existiu. É tudo em você, mãe. Não é só porque você é bonita, ou magra, ou tem o timbre perfeito até quando fala. É tudo. E você queria uma filha igual a você, e eu nunca seria você.*

*Rebecca – Não. Eu nunca quis que você fosse como eu, Kate.*

*Kate – Não. Você queria que eu fosse quem você nunca se tornou.*

Diante desse trecho, nos indagamos sobre a existência em Kate de um medo de fracassar ao ocupar esse lugar que não pôde ser concretizado pela mãe, pois Kate se tornou o oposto da mãe, repetindo uma vida de frustrações pessoais até o momento em que conheceu seu parceiro. Neste aspecto, inferimos que talvez isso tenha contribuído para sua necessidade de ingerir comida na tentativa de obter uma compensação e para lidar com suas frustrações. Há então uma adicção, mas via consumo excessivo de comida, tal como os homens de sua família que consumiam álcool. Assim, o sintoma de Kate também parece expressar uma maneira de tamponar algo, se referindo aos conteúdos geracionais que não puderam ser inscritos e foram transmitidos para ela e seus irmãos.

Nesta direção, e a partir de Granjon (2000), Kaës (2001, 2014) e Trachtenberg (2017), consideramos que houve uma transmissão transgeracional dos não ditos, do sintoma de adicção, dos traumas sofridos por Jack na Guerra do Vietnã, de algo que se encriptou nele e passou sem elaboração para Kate. Assim, ela ficou responsável por não deixar que esse passado viesse à tona, negando as imperfeições do pai. Assim, Kate parece ser, em termos das posições fóricas trabalhadas por Kaës (2011) e da cripta mencionada por Trachtenberg (2017) por meio de Abraham e Torok, aquela que porta a cripta desse pai junto com todos os segredos que ele buscou sepultar em vida. Desta forma, o manteve preservado em sua imagem de pai perfeito que intervém por todos da família.

Inferimos, ainda, que por ser porta-cripta, Kate se sentiu responsável por passá-lo adiante, como podemos ver nos seguintes trechos:

*Rebecca - Kate, só estou dizendo, por que arriscaria com tantas opções por aí?*

*Kate - Porque eu quero. Porque eu quero. Porque quero olhar para o bebê e quero... ver o Toby. Quero ver a mim mesma. Quero ver... quero*

*ver o papai. E sou a única na família que carregará um pedaço do papai.*

*Kevin - E eu?*

*Kate - Certo, Kev (em tom de ironia).*

*Kevin - “Certo, Kev”? O que quer dizer?*

*Kate - Não fala sério.*

*Kevin - Não. Aparentemente, não sou sério sobre nada. Isso é ótimo.*

*[...]*

*Randall- Pois acha que ter um filho biológico é a única maneira de passar um pedaço do pai adiante?*

*Kate - Não... eu não... não usei essas palavras.*

*Randall- Então eu não tenho um pedaço do pai em mim?*

Portanto, há um desejo de perpetuar esse pai não apenas pelo biológico, mas também pela responsabilidade em transportar o próprio pai e aquilo que guardou dele. Neste aspecto, Kate exemplifica em nível psíquico o apontamento de Granjon (2000) e de Kaës (2001) sobre a existência de um impulso para transmitir para um outro aquilo que se porta. Assim, questionamos que se transmitir o pai ocasionaria uma realização em nível psíquico para Kate. Ou, aludindo ao narcisismo pontuado por Freud (1914/1996), entendemos que Kate cumpriria sua função de dar continuidade ao pai.

Ademais, e sobre o papel feminino, percebemos que Kate, demonstrou carregar o ideal de se casar e ter filhos para se sentir realizada, o que nos remete à ideia durante os anos Dourados e em períodos anteriores de que a finalidade máxima da mulher deveria ser a maternidade, ser esposa e cuidar da casa, de modo que somente se sentiria realizada se alcançasse esses objetivos, conforme Del Priore (2006) e Bassanezi (2000) apresentam.

Percebemos, assim, uma influência em Kate desse modelo tradicional (BASSANEZI, 2000; DEL PRIORE, 2006; GIDDENS, 1993, MEZAN, 2003; RAMOS, 2003), vivenciado por sua mãe e por sua avó. Portanto, ainda que socialmente lhe sejam oferecidas outras opções de realização, como o investimento na carreira (BADINTER, 2011) Kate demonstrou não usufruir disso para ocupar um lugar de cuidadora de seus irmãos (Kevin e Randall) e dos assuntos familiares, abrindo mão de seus sonhos pessoais em prol da família (DEL PRIORE, 2006; GIDDENS; 1993). Contudo, observamos que Kate se compara constantemente com mulheres bem-sucedidas, como a ex-esposa de Toby e Beth (esposa de Randall), se sentindo intimidada diante de suas trajetórias. A partir disso e das considerações de Granjon (2000), Kaës (2001, 2014) e Trachtenberg (2017) sobre o processo de transmissão, compreendemos que esses aspectos do feminino

foram transmitidos intergeracionalmente para Kate, denotando resquícios da identidade feminina do passado, com os quais ela se identificou em algum nível.

Aludindo esses aspectos às relações amorosas de Kate, percebemos que buscou por um companheiro com quem pudesse construir uma relação parecida com a que vivenciou com seu pai e com a que ele configurou com sua mãe (Rebecca). Um parceiro que, nas palavras de Toby fosse: “*Time Kate para sempre. É assim que funciona*”. Similarmente, vemos em Toby as características masculinas presentes em Jack de se preocupar com a família, se importar com a parceira, de não ser autoritário, reproduzindo, assim, traços do papel masculino tradicional, mas com influência dos valores contemporâneos de uma maior simetria entre os pares (GIDDENS, 1993).

Neste ponto, nos remetemos também à ilusão romântica de que o parceiro é dotado de perfeição e considerado aquele que trará completude e felicidade, a qual é carregada por Kate por influência de filmes e de seu pai. Contudo, se Toby se encaixou nesse padrão, também foi descartado quando se colocou como um obstáculo aos planos pessoais de Kate de emagrecer. Portanto, percebemos nesse movimento a simultaneidade entre os traços românticos e os ideais contemporâneos pontuados por Lins (2017), além da relevância na contemporaneidade das conquistas pessoais em detrimento de uma relação (BAUMAN, 2004; BIRMAN, 2007; BORGES; MAGALHÃES; FERÉS-CARNEIRO, 2014; GIDDENS, 1993). Outros traços contemporâneos também se apresentaram, como a coabitação e a gravidez antes do casamento, além da importância do contrato conjugal para selar a união e construir uma família (EMIDIO; SOUZA, 2019).

Isto posto e levando em conta a estruturação da conjugalidade referir-se ao novo, mas também a um momento de retorno das primeiras relações dos sujeitos (KAËS, 2014; MAGALHÃES; FERÉS-CARNEIRO, 2003; OLIVEIRA, 2014), consideramos que os conteúdos que Toby trouxe no compartilhamento psíquico com Kate (KAËS, 2014) colaborou para a reprodução do modelo conjugal parental e de Jack: um parceiro acolhedor, que a sustentou emocionalmente e que aceitou suas questões. Para isso, tal como Jack se fazia forte e perfeito para Rebecca, Toby se colocou assim para Kate, escondendo seus sintomas de depressão. Neste ponto, cabe mencionar que os pais de Toby se separaram devido à sua mãe ter ficado depressiva, o que marcou Toby e talvez contribua em certa medida para ocupar esse lugar no acordo amoroso com Kate.

Assim, o que cada um trouxe coincidiu com os conteúdos do outro, de maneira que o acordo amoroso foi realizado sob essa promessa de reprodução, tal como Kaës (2014) aponta que ocorre em alguns casos em que o parceiro é escolhido visando reviver

uma experiência anterior e não para a construção (MAGALHÃES; FERÉS-CARNEIRO, 2003) de algo próprio.

Neste acordo, o sintoma de Kate também tem seu papel, pois embora consista em um não dito, tudo é sobre seu peso. Assim como Kate vivenciou seu sintoma adicto como um fardo, o transportou também como um fardo no plano conjugal, sobrecarregando Toby. Se Toby evitou tocar no sintoma de Kate, ela também escondeu quando voltou a comer em excesso, repetindo o movimento do vínculo de seus pais de não compartilhamento.

Diante disso, existe uma área de assuntos que não podem ser abordados, nos dando a impressão de que Toby não pode colocar seus próprios sintomas na relação por ter de figurar enquanto um apoio para ela. Deste modo, o casal se estruturou em um acordo de não ditos e que visou a manutenção de sintomas (KAËS, 2011, 2014) de Kate, configurando uma aliança de cunho defensivo tal como a de Rebecca e Jack.

Essa configuração vincular em consonância com o envolvimento excessivo de Kate com os assuntos de sua família gerou em Toby a sensação de exclusão diante disso, como é mostrado no seguinte diálogo entre ele e Beth (parceira de Randall):

*Toby - Eu entrei feio na “zona proibida” dos Pearson em várias ocasiões, e isso não termina bem. Mas o que vocês fazem quando tem uma “zona proibida” na qual vocês têm que entrar? Como agora que tenho algo para falar com a Kate que ela tem escondido de mim?*

*Beth - Não é sobre o Jack, certo?*

*Toby- Não...*

*Beth - Porque essa é uma “zona proibida” perigosa.*

*Toby - Não, aprendi isso há muito tempo [...].*

Por meio desse diálogo, refletimos que Toby pactuou e por isso foi inserido na conjugalidade com Kate, mas, ao mesmo tempo, está excluído da “zona proibida” dos Pearsons. Desde modo, a sustentação conjugal teve como condição que Toby aceitasse essa exclusão e assumisse uma postura de cuidado.

Assim sendo e diante do apresentado, refletimos que para Kate a conjugalidade e a parentalidade se conectaram ao seu desejo de reproduzir aquilo que presenciou de seus pais: ter e viver uma vida de casal como a deles, ser mãe como a mãe e ter um marido como o pai. Além disso, o se tornar mãe pareceu estar mais ligado ao desejo de passar o legado do pai adiante, nos lembrando ao impulso de transmitir observado por Kaës (2001), de passar algum conteúdo adiante, o que também observamos em seus irmãos.

## 8.5 - Randall

Ao ser adotado por Rebecca e Jack, Randall foi colocado como “número 3” no “*The Big Three*” (O Grande Trio), no lugar do filho que eles haviam perdido. Dentre os irmãos, foi o último a conseguir andar, se sentindo em terceiro lugar durante boa parte de sua vida. Por ser negro e ter sido adotado por uma família branca, seus pais tentaram lhe proporcionar o que conseguiram, mas por não terem referências negras, Randall tentava buscá-las fora de casa a cada vez que encontrava com algum outro negro, sentindo-se diferente de sua família.

Assim, o sentimento de exclusão o acompanhou durante sua vida, na escola, nos passeios com os pais, dentro de casa, uma vez que Kevin o tratava mal. Randall chegou, inclusive, a fazer uma lista de coisas que o irmão gostava e do que não gostava para não aborrecê-lo, mas Kevin não retribuía seus gestos. Randall demonstrava o quanto lhe doía não ser aceito pelo irmão e não ser considerado por ele. Várias foram as vezes em que Jack teve que incentivá-los a construírem um vínculo fraterno, o qual foi se tornando possível com o tempo e fortalecido depois de adultos.

Já com Kate tinha uma boa relação, de modo que ela sempre ressaltava sua inteligência e o aceitava como irmão. Randall acompanhava a irmã em seus gostos, participando deles para que pudessem passar um tempo juntos. Nas palavras de Kate: “*Todos pensam que sempre foi Kevin e Kate. Mas um ano depois que o papai morreu, era Kate e Randall*”.

Aos 9 anos, Randall começou a se destacar pela sua inteligência, o que o levou a frequentar uma escola particular, predominantemente branca, na qual ele pôde desenvolver suas habilidades. Mas, como os irmãos não eram tão empenhados na escola, Randall tirava nota baixa em algumas provas para que eles não ficassem de castigo ou deixassem de ganhar sorvete. Assim, ele se diminuía naquilo em que era excepcional para se encaixar no grupo fraterno e se sentir incluído.

Desde pequeno, Randall tinha crises de ansiedade por se cobrar demais, por querer ser perfeito, e não saber lidar quando algo não saía como planejado, o que seus pais percebiam. Randall explicou o porquê de ser assim no seguinte diálogo com Jack:

*Passei a vida toda aspirando à perfeição, e você sabe o motivo, pai? Porque vivo com medo de que se eu desacelerar por um instante, irei lembrar de que sou indesejado. E aí o que irá me acontecer?*

Rebecca buscava atender seus pedidos por perceber como ele se angustiava quando algo saía de seu controle, mas também tentava mostrar para o filho que podiam mudar de rota e sair do planejado. Rebecca também se mostrou presente para ele, o defendendo em situações de preconceito e quando o percebia ansioso com alguma coisa. Ele aceitou todo o amor que a mãe lhe ofereceu, admitindo para Kevin o motivo de o fazê-lo: “*eu comi cada pedaço do amor dela. Comi como o Pac-Man. Você quer saber por quê? Porque a única pessoa de quem eu mais queria...* (se referindo a Kevin)”.

Quando Randall não se sentia bom o bastante para um trabalho da escola ou um discurso e começava a ficar ansioso, era Jack quem lhe socorria, segurando seu rosto e respirando junto com ele. Jack o enxergava e percebia quando ele tentava se diminuir, o estimulando a ser quem ele era, ainda que isso o tornasse diferente dos irmãos. Randall admirava o pai e se orgulhava de usar terno e gravata para ir à escola tal como o pai usava para ir trabalhar.

Rebecca jamais lhe contou sobre a existência de Willian, seu pai biológico, e embora amasse ela e a Jack, Randall continuava se perguntando sobre seus pais e o motivo de o abandonarem. Por isso, chegou a procurar por eles quando era adolescente com a ajuda dos irmãos, não tendo sucesso em sua busca.

Com 16 anos, ele usava de um humor peculiar, com sacadas inteligentes que poucos compreendiam na tentativa de se fazer interessante e descolado para as pessoas. Nesse período, ele se envolveu com uma moça durante o colegial, mas o namoro não foi aceito pelo pai dela por Randall ser negro e ela branca.

Randall era visto como um prodígio e como aquele que seria aprovado em várias universidades. Contudo, mesmo podendo ir para uma Universidade de renome, ele optou por uma em que os alunos eram majoritariamente negros (*Howard University*).

Após a morte de Jack, se colocou como cuidador do grupo familiar, buscando apoiar os irmãos e a mãe, o que o fez desistir da vaga para ficar em casa. Posteriormente e com a insistência da mãe, de que não deveria ficar em casa por causa dela, ele ingressou em uma Universidade particular e próxima a sua casa, na qual ele e a futura esposa (Beth) eram os únicos negros.

Randall, dentre os irmãos, se tornou o mais estável na vida adulta, com emprego fixo em uma grande empresa, um casamento duradouro com Beth que gerou duas filhas, Tess (forma abreviada de Tessana) e Annie, uma casa grande e uma vida bem sucedida em Nova Iorque. Randall buscou construir uma vida em que tudo parecia estar sob controle, ao contrário de quando era criança e adolescente. Contudo, essa vida sob

controle desmoronou quando, aos 36 anos, descobriu que seu pai biológico estava vivo e que Rebecca escondeu a verdade dele.

Na tentativa de compensar o tempo que perdeu com o pai, buscou conhecê-lo e inseri-lo em sua vida, o levando para morar em sua casa, o que o fez se afastar de Rebecca. A morte iminente de Willian devido a um câncer em estágio terminal e as cobranças do trabalho ocasionaram sintomas de ansiedade em Randall, culminando em uma grande crise em que ele não conseguia sair do lugar, sem perceber nada na sua frente, tendo de ser socorrido por Kevin.

Após o episódio, Randall viajou com Willian para Memphis, onde pôde conhecer suas origens, alguns parentes e mais da história do pai. O pai também lhe aconselhou a levar a vida de forma mais leve, sem se sobrecarregar demais. Muito debilitado, Willian foi levado ao hospital, falecendo de mãos dadas com o filho.

Depois da morte do pai biológico, Randall começou a se questionar sobre a vida que levava e se demitiu da empresa em que trabalhava ao perceber o descaso de seu chefe pela sua perda. Passou, então, a tentar honrar os feitos de ambos os pais em meio às incertezas que tinha sobre o que fazer com sua própria vida, o que o levou a adoção de uma adolescente (Deja).

### **8. 5. 1 - Randall e Beth**

Randall e Beth estão juntos há 20 anos e se conheceram no primeiro dia da faculdade durante um evento para calouros. Randall se encantou por ela desde esse primeiro momento, a chamando para sair com a ajuda de Kevin por não levar jeito com as mulheres.

Beth também era negra e vinha de uma família em que sua mãe a cobrou para ser alguém na vida, exigindo perfeição dela, assim como exigiu de suas irmãs. Seu pai era aquele que a acolhia e acreditava em seus sonhos. Beth queria seguir carreira como bailarina, e para isso, participou por muitos anos de uma importante escola de balé com a promessa de se apresentar posteriormente em um grande espetáculo. Esforçou-se ao máximo para atingir tal posto na adolescência, mas teve de lidar com o câncer de pulmão que acometeu seu pai, o levando a óbito. Além dessa perda, Beth também não foi selecionada para participar da apresentação, de modo que sua mãe tomou as rédeas da situação, impondo que ela estudasse e se dedicasse a passar em uma faculdade.

Beth não se interessou por Randall quando se conheceram, embora tenha aceitado seu convite para sair. No primeiro encontro, Randall se mostrou intenso, indo de terno e a levando para jantar em um restaurante sofisticado, disposto a agradá-la, o que a assustou. Apesar de sua hesitação inicial, Beth iniciou um relacionamento com ele.

Após 7 anos de relacionamento, os dois estavam morando juntos, com Randall trabalhando e Beth realizando o mestrado. Os planos dela estavam voltados para sua carreira e por isso, recusou todos os pedidos de casamento de Randall. Outros motivos também a levaram a hesitar: a intromissão constante de Rebecca, a intensidade do parceiro e o medo de que ele a anulasse no casamento. Só aceitou seu pedido depois de prometerem que seriam iguais na relação.

Como ambos possuíam bons cargos profissionais, se estabeleceram em Nova Iorque e construíram uma casa do zero, fato este do qual eles costumavam se orgulhar. Os dois eram vistos como um casal estável, com boa comunicação, que tinham uma boa relação um com outro, e que raramente brigavam. Randall se esforçava para manter a relação, sempre se mostrando próximo a Beth, a admirando por ser a mulher que era. Incentivava-a quando ela ficava insegura com algo, demonstrando o quanto a amava e se importava com ela. Contudo, em suas demonstrações de amor, usava de sua aspiração à perfeição, colocando sua intensidade nesses gestos.

Beth, como parceira, se fazia presente para o marido, apoiando-o em seus planos pessoais. Ao contrário do esposo, Beth era mais relaxada, não sendo adepta de grandes gestos. Beth identificava em Randall uma semelhança com seu pai por sentir que ele a ouvia e a apoiava em seus sonhos. Apesar da promessa de serem iguais na relação, e conforme os anos foram passando, Beth foi ficando em segundo plano em detrimento ao que acontecia na vida do parceiro e de sua família.

Quando Randall saiu do emprego, Beth passou a sustentar a casa sozinha, enquanto ele ficava em casa e cuidava das filhas. Randall usou esse tempo para se encontrar, indo atrás da vida que Willian teve. Ao começar a frequentar o prédio em que Willian morava na Filadélfia, decidiu comprar o imóvel para ajudar os moradores que ali viviam, pedindo que Beth fosse sua sócia. Ela aceitou, já que trabalhava nesse ramo, mas, ao ser demitida do cargo que ocupava por 12 anos, Beth também começou a se questionar sobre sua vida e a pensar no sonho de ser bailarina que deixou para trás. Concomitantemente, Randall decidiu se candidatar para as eleições na Filadélfia.

A decisão de Randall iniciou uma gradual crise no casamento, uma vez que ele começou a se desdobrar entre sua casa e as viagens para Filadélfia, mais uma vez exigindo

que Beth o apoiasse e se juntasse à campanha, o que ela fez até o ponto em que essa escolha começou a atrapalhar a rotina familiar e ela pediu para que ele desistisse.

Entretanto, Randall insistiu em continuar a campanha e Beth cedeu, voltando a apoiá-lo. Nesse período, ela começou a dar aulas de dança, o que Randall incentivou, embora demonstrasse a preocupação que tinha nas implicações disso quando ele fosse eleito. Com os dois vivenciando seus respectivos momentos profissionais, passaram a se revezar no cuidado com as filhas e com a casa, pouco se vendo na rotina do dia a dia. Nesse contexto, e pensando em alternativas para não contratarem uma babá, Randall propôs que Beth desse uma pausa no seu trabalho como professora.

*Randall – [...] os horários como professora, durante a noite e fim de semana, é quando as garotas estão aqui, quando mais precisam de nós. E eu estava pensando se... podíamos dar uma pausa no seu novo trabalho. Mas não é para sempre, certo? E conseguirmos trabalhos normais para poder ficar com elas.*

*Beth – Então, você vive seu sonho, e eu tenho que... desistir do meu?*

Anteriormente, Beth também teve de abdicar de seu trabalho para cuidar das filhas pequenas enquanto o marido trabalhava fora. Como ela não aceitou a proposta de Randall, os compromissos do trabalho de ambos começaram a coincidir, gerando conflitos e tensão na rotina familiar.

### **8. 5. 2. – A ansiedade de Randall na conjugalidade com Beth**

Beth sabia das crises de ansiedade do marido antes de se casar com ele, uma vez que Rebecca lhe contou como Randall ficava ansioso quando criança, assegurando que ela acalmava Randall: “*Há 7 anos, quando te conheceu, ele me ligou. Me contou que não sentia mais aquele medo*”. Kevin também lhe afirmou a mesma coisa quando ela se sentiu insegura para lidar com a ansiedade dele quando decidiram dar início ao processo de adoção de Deja.

A primeira vez que presenciou uma crise de ansiedade do marido foi pouco antes do nascimento de Tess, a primeira filha do casal. Mesmo estando grávida, Beth teve de acudir o parceiro, o que a assustou por vê-lo em um estado em que não enxergava nada, nem mesmo ela. Depois disso, evitou compartilhar suas próprias ansiedades com a gravidez por temer que ele entrasse em crise outra vez.

Aliás, em várias situações Beth evitou colocar suas questões pessoais na relação em meio ao que acontecia na vida de Randall, como quando ele ficou sobrecarregado no trabalho e com suas questões familiares, tendo outro ataque de ansiedade.

Desde adolescente Randall tinha ciência de seu estado ansioso, compartilhando com o pai a preocupação de como iria conciliar isso com a família que pretendia ter:

*Me assusta a ideia de... sabe? Fazer algo importante na minha vida. Sabe como eu fico quando fico concentrado. É como... é como se eu não conseguisse enxergar mais nada. E eu olho para você e a mãe, a nossa família... E eu quero isso também.*

Essa preocupação de Randall foi se evidenciando ao longo do casamento com Beth, assim como sua tendência a planejar cada momento. Isso pode ser visto, por exemplo, nos momentos em que os dois tinham um tempo como casal, longe das filhas, do pai biológico de Randall e de Kevin, nos quais Randall colocava seus planos a frente da esposa. Randall planejou como deveriam aproveitar a noite, desde como fariam sexo, o que assistiriam, até que horas dormiriam.

Nessa mesma ocasião, em que Beth pensou que poderia estar grávida e queria que ele lhe acalmasse, a tendência de Randall em planejar toda a vida deles se mostrou outra vez, já que ele tinha planejado que iriam se mudar para Charleston quando se aposentassem e as filhas fossem para a faculdade. Conhecer os planos do parceiro fizeram com que Beth se sentisse não acolhida, já que tinha planos pessoais de voltar a trabalhar, o que com a vinda de outro filho, teria de abdicar.

Os conflitos deles enquanto casal começam a surgir a partir daí, mas os mesmos foram colocados de lado por Beth não estar de fato grávida. Quando Beth conseguiu colocar seus desejos e aspirações na relação, como o de voltar a dançar, ela e Randall entraram novamente em conflito, voltando para as questões que permearam a relação desde seu início:

*Randall – [...] Certo, me diz, em qual universo eu venho te ignorando nos últimos 20 anos? Sua personalidade gira em torno de ser a cabeça dessa família. Então, vou perguntar de novo: em qual ridículo universo eu venho te ignorando? E não são minhas palavras, Beth. É o que você está falando. Então, por favor, não aja na defensiva enquanto joga a culpa em mim.*

*Beth - Não estou fazendo isso.*

*Randall - Está sim. Não serei culpado por ter se descoberto 20 anos atrasada. Em qualquer época da nossa relação, se tivesse decidido voltar a dançar, eu teria te dado todo meu apoio.*

*Beth - Oh, quando eu poderia ter falado? Entre seus ataques de ansiedade?*

Depois dessa grande discussão, Randall começou a dormir em seu escritório na Filadélfia, e a voltar para casa para ajudar nos cuidados com as filhas. Disposto a não se separar de Beth e a consertar a situação, Randall abdicou de sua vaga como vereador para voltar para o casamento. Beth também não queria se separar e por isso procurou escolas na Filadélfia em que pudesse ministrar aulas de dança. Os dois fizeram as pazes de modo que Randall voltou ao cargo e eles se mudaram para a Filadélfia.

### **8. 5. 3 - A parentalidade para Randall e Beth**

Randall e Beth tiveram duas filhas biológicas: Tess, de 10 anos e Annie (sabe-se apenas que ela é a filha mais nova do casal). Antes do nascimento de Tess, Randall ficou ansioso por sentir que não daria conta de ser um bom pai, pensando na filha como todo um universo, o que seria demais para ele lidar. Mas, ao pegar a filha no colo, Randall se acalmou. Pensou em homenagear Jack dando o nome do pai caso fosse um menino ou um nome de menina com a inicial “J”, como Jasmine. Contudo, Rebecca o incentivou a esperar que o nome viesse até ele, de modo que Randall decidiu chamar a filha de Tessana, uma referência ao ventilador que ele foi comprar e pelo qual estava obcecado em deixar pronto para a vinda da filha.

Não há informações sobre como foi a gravidez da segunda filha do casal.

Enquanto pais, tanto Randall como Beth, buscavam conversar com as filhas, estarem presentes, participarem de suas atividades pessoais e inclui-las em assuntos importantes, como, por exemplo, a doença que Willian estava enfrentando e que ele era avô delas. Após a morte de Willian, Randall tomou a decisão de adotar uma criança, enxergando em tal ato uma maneira de retribuir o que seus pais adotivos fizeram por ele. Inicialmente Randall queria adotar um bebê para imitar o gesto de seus pais adotivos. Beth se mostrou um pouco na esquiwa para a adoção, comunicando que se sentiria melhor se adotassem um adolescente, alguém que estivesse em uma situação vulnerável e precisasse deles.

Cabe lembrar que a família de Beth acolheu sua prima (Zoe) no período da adolescência, momento em que ela se encontrava em uma situação vulnerável devido aos abusos que sofreu por parte do pai, passando a ser criada como filha pelos pais de Beth.

Inicialmente, Randall se mostrou ansioso com a ideia, mas entendeu a proposta da parceira, dando início ao processo de adoção. Ofereceram um lar temporário para Deja, uma adolescente de 12 anos que tinha sido deixada para adoção devido a sua mãe estar presa. Deja já tinha passado por vários lares antes de ser acolhida por eles, tendo sofrido abuso em um desses lugares. Por isso, ficou na defensiva, mostrando o incômodo que sentia ao ser tocada e não aceitando o novo lar. Além disso, ainda estava muito vinculada à mãe biológica. Como nos Estados Unidos é possível manter contato com a família biológica nesses casos, Deja visitava sua mãe, com a vigília de Randall.

Beth e Randall se esforçaram para mostrar que ela estava em um ambiente seguro. Randall queria tanto que o processo desse certo que se esforçava na dedicação à Deja, ressaltando o quanto eles eram parecidos e que um dia ela poderia ter a vida que ele tinha, se ela permitisse que ele fosse seu pai. Depois de várias complicações devido aos problemas da mãe, Deja finalmente foi adotada oficialmente pelo casal, se deixando ser cuidada por eles e construindo um vínculo fraterno com Tess e Annie.

#### **8. 5. 4 – Interpretando a construção da identidade e conjugalidade de Randall**

Randall, como terceiro, entrou no lugar de um outro/morto na família Pearson, quase como se isso colaborasse para a sensação de exclusão que o acompanhou durante sua vida, mesmo na tentativa dos pais de inseri-lo dentro do grupo. Isso, pois, ainda que Randall não fosse filho biológico de Rebecca e Jack, os dois se vincularam a ele, de maneira a investi-lo e inseri-lo na família Pearson, transmitindo para ele tal como transmitiram conteúdos para os demais filhos. Pautadas em Levinzon (2014), inferimos que Rebecca e Jack foram capazes de adotar Randall no sentido da adoção necessária inerente a todo processo de filiação e à parentalidade, ocasionando, assim, um processo de transmissão. Essa transmissão foi possível por ser da ordem psíquica, e que conforme Rotenberg (2018) não tem menos interferência por não ser da ordem do biológico.

Desta forma, Randall veio a ocupar seu lugar como sujeito constituinte desse grupo (KAËS, 2011) e aceitar sua função, mas não sem deixar de pensar em suas origens biológicas e desejar conhecê-las. Nessa perspectiva, compreendemos que Rebecca, ao não revelar para ele e nem para o marido sobre essas origens e se esforçar para que o filho não sentisse falta de suas referências biológicas, contribuiu para que Randall continuasse nesse papel que lhe foi ofertado, o qual ele buscou cumprir com perfeição. Nesse ponto,

ele pareceu interpretar essa versão perfeita de si em intensidade, do mesmo modo que observamos que Kevin aprendeu a fazer com os pais.

Entendemos que isso contribuiu para o aparecimento de seus episódios de ansiedade, os quais denotam sua angústia em lidar com aquilo que foge ao seu controle e que está para além de seu conhecimento: o desconhecido de sua família de origem, mas também com os conteúdos e os não ditos que seus pais adotivos lhe transmitiram.

Assim, nos indagamos: seria a ansiedade de Randall uma ressonância do movimento familiar de manter um estado de coisas por meio de uma aliança inconsciente defensiva (KAËS, 2011, 2014), que, quando é abalado, gera mal-estares? Considerando que seus pais biológicos também eram adictos, pensamos na coincidência dele ter sido adotado também por uma família de adictos e de seu sintoma ter caminhado na direção da ansiedade, sendo algo que o atravessa e o imobiliza. Não obstante isso, Randall evidenciou estar em uma busca constante, pois continuou indo a lugares em que Willian e Jack estiveram e atrás de algo, embora, dentre os irmãos, tenha a vida mais estabelecida.

Identificamos que no movimento de Randall em adotar uma adolescente após a morte de Willian, houve uma transmissão em sua família adotiva do se tornar pai por meio da adoção. Mas também vemos um movimento similar ao de Jack ao encontrá-lo: ambos estavam em luto e tentando encontrar um sentido diante da falta. Assim, reconhecemos nesse processo de adoção uma idealização e uma continuidade do ser pai como Jack, o que demarca um movimento de transmissão intergeracional dessa forma de parentalidade (GRANJON, 2000; KAËS, 2011, 2014; TRACHTENBERG, 2017). No mais, consideramos interessante o fato de Deja ter sido adotada tal como ele como terceiro, denotando uma reprodução do modelo de sua família adotiva: dois filhos biológicos e um filho adotivo.

Neste ponto, mencionamos sua escolha por Beth, com quem ele pôde construir a sua família com referenciais negros. Aliás, antes dos 30 anos, Randall construiu com Beth a vida dos sonhos descrita por Kate e que ela e Kevin apenas vislumbravam, desejando alcançar. Diante disso, refletimos que se para alguns sujeitos na contemporaneidade há um movimento de não repetir alguma característica da conjugalidade dos pais, percebemos que para Randall isso não foi visto como ruim.

Pelo contrário, pois, em sua escolha amorosa Randall buscou para parceira alguém que pudesse reproduzir com ele o modelo que presenciou dos pais e que tanto admirava, colocando para a esposa o que idealizou da união dos pais, querendo reproduzi-la em plena perfeição (KAËS, 2014; OLIVEIRA, 2014). Por sua vez, Beth trouxe consigo a

proposta contemporânea de igualdade e simetria entre os pares (GIDDENS, 1993), de não colocar tanto peso em uma relação, sendo mais relaxada em comparação com a tensão constante do marido.

Neste quesito, notamos que Beth, assim como sua prima (Zoe) representou a imagem da mulher contemporânea que buscou se dedicar a uma profissão e aos estudos, às realizações pessoais, conforme apontado por Badinter (2011), adiando ou preterindo a maternidade em nome de uma carreira.

Contudo, Beth abdicou disso por alguns momentos para poder ficar em casa e cuidar das filhas, assim como Rebecca e Kate também abdicaram de algo, o que nos leva a supor nela a existência de um traço da identidade feminina do passado mencionada por Bassanezi (2000), Del Priore (2006), Giddens (1993), Mezan (2003), Ramos (2003) que a levou a atender ao chamado para retornar ao lar e exercer uma função de cuidado do mesmo e do marido. Contudo, isso não ocorreu sem sofrimento, uma vez que seu desejo por voltar a investir em algo para si mesma causou conflitos internos sobre seu papel materno e em sua relação com Randall. Desta forma, Beth nos remete ao apontamento de Badinter (2011) e de Gomes (2013) sobre o desafio para a mulher contemporânea de conciliar a realização pessoal no trabalho com as exigências maternas.

Todavia, também identificamos no casal a tentativa de passar a igualdade no exercício da parentalidade, tal como percebido por Campana e Gomes (2017). Nesse quesito, vemos Randall presente para as filhas e cuidando delas quando ficou desempregado, de modo a dividir as funções com Beth nesse momento.

Esses aspectos se apresentaram de alguma forma na relação de Jack e Rebecca, visto que os dois tentaram dividir os cuidados com os filhos, se fizeram presentes para eles. Porém, Jack e Rebecca, assim como Beth e Randall, se depararam com os dilemas de sustentar uma relação nesses moldes, já que em algum ponto um acaba fazendo mais do que o outro. No caso, as mulheres, como vimos acontecer com Beth e Rebecca. Esses dados vão ao encontro às observações de Jablonski (2010) sobre a divergência entre o pretendido e o que acontece na prática entre os cônjuges na divisão de tarefas. Mas, se o autor constatou que isso não se constituiu em fonte de conflitos, percebemos incômodos e conflitos devido a esses fatores em ambos os casais, principalmente quando a mulher se engajou em algo próprio. Portanto, depreendemos que há um desconforto nesses homens quando as mulheres começaram a se movimentar. Coincidentemente, as brigas entre os dois se assemelham à grande briga de Jack e Rebecca, quando esta resolveu sair do seu

papel de mãe e esposa para fazer algo por si mesma, tal como Beth tentou fazer ao retomar seu sonho de ser bailarina.

A partir disso, adentramos no impasse existente na conjugalidade, explicitado nas palavras de Randall: “*Nós temos uma briga dessas a cada poucos anos*”, pois a proposta de igualdade de Beth não foi contemplada em várias situações, embora Randall tenha se colocado como um marido que a apoiava. Neste ponto, observamos que ambos se colocam em lugares semelhantes em que Jack e Rebecca se colocavam, indicando a interferência desses pais nessa relação, como fica implícito no trecho abaixo:

*Beth - [...] Você me transformou na sua mãe.*

*Randall- Beth, não meta ela nisso.*

*Beth - Ela já está. Você não percebe, mas ambos estão [...].*

Mas também constatamos uma intromissão de Kevin e Kate nos assuntos conjugais: “*Kate, este não é um momento do ‘the big three’*” (Beth).

Assim, verificamos a presença desse entorno familiar na conjugalidade construída entre Beth e Randall. Destarte, o acordo amoroso empreendido entre os dois, embora apresente aspectos do contemporâneo e das referências da família de origem de Beth, aspectos estes que poderiam transformar o modelo do casal parental carregado por Randall, verificamos que a influência de Jack e Rebecca é muito presente. Randall parece ainda não ter elaborado totalmente esse modelo, para o qual Beth foi chamada, o que denota uma dificuldade em abdicar desse modelo amoroso, tal como mencionado por Kaës (2014). Há, assim, uma influência dos modelos de relação que foram transmitidos pela família Pearson, bem como dos papéis sociais, denotando uma transmissão da ordem intergeracional (GRANJON, 2000; KAËS, 2011, 2014; TRACHTENBERG, 2017). Esse conteúdo conjugal inviabilizou que construíssem algo completamente inédito (KAËS, 2014; MAGALHÃES; FERÉS-CARNEIRO, 2003; OLIVEIRA, 2014).

Em concomitância, constatamos a interferência da ansiedade de Randall na relação, gerando a impressão de que Beth precisou se colocar diante dele de forma cuidadosa para manter um certo equilíbrio na rotina conjugal, temendo uma possível crise do marido, o que a colocou em segundo plano na relação, já que as questões de Randall ficam em evidência, conforme podemos perceber no seguinte diálogo entre ela e o pai biológico de Randall (Willian):

*Beth - Deus! Quando Kevin ligou, eu... Se ele não tivesse corrido para encontrá-lo... Não sei se posso ajudá-lo a passar por isso de novo.*

*Willian - Claro que pode. Você é o baixo.*

*Beth - Eu sou o quê?*

*Willian - É o instrumento mais silencioso do quarteto do jazz. O solo recebe toda a fama, mas o baixo segura as pontas.*

Desta forma, Randall, assim como Kate, sobrecarregou a relação com seu sintoma. De modo semelhante à Toby, Beth também não conseguiu sair da posição de apoio, ou de baixo, como na alusão feita por Willian. Por conseguinte, o sintoma de Randall se apresentou também como um assunto no qual Beth não pode tocar justamente porque poderia desencadear uma nova crise. Não obstante isso, quando algo de Beth veio à tona, “*a harmonia*” entre os dois foi estremecida. Pensando nisso, e aludindo ao fato de que as mudanças advindas de alguma das partes do vínculo coincidir com aquilo que o sustenta inconscientemente (KAËS, 2011, 2014), pensamos que essa modificação na estrutura vincular poderia ser vista, por exemplo, quando Beth expôs também seus conflitos, abalando o acordo estabelecido.

Destarte, depreendemos que a ansiedade consistiu em um conteúdo que compõe a conjugalidade de Randall e Beth, se referindo a algo da ordem do não compartilhável que organiza e mantém esse vínculo. Assim, a continuidade conjugal dependeu de que Beth assumisse essa postura de cuidado. Porém, se Beth conseguiu sustentar esta demanda, também explicitou um sofrimento em abdicar de suas questões e em não poder colocá-las em evidência e ser acolhida pelo parceiro.

Portanto, esses aspectos demarcam também a presença de um pacto denegativo (KAËS, 2011, 2014) na relação de Randall com a esposa, visando manter a defesa dos Pearsons. Apesar do sofrimento e dos conflitos que isso lhe acarreta, Beth sustenta esse acordo.

Apesar da crise que o movimento de Beth trouxe, o casal conseguiu olhar para a relação e para os aspectos que eram camuflados, escolhendo um caminho para estarem juntos e que englobasse a necessidade profissional de ambos. Compreendemos que isso foi possibilitado pela estrutura vincular que construíram, por algo desse compartilhamento inconsciente, que, apesar de demarcar uma repetição da relação de Jack e Rebecca, se abriu para superar esse período de crise. Por outro lado, cabe ressaltar a relevância da família que construíram, isto é, suas filhas, como um fator que teve influência para se manterem casados, o que corrobora com o estudo de Emidio e Souza (2019) sobre os filhos terem relevância para a manutenção conjugal na atualidade.

## 9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do presente estudo e considerando a história genealógica da família Pearson, foi possível perceber a influência da transmissão psíquica entre as gerações. Se por um lado, observamos sujeitos que se subjetivaram em um contexto em que as opções conjugais eram outras, bem como os papéis femininos e masculinos, percebemos similarmente uma terceira geração ainda muito influenciada por aqueles que lhes antecederam, pela organização desse grupo familiar e pelos lugares em que foram colocados.

Isso, pois, apesar do tempo transcorrido e de os costumes amorosos terem sido modificados, os valores, as tradições e os modelos das gerações precedentes apareceram enquanto componentes das relações da geração atual, o que, em nosso entendimento, ocorreu por meio da transmissão intergeracional. Uma vez que esses conteúdos são apreendidos e podem ser significados por aqueles que os recebem, adquirindo um significado próprio (GRANJON, 2000; KAËS, 2001, 2014; TRACHTENBERG, 2017), entendemos que a terceira geração se apropriou do modelo relacional anterior, se identificando com ele, a ponto de trazerem em seus discursos o desejo de vivenciarem uma relação tal como a de “seus pais”, o que gerou a busca de parceiros que possibilitassem isso. No que tange aos aspectos transgeracionais, esses foram percebidos principalmente na repetição dos sintomas de adicção, sendo passados de pais para filhos, sem possibilidade de elaboração pelas gerações anteriores. Além de alianças inconscientes defensivas visando a coesão familiar e conjugal presentes nas três gerações (BENGHOZI, 2010; CORREA, 2003; GRANJON, 2000; KAËS, 2001, 2014; TRACHTENBERG, 2017).

Também observamos, ao longo da análise do material, que a família Pearson se organizou a partir da figura de Jack, na qual Rebecca ocupou seu lugar de esposa e gerou os filhos para que construíssem a sua própria família. Entendemos a partir de Berenstein (2011) e de Kaës (2011) que Jack e Rebecca criaram uma configuração vincular na qual os sintomas e os acordos inconscientes só puderam ser entendidos dentro do contexto familiar e do sentido que tiveram para eles e seus filhos. Assim, sob a perspectiva da intersubjetividade (KAËS, 2001, 2011, 2014), depreendemos que os acometimentos de Kevin, Kate e Randall dizem respeito não apenas a eles, mas a todo o grupo familiar. Neste sentido, a manifestação de sintomas pela terceira geração consistiu na explicitação

de conteúdos não elaborados pelas gerações anteriores, ressoando em suas parcerias amorosas.

Acerca dos valores contemporâneos, foram evidenciados a liquidez e a facilidade em atar e desatar os laços, bem como o anseio de que uma relação com um outro venha a prejudicar algo do âmbito individual. Também encontramos a pretensão de maior simetria entre os pares, a coabitação antes do casamento, a escolha de parceiro baseada na qualidade afetiva e na satisfação, e a tentativa de uma parentalidade igualitária. Alguns desses valores também se apresentaram no casal parental, assim como aspectos do modelo tradicional se sobressaíram na conjugalidade dos filhos, como a dificuldade de implementar totalmente o modelo contemporâneo; a relevância de oficializar a união mediante o casamento e intencionando uma constituição familiar; e os filhos como motivo de manutenção da relação. Na mesma medida, esses traços se apresentaram na reprodução de alguns elementos dos papéis sociais femininos e masculinos do passado.

Assim, se nossa hipótese no início deste estudo girou em torno da interferência da transmissão psíquica na estruturação da conjugalidade, foi possível confirmar esses dados e compreender como ocorreu esse processo na família Pearson. Segundo os objetivos propostos, a construção da conjugalidade na terceira geração da família Pearson esteve mais atrelada à influência da transmissão psíquica embora acrescentando aspectos dos valores relacionais da atualidade. Os lugares designados a cada filho também foram determinantes na construção de suas subjetividades, na escolha dos parceiros e na conjugalidade estabelecida; bem como no projeto de construir uma família. Vale a ressalva de que Randall, justamente o filho adotivo, foi o que mais se aproximou da conjugalidade vivenciada pelos pais, inclusive optando também por adotar uma adolescente.

Compreendemos que o compartilhamento psíquico conjugal também abarcou os componentes da história individual dos parceiros escolhidos. Contudo, não puderam oferecer um elemento de continência psíquica para que Kate, Kevin e Randall fossem apoiados no processo de elaboração daquilo que receberam. Supomos que este elemento oportunizaria que os vínculos fossem modificados, progredindo para um novo pacto e uma construção própria desses casais. Entretanto, Kate, Randall e Kevin demonstraram a necessidade de configurar vínculos ancorados em alianças inconscientes defensivas. Portanto, suas relações apenas puderam ter continuidade enquanto o parceiro escolhido aceitou não saber e não abordar os sintomas de ansiedade e consumo excessivo de álcool ou comida, tomando seu lugar na sustentação sintomática da trama familiar dos Pearsons.

Nos indagamos se os Pearsons conseguiriam suportar o rompimento do movimento defensivo diante da transformação de suas relações e, por conseguinte, dos sintomas, para compartilharem tantos conteúdos guardados ao longo dos anos. Talvez essa seria a função de uma psicoterapia familiar (com Jack, Rebecca e os três filhos) como modo de prevenção da repetição ocorrida. O que, provavelmente, liberaria os filhos da terceira geração (Jack, Tess, Annie e Deja) dessa trama familiar.

Ao considerarmos Kate, Randall e Kevin enquanto sujeitos inscritos em uma genealogia familiar e em uma história social, foi possível refletir sobre como essas ressonâncias construídas se reatualizaram e apareceram sob novas roupagens em seus vínculos, e como a dimensão social e familiar teve influência nesse processo. Caso tivéssemos optado por analisarmos cada um individualmente em seus sintomas ou seus vínculos apenas pelo viés do contemporâneo, muitos desses elementos não teriam sido acessados. Portanto, entendemos que foi de suma importância explorar essas questões na dimensão familiar e social desses sujeitos.

Concluindo, esse estudo, ao evidenciar a dinâmica relacional ao longo das gerações, pretendeu contribuir para a complexidade inerente à construção da conjugalidade na contemporaneidade, que dado um período de transição, tem gerado conflitos e mal-estar nos envolvidos, demonstrado pelo viver cotidiano e as demandas na clínica de casal e família.

## REFERÊNCIAS

- ARÓS, A. C. S. P. C.; AIELLO VAISBERG, T. M. J. Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 3-16, 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151636872009000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872009000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 jul. 2019.
- BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. Tradução: Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos anos Dourados. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000. p. 607- 639.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BENGHOZI, P. **Malhagem, filiação e afiliação – Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social**. Tradução: Eunice Dutra Galery. 1 Ed. São Paulo: Vetor, 2010.
- BERENSTEIN, I. **Do ser ao fazer: curso sobre vincularidade**. Tradução: Monica Seincman. São Paulo: Via Lehera, 2011.
- BERTTRAN, D. E.; GOMES, I. C. A vincularidade enquanto malha e seu esgarçamento ante o luto. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 77-88, Jul. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679494X2013000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X2013000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 dez. 2019.
- BERTTRAN, D. E.; SANTOS, C. V. M.; GOMES, I. C. As falhas ambientais e o processo de amadurecimento emocional: uma análise ilustrativa a partir de uma produção fílmica. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 36, n. 1, p. 37-50, Jan./Jun 2015. DOI 10.5433/1679-0383.2014v36n1p37. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/22226>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- BIFFI, M. **Narrativas de jovens casais sobre o projeto de ter filhos na contemporaneidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2014.
- BIRMAN, J. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.40 n.72, p.47-62, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010358352007000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352007000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 jul. 2018.
- BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.66, n.3, p. 89 – 103, 2014. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180952672014000300008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672014000300008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 mai. 2019.

CAMPANA, N. T. C; GOMES, I. C. O exercício parental contemporâneo e a rede de cuidados na primeira infância. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22, n.3, p. 449-460, 2017. DOI <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i3.35067> Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/35067/pdf>. Acesso em 03 Abr. 2019.

CORREA, O. B. R. Transmissão psíquica entre as gerações. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14 n.3, p. 35-45, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a04.pdf>. Acesso em 20 jul. 2018.

COSTA, J. R. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, J. R. **Ordem médica e norma familiar**. 5 Ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2004.

CYPEL, L. R. C. Psicanálise dos vínculos de família e casal e a subjetivação do indivíduo nos tempos atuais. *In*: GOMES, I. C; FERNANDES, M. I. A.; LEVISKY, R. B. (orgs.) **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Escuta, 2016, p. 65- 76,

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

EMIDIO, T. S; SOUZA, J. B. F. Até que algo os separe: um estudo sobre o estabelecimento e a manutenção do casamento na contemporaneidade. **Revista Vínculo** [online], vol. 16, n. 1, p. 98-112, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.32467/issn.1982-1492v16n1p98-113>. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902019000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902019000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: Out. de 2020.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 10 jul. 2018.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. *In*: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 81 – 108. (Originalmente publicado em 1914).

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOMES, I. C. Conflitos conjugais e transmissão psíquica geracional: das históricas de Freud à mulher atual. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casal e família: transmissão, conflito e violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, p.177 - 189.

- GOMES, I. C.; LEVY, L. O mal-estar e a complexidade da parentalidade contemporânea. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 217-238, 2009.
- GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. *In*: CORREA, O. B. R. (org.) **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 17 - 43.
- HAN, B. **Agonia do Eros**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n.2, 262 – 275, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932010000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mai. 2019.
- KAËS, R. Introdução: o sujeito da herança. *In*: KAËS, R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 9 - 25.
- KAËS, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. *In*: KAËS, R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 27 - 69.
- KAËS, R. **Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Loyola, 2011.
- KAËS, R. **As alianças inconscientes**. Tradução: José Luis Cazarotto. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a Psicanálise**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEVINZON, G. K. Adoção e transmissão psíquica. *In*: LEVISKY, R. B.; GOMES, I. C.; FERNANDES, M. I. A. (orgs.) **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal. As vicissitudes da família atual**. Vol. 2. São Paulo: Zagodoni Editora, 2014, p. 109-122.
- LEVINZON, G. K. Thirteen reasons why: suicídio em adolescentes. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 51, n. 95, p. 297-306, Dez. 2018. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010358352018000200024&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352018000200024&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 12 dez. 2019.
- LINS, R. N. **O livro do amor volume 2: do Iluminismo à Atualidade**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.
- LINS, R. N. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. A conjugalidade na série identificatória: a experiência amorosa e a recriação do eu. **Pulsional – Revista de Psicanálise**, ano XVI, n. 176, p. 41-50, Dez. 2003.

MEZAN, R. Que significa “pesquisa” em psicanálise? *In*: SILVA, M. E. L. **Investigação e Psicanálise**. Campinas-SP: Papirus, 1993, p.49 -89.

MEZAN, R. Adão e sua costela: busca da felicidade e a crise atual no casamento. *In*: GOMES, B. P. (org.). **Vínculos amorosos contemporâneos** – Psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003. p. 159-171.

MEZAN, R. **Interfaces da Psicanálise**. 2 Ed. São Paulo: Blucher, 2019.

MOGUILLANSKY, R.; NUSSBAUM, S. L. **Psicanálise Vincular: teoria e clínica**. Vol. 1: Fundamentos teóricos e abordagem clínica do casal e da família. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011.

OLIVEIRA, C. F. A. **Transmissão psíquica de elementos traumáticos na conjugalidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

OZÓRIO, C. D.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: do modelo tradicional ao contemporâneo. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 21, n.1, p.19 - 32, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679494X2017000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X2017000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 mai. 2019.

PASSOS, M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. *In*: FERÊS-CARNEIRO, T. (org.) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005, p. 11-23.

RAMOS, M. Novas parcerias, novos conflitos. *In*: GOMES, B. P. (org.). **Vínculos amorosos contemporâneos** – Psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003. p. 57-75.

REZENDE, A. M. A investigação em Psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. *In*: SILVA, M. E. L. **Investigação e Psicanálise**. Campinas-SP: Papirus, 1993, p. 103 – 118.

ROSSI, C. Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. *In*: GOMES, P. B. (org.). **Vínculos Amorosos Contemporâneos** – Psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003. cap. 5, p. 77-108.

ROTENBERG, E. B. A transmissão inconsciente da mãe adotante ao filho adotivo. *In*: LEVINZON, G. K.; LISONDO, A. D. (orgs.) **Adoção: desafios da contemporaneidade**. São Paulo: Blucher, 2018, p. 87- 98.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

SANTOS, C. V. M.; GOMES, I. C. The L Word – Discussões em torno da parentalidade lésbica. **Psicologia Ciência e profissão**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 101 – 115, Mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000092014>. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932016000100101&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932016000100101&lng=en&nrm=iso). Acesso em 12 dez. 2019.

TELLES, S. **O psicanalista vai ao cinema: artigos e ensaios sobre psicanálise e cinema**. São Paulo: Casa do Psicólogo; São Carlos, EdUfscar, 2004.

THIS is us. Produção: Dan Fogelman, Jess Rosenthal, Donald Todd, Ken Olin, Charlie Gogolak, John Requa, Glenn Ficarra, Issac Aptaker, Elizabeth Berger e Kay Oyegun. Estados Unidos, NBC, 2016. Temporadas: 5. Episódios: 78.

TRACHTENBERG, A. R. C. Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol. 51, n. 2, p. 77-89, 2017. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/04/881892/ana-rosa-chait-trachtenberg1.pdf> Acesso em fev. 2021.

ZANETTI, S. A. S. **A opção por não se vincular amorosamente de maneira compromissada entre as condições de existência contemporâneas e a herança psíquica geracional**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.